

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

DANIEL HENRIQUE SARMENTO

**GRAFIPAR E O SUCESSO DOS QUADRINHOS ERÓTICOS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2012

DANIEL HENRIQUE SARMENTO

## **GRAFIPAR E O SUCESSO DOS QUADRINHOS ERÓTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Design Gráfico do Departamento Acadêmico de Design Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Doutor Luciano Henrique Ferreira da Silva

CURITIBA

2012

*A todos que fizeram parte da história dos quadrinhos nacionais e aqueles que continuam nessa árdua tarefa. Aos leitores e apreciadores dessa arte.*

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**TRABALHO DE DIPLOMAÇÃO Nº 514**

**“GRAFIPAR E O SUCESSO DOS QUADRINHOS ERÓTICOS”**  
por

**DANIEL HENRIQUE SARMENTO**

Trabalho de Diplomação apresentado no dia 26 de Outubro de 2012 como requisito parcial para a obtenção do título de TECNÓLOGO EM DESIGN GRÁFICO do curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O aluno foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo, que após deliberação, consideraram o trabalho aprovado.

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof.(a) MSc. Simone Landal  
DADIN – UTFPR

\_\_\_\_\_  
Prof.(a) MSc. Liber Eugênio Paz  
DADIN – UTFPR

\_\_\_\_\_  
Prof.(a) Dr. Luciano Henrique Ferreira da Silva  
*Orientador (a)*  
DADIN - UTFPR

\_\_\_\_\_  
Prof.(a) MSc. Daniela Fernanda Ferreira da Silva  
Professor Responsável pela Disciplina TD  
DADIN – UTFPR

**“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”**

## **AGRADECIMENTOS**

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Agradeço ao meu orientador Prof. Luciano Henrique Ferreira da Silva, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória e por abrir minha mente para o mundo de possibilidades e riquezas dentro do universo dos Quadrinhos.

Ao vários colaboradores, internautas e anônimos que me orientaram na tarefa difícil de encontrar materiais necessários para a pesquisa, muitas vezes cedendo-os como a mais boa vontade e dedicação.

Ao quadrinista Mozart Couto, colaborador da editora Grafipar, pelo depoimento breve de sua participação na editora.

E a todos que acharam o tema interessante, polêmico e inovador, incentivando-me de alguma forma.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

SARMENTO, Daniel. **Grafipar e o sucesso dos quadrinhos eróticos**. 2012. 138 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso Tecnologia em Design Gráfico - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

Este trabalho tem como objetivo analisar os quadrinhos do gênero erótico, produzidos pela editora Grafipar, localizada em Curitiba, no final da década de 70 e publicados entre os anos de 1978 a 1983. Verificou-se inicialmente como era a relação entre o produto HQ e seu contexto social, histórico e como foi o processo de inserção dos quadrinhos considerados eróticos, no Brasil, sua comercialização e produção. Com isso pode-se discutir temas polêmicos, como a questão da pornografia e do erotismo, a partir da ótica de alguns especialistas, no intuito de desmistificar algumas ideias “pré-concebidas” e entender melhor sobre o assunto e suas particularidades. Outro tema abordado foi a participação e o uso da imagem feminina no contexto das HQs eróticas. Dentro da Grafipar buscou-se analisar suas HQs eróticas, sendo comentadas 25 revistas no total; seus principais e renomados colaboradores. Foram citadas também duas editoras importantes no cenário nacional das HQs adultas, as editoras Edrel e Ideia Editorial. Com essas informações, buscou-se compreender melhor a trajetória dos quadrinhos eróticos e sua explosão mercadológica a partir do sucesso alcançado pela editora Grafipar. A escolha pela editora remete a sua importância histórica pela luta em prol dos quadrinhos nacionais e sua vasta produção de HQs eróticas. E, por fim, o resultado da pesquisa foi disponibilizado em forma de um almanaque, com o objetivo final de servir como fonte pra eventuais e futuras pesquisas acerca do tema, contribuindo assim para sua importância dentro do estudo das HQs.

**Palavras-chave:** Grafipar. Quadrinhos. Erotismo. Design Gráfico.

## ABSTRACT

SARMENTO, Daniel. **Grafipar and success of erotic comics**. 2012. 138 pages. Completion of course work in Graphic Design Technology - Paraná Federal University of Technology. Curitiba, 2012.

This paper aims to examine the erotic comics of the genre produced by the publisher Grafipar, located in Curitiba in the late 70's, published between the years 1978 to 1983. It began as was the relationship between product HQ and its social context, history, and how was the process of integration of adult comics in Brazil, its marketing and production. With this you can discuss controversial issues such as the issue of pornography and erotica, from the view of some experts in order to clarify some preconceived ideas and better understanding on the subject and its peculiarities. Another topic was the participation and the use of the feminine image in the context of erotic comics. Within the Grafipar sought to analyze their erotic comics, magazines and commented 25 in total, its main contributors and renowned. Were also cited two major publishers in the national scenario of adult comics, publishers and Edrel Editorial Idea. With the information sought to better understand the history of erotic comics explosion and its marketing success from the publisher Grafipar. The choice by the publisher refers to its historical importance for the struggle for national comics and his vast production of erotic comics. And finally, the result of the research was provided in the form of an almanac with the ultimate goal of serving as a source for potential and future research on the subject, thus contributing to its importance in the study of comics.

**Keywords:** Grafipar. Comics. Eroticism. Graphic Design.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Revista Supersex nº 02. Edição Alemã. 1978. Editora Edifumetto. Itália. Fonte: Koti < <a href="http://koti.mbnet.fi/pe1/index.html">http://koti.mbnet.fi/pe1/index.html</a> > .....	21
Figura 02: Valentina em: Lanterna Mágica, pág.90. Guido Crepax. Editorial Lumen. 1978. Fonte: Coleção Particular (Daniel Henrique) .....	23
Figura 03: Druuna em: O Planeta Esquecido, pág. 38. Paolo Serpiere. Editora Bagueera. Fonte: Coleção Particular .....	24
Figura 04: Estupro. Carlos Zéfiro. 1983. Fonte: Carlos Zéfiro < <a href="http://www.carloszefiro.com">http://www.carloszefiro.com</a> > .....	28
Figura 05: <i>The Gumps</i> (“tira familiar”). Publishing: Sidney Smith: <i>Introducing “The Gumps”</i> 1917. Fonte: <i>The Graphic Novel</i> < <a href="http://graphicnovel.zachwhalen.net/content/family-strip-comics-1920s">http://graphicnovel.zachwhalen.net/content/family-strip-comics-1920s</a> > .....	31
Figura 06: Jane Pouca Roupa - Pin up. Mary Pett, 1952. Fonte: Cinema Clube Cauim < <a href="http://www.cineclubercauim.org/jornal/NUMERO%2012/jane.html">http://www.cineclubercauim.org/jornal/NUMERO%2012/jane.html</a> > .....	32
Figura 07: Lois Lane. Revista <i>Superman</i> nº 27. <i>DC Comics</i> .1944. Fonte: <i>Theskinnystiletto</i> < <a href="http://www.theskinnystiletto.com/wp-content/uploads/2011/07/lois-lane-2.png">http://www.theskinnystiletto.com/wp-content/uploads/2011/07/lois-lane-2.png</a> > .....	33
Figura 08: <i>Wonder Woman</i> (Mulher Maravilha). <i>Sensation Comics</i> nº 01 - <i>Wonder Woman</i> , <i>DC Comics</i> . 1942. Fonte: EW < <a href="http://www.ew.com/ew/gallery/0,20435861_20475505_20926907,00.html#20926907">http://www.ew.com/ew/gallery/0,20435861_20475505_20926907,00.html#20926907</a> > .....	34
Figura 09: <i>Secret Identity the Fetish Art of Superman’s</i> . Capa. 2009. Fonte: Universo HQ < <a href="http://www.universohq.com/quadrinhos/2009/n25052009_11.cfm">http://www.universohq.com/quadrinhos/2009/n25052009_11.cfm</a> > .....	36
Figuras 10, 11, 12 e 13: <i>Secret Identity the Fetish Art of Superman</i> - Ilustrações do livro: <i>Identidade Secreta: A Arte Fetichista do Superman</i> ; Co - Criador: Joe Shuster. Publisher: Harry N. Abrams. 2009. Fontes: Figura 09 < <a href="http://piscadegente.blogspot.com/2009/04/o-outro-lado-do-super-homem-por-joe.html">http://piscadegente.blogspot.com/2009/04/o-outro-lado-do-super-homem-por-joe.html</a> >; Figura 10 < <a href="http://heroinewatcher.blogspot.com/search/label/Joe%20Shuster">http://heroinewatcher.blogspot.com/search/label/Joe%20Shuster</a> >; Figura 11 < <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Shuster_Nights_of_Horror-17.jpg">http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Shuster_Nights_of_Horror-17.jpg</a> >; Figura 12 < <a href="http://wwwchamandosuperamigo.blogspot.com/2010/09/arte-erotica-de-joe-shuster-criador-do.html">http://wwwchamandosuperamigo.blogspot.com/2010/09/arte-erotica-de-joe-shuster-criador-do.html</a> > .....	37
Figura 14: Jane Pouca Roupa, Mary Pett, 1932. Fonte: Cinema Clube Cauim < <a href="http://www.cineclubercauim.org/jornal/NUMERO%2012/jane.html">http://www.cineclubercauim.org/jornal/NUMERO%2012/jane.html</a> > .....	42
Figura 15: Betty Boop, Bud Counihan. 23 de Outubro de 1934. Fonte: EN < <a href="http://en.wikipedia.org/wiki/Betty_Boop">http://en.wikipedia.org/wiki/Betty_Boop</a> > .....	43
Figuras 16 e 17: HQ <i>Sheena</i> , Capa. William Erwin Eisner. Coleção Clássicos. Editora Ebal. 1984. Fonte: Acervo Particular (anônimo); <i>Sheena, a rainha das selvas</i> . 1985. Fonte: < <a href="http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=4872">http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=4872</a> > .....	43
Figuras 18 e 19: <i>Barbarella e o robô insaciável</i> Aiktor. Jean Claude Forest 1966. Fonte: Splash Pages < <a href="http://splashpages.wordpress.com/2008/03/">http://splashpages.wordpress.com/2008/03/</a> >; Cartaz filme <i>Barbarella</i> . Jane Fonda. França. 1968. Fonte: <i>Wrong side of The Art</i> < <a href="http://www.wrongsideoftheart.com/?s=Barbarella">http://www.wrongsideoftheart.com/?s=Barbarella</a> > .....	44
Figuras 20, 21 e 22: <i>As aventuras de Jodelle</i> . Guy Peellaert, 1967. Fonte: Fantagraphics < <a href="http://www.fantagraphics.com/news/peellaert">http://www.fantagraphics.com/news/peellaert</a> >; <i>Pravda la surviveuse</i> , Guy Peellaert e Pascal Thomas. Edição nº 01. 1966. Fonte: Pedro Marques < <a href="http://pedromarquesdg">http://pedromarquesdg</a> >	

wordpress.com/2008/05/20/ 1968-ii/>; Jodelle, Guy Peellaert. 1967. Fonte: Fantagraphics < <a href="http://www.fantagraphics.com.br/news/Peellaert">http://www.fantagraphics.com.br/news/Peellaert</a> >.....	45
Figura 23 e 24: Naiara nº 01, capa, Nico Rosso. Editora Taika. 1967 Fonte: Mulheres e Quadrinhos < <a href="http://www.mulheresquadrinhos.blogspot.com.br/2004_06_01_archive.html">http://www.mulheresquadrinhos.blogspot.com.br/2004_06_01_archive.html</a> >; Mirza nº 07, Capa. Eugênio Colonnese. Coleção Mestres do Terror. Editora D'Arte. 1969. Fonte: Coleção Particular .....	46
Figura 25: Vampirella nº 01. Capa. Frank Frazetta. Setembro 1969. Fonte: <i>Good Comics</i> < <a href="http://goodcomics.comicbookresources.com/2010/05/10/frazetta-tribute-his-warren-covers-and-a-shining-knight-story/">http://goodcomics.comicbookresources.com/2010/05/10/frazetta-tribute-his-warren-covers-and-a-shining-knight-story/</a> > .....	47
Figuras 26, 27, 28, 29, 30 e 31: <i>Baghera</i> nº 01 " <i>La panthère noire</i> ", capa. Editora Evilfrance. 1977. Fonte: PonceTd < <a href="http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Baghera.htm#H-Baghera">http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Baghera.htm#H-Baghera</a> >; <i>Jacula</i> nº 01 " <i>La reine Des Vampires</i> ", capa. Editora Evilfrance. 1970. Fonte: PonceTd < <a href="http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Jacula.htm">http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Jacula.htm</a> >; <i>Lucifera</i> nº 01 " <i>Les Flames de L'enfer</i> ", capa. Editora Evilfrance. 1972. Fonte: PonceTd < <a href="http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/LUCIFERA/Lucifera.htm">http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/LUCIFERA/Lucifera.htm</a> >; <i>Shatane</i> nº 01 " <i>Le Génie du Mâle</i> ", capa. Editora Evilfrance. 1976. Fonte: PonceTd < <a href="http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Shatane.htm">http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Shatane.htm</a> >; <i>Maghella</i> nº 01 " <i>Une Vierge ne fait pas le printemps</i> ", capa. Editora Evilfrance. 1974. Fonte: PonceTd < <a href="http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Maghella.htm">http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Maghella.htm</a> >; <i>Isabella</i> nº 01 " <i>La Duchesse du Diable</i> ", capa. Editora Evilfrance. 1970. Fonte: PonceTd < <a href="http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Isabella.Htm">http://poncetd.perso.neuf.fr/Titres/Isabella.Htm</a> > .....	48
Figuras 32 e 33: Valentina em Lanterna Mágica, pág. 89. Editorial Lume. 1979. Fonte: Acervo particular (anônimo); Valentina Rosselli. Fonte: <i>Canibuk</i> < <a href="http://canibuk.wordpress.com/tag/quadrinhos-eroticos/">http://canibuk.wordpress.com/tag/quadrinhos-eroticos/</a> > .....	49
Figura 34: Pauletti nº 02, capa. Georges Pichard. França. 1970. Fonte: Intellectadesign < <a href="http://intellectadesign2.blogspot.com/2008/01/quadrinhos-eroticos-georges-pichard.html">http://intellectadesign2.blogspot.com/2008/01/quadrinhos-eroticos-georges-pichard.html</a> > .....	50
Figuras 35: Druuna Afrodísia, Ilustrações. Paolo Eleuteri Serpieri. Editora Heavy Metal. 1997. Fonte: Kafe Cultura <a href="http://kafekultura.blogspot.com/2009/07/paolo-serpieri-druuna.html">http://kafekultura.blogspot.com/2009/07/paolo-serpieri-druuna.html</a> >.....	51
Figura 36: Gioco, Milo Manara. HQ Clic nº 04, pág. 03. Versão portuguesa. Asa Editores. Junho de 2002. Fonte: Acervo Particular (anônimo) .....	52
Figura 37 e 38: Gullivera, Capa. Milo Manara. Edição Americana. Editora Eurotica. 1996. Fonte: Acervo Particular (anônimo); Borgia, o poder e o incesto, vol. nº 02. Milo Manara. Fonte: E-books Grátis <a href="http://ebooksgratis.com.br/quadrinhos/quadrinhos-eroticos-serie-os-borgia-milo-manara-3-volumes/">http://ebooksgratis.com.br/quadrinhos/quadrinhos-eroticos-serie-os-borgia-milo-manara-3-volumes/</a> > .....	52
Figura 39: Giovanna Casotto, capa livro. Editora Eros. 2006. Fonte: Comic House< <a href="http://www.omichouse.blog.br/2010/08/giovanna-da-giovanna-casotto.html">http://www.omichouse.blog.br/2010/08/giovanna-da-giovanna-casotto.html</a> >.....	53
Figura 40: Quadrinhos sendo levados à fogueira - década de 50. Fotografia. EUA. 1950. Fonte: Guia dos Quadrinhos< <a href="http://www.guiadosquadrinhos.com/blog/image.axd?picture=2011/4/Quadrinhos+sendo+levados+para+a+fogueira+nos+anos+50+nos+EUA.jpg">http://www.guiadosquadrinhos.com/blog/image.axd?picture=2011/4/Quadrinhos+sendo+levados+para+a+fogueira+nos+anos+50+nos+EUA.jpg</a> > .....	55
Figura 41: Selo de aprovação do código de ética. Ilustração. 1950. Fonte: Mania de Colecionador < <a href="http://www.Maniadecolecionador.com.br/comics%20code.htm">http://www.Maniadecolecionador.com.br/comics%20code.htm</a> > .....	57
Figura 42: Carlos Zéfiro, Capa Cd Barulhinho Bom. Marisa Monte. 1996. Fonte: Capa cd Barulhinho Bom – Marisa Monte. Particular (anônimo) .....	60
Figuras 43 e 44: Reuniões da Grafipar, foto. 1966. Fonte: Documentário: O Samurai de Curitiba. DVD particular. (Daniel Henrique) .....	70

Figuras 45, 46 e 47: HQ Estórias adultas nº 04, capa. Editora Edrel. 1969; HQ Estórias adultas nº 19, capa. Editora Edrel. 1972; HQ Estórias adultas nº 20, capa. Editora Edrel. 1972. Fontes: Cine clube cauim < <a href="http://www.cineclubecaum.org/jornal/NUMERO%208/estóriasadultas.html">http://www.cineclubecaum.org/jornal/NUMERO%208/estóriasadultas.html</a> > .....	72
Figura 48: HQ Tupãzinho nº 01, capa. Editora Pan Juvenil. 1966. Fonte: TB Produções Audiovisuais< <a href="http://tbproducoesaudiovisuais.blogspot.com/2009/12/morre-fundador-da-editora-edrel-e.html">http://tbproducoesaudiovisuais.blogspot.com/2009/12/morre-fundador-da-editora-edrel-e.html</a> > .....	73
Figuras 49, 50 e 51: HQ Frígida nº 06, capa. Ideia Editorial. 1980. Fonte: Gibiraro < <a href="http://www.gibiraro.com.br">http://www.gibiraro.com.br</a> > 2011; HQ Vampi nº 03, capa. Ideia Editorial 1980. Fonte: RS Raridades < <a href="http://www.rsraridades.com.br">www.rsraridades.com.br</a> > 2011; HQ Mascarado Traçador nº 03, capa. Ideia Editorial 1980. Fonte: RS Raridades <a href="http://www.rsraridades.com.br">www.rsraridades.com.br</a> > .....	74
Figura 52: Almanaque em Quadrinhos nº 01, capa. Editora Grafipar. 1981 Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	76
Figura 53: Aventuras em Quadrinhos nº 08 – Katy Apache, capa. Editora Grafipar. 1980. Fonte:Coleção particular (anônimo) .....	78
Figura 54: Clássicos Eróticos em Quadrinhos nº 01, capa. Editora Grafipar. 1981. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	79
Figura 55: Coleção Erótica Gigante nº 01, capa. Editora Grafipar. 1980. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	80
Figura 56: Contos das Safadas nº 21, capa. Editora Grafipar. 1980. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	81
Figura 57: Eros - Quadrinhos Eróticos nº 02, capa. Editora Grafipar. 1978. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	82
Figura 58: Eros – Especial de Quadrinhos nº 01, capa. Editora Grafipar. 1980. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	83
Figura 59: Fêmeas nº 04, capa. Editora Grafipar. 1979. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	84
Figura 60: Hulkão – Herói Erótico nº 05, capa. Editora Grafipar. 1981. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	85
Figura 61: Maria Erótica nº 01, capa. Editora Edrel. 1969. Fonte: internet – Universo HQ < <a href="http://www.universohq.com.br">www.universohq.com.br</a> > .....	86
Figuras 62 e 63: Maria Erótica nº 01, capa. Editora Grafipar. 1981; Maria Erótica nº 08, capa. Editora Grafipar. 1981. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	88
Figura 64: Neuros nº 01, capa. Editora Grafipar. 1979. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	90
Figura 65: O insaciável Garanhão nº 01, capa. Editora Grafipar. 1982. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	91
Figura 66: Perícia nº 05, capa. Editora Grafipar. 1979. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	92
Figura 67: Personal Humor nº 08, capa. Editora Grafipar. 1982. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	93
Figura 68: Playgay nº 01, capa. Editora Grafipar. 1982. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	94
Figura 69: Próton nº 01, capa. Editora Grafipar. 1979. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	95

Figura 70: Quadrinhos Eróticos nº 81, capa. Editora Grafipar. 1983. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	96
Figura 71: Quadrinhos Eróticos nº 02, capa. Editora Grafipar. 1980. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	97
Figura 72: Sexo em Quadrinhos nº 01, capa. Editora Grafipar. 1980. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	98
Figura 73: Sex Comics nº 01, capa. Editora Grafipar. 1981. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	99
Figura 74: Sex West nº 03, capa. Editora Grafipar. 1981. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	100
Figura 75 Super Gay nº 01, capa. Editora Grafipar. 1982. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	101
Figura 76 Taras Sexuais nº 01, capa. Editora Grafipar. 1981. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	102
Figura 77 Volúpia nº 02, capa. Editora Grafipar. 1980. Fonte: Coleção particular (anônimo) .....	103
Figura 78: Páginas do almanaque – lado direito e esquerdo. Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012 .....	107
Figura 79: Página do almanaque - lado esquerdo. Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012 .....	107
Figura 80: Projeto do Grid e legenda Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012 .....	108
Figura 81: mancha gráfica. Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012 .....	108
Figura 82: Imagem almanaque – uso do Photoscape. Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012 .....	109
Figura 83: Detalhes do almanaque - balões. Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012 .....	110
Figura 84: exemplos de sucesso da fonte <i>Comic Sans</i> Fonte: <a href="http://www.conversadepub.com/2012/01/leve-mais-serio-comic-sans.html">http://www.conversadepub.com/2012/01/leve-mais-serio-comic-sans.html</a> .....	111
Figura 85: <i>Fonte Comic Sans e Anime Ace</i> Fonte: particular .....	113
Figura 86: Detalhes HQ O Samurai - Claudio Seto. Editora Edrel. 1980. Fonte: Blog dos Quadrinhos< <a href="http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2008-05-01_2008-05-31.html">http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2008-05-01_2008-05-31.html</a> >.....	123
Figuras 87, 88, 89 e 90: Detalhes livro História de Curitiba em Quadrinhos, capa e págs. 65, 41 e 16. Volume 01 - Das origens à Proclamação da República. Claudio Seto e Cassiana Lacerda Carollo. 1993. Fonte: Coleção particular (anônimo).....	124
Figura 91: Álbum Flores Manchadas de Sangue, Claudio Seto, Editoras Jacarandá e Devir. 2009. Fonte: Blog dos Quadrinhos < <a href="http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2009-04-01_2009-04-30.html">http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2009-04-01_2009-04-30.html</a> > 2011 .....	125

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 QUADRINHOS ERÓTICOS OU SIMPLES PORNOGRAFIA?</b>	<b>17</b>
2.1 EROTISMO E (OU) PORNOGRAFIA?	19
2.2 REALISMOS PORNOGRÁFICOS DA FOTONOVELA ERÓTICA	20
2.3 DIFERENÇAS DE REPRESENTAÇÃO NOS QUADRINHOS ERÓTICOS	21
2.4 COMPLEMENTARIEDADE ENTRE EROTISMO E PORNOGRAFIA	25
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DO EROTISMO	29
<b>3 A EXPLORAÇÃO DO EROTISMO FEMININO NAS HQS</b>	<b>31</b>
3.1 A IMAGEM FEMININA NAS HQS	31
3.2 MUSAS DO EROTISMO	41
3.2.1 Jane Pouca Roupa	41
3.2.2 Betty Boop	42
3.2.3 Sheena	43
3.2.4 Barbarella	44
3.2.5 Pravda / Jodelle	44
3.2.6 Naiara/Mirza	45
3.2.7 Vampirella	46
3.2.8 <i>Fumetti Erotici</i>	47
3.2.9 Valentina	48
3.2.10 Paulette	49
3.2.11 Druuna	50
3.2.12 Gullivera	51
3.2.13 Giovanna	53
<b>4 O INÍCIO DOS QUADRINHOS ERÓTICOS NO BRASIL</b>	<b>54</b>
4.1 COMO ERAM VISTOS OS QUADRINHOS NO BRASIL – A CENSURA E O PRECONCEITO NA RELAÇÃO COM AS HQS E AS	54
4.2 CARLOS ZÉFIRO, EROTISMO À BRASILEIRA	57
<b>5 GRAFIPAR – O SUCESSO DOS QUADRINHOS ERÓTICOS</b>	<b>61</b>
<b>6 OUTRAS EDITORAS</b>	<b>71</b>
6.1 EDITORA EDREL	71
6.2 IDEIA EDITORIAL	73
<b>7 SOBRE AS HQS ERÓTICAS PRODUZIDAS PELA GRAFIPAR</b>	<b>75</b>
7.1 ALMANAQUE EM QUADRINHOS	76
7.2 AVENTURAS EM QUADRINHOS	77
7.3 CLÁSSICOS ERÓTICOS EM QUADRINHOS	78
7.4 COLEÇÃO ERÓTICA GIGANTE E QUADRINHOS ERÓTICOS GIGANTES	79
7.5 CONTOS DE SAFADAS	80
7.6 EROS – QUADRINHOS ERÓTICOS	81
7.7 ESPECIAL DE QUADRINHOS	82

7.8 FÊMEAS .....	83
7.9 HERÓI ERÓTICO .....	84
7.10 MARIA ERÓTICA .....	85
7.11 NEUROS .....	89
7.12 O INSACIÁVEL GARANHÃO .....	90
7.13 PERÍCIA .....	91
7.14 PERSONAL HUMOR .....	92
7.15 PLAYGAY .....	93
7.16 PRÓTON .....	94
7.17 QUADRINHOS ERÓTICOS .....	95
7.18 SERTÃO E PAMPAS .....	96
7.19 SEXO EM QUADRINHOS .....	97
7.20 SEXY COMICS .....	99
7.21 SEXY WEST .....	99
7.22 SUPER GAY .....	100
7.23 TARAS SEXUAIS .....	101
7.24 VOLÚPIA .....	102
<b>8 CONCLUSÃO .....</b>	<b>104</b>
<b>9 PROJETO GRÁFICO DO ALMANAQUE .....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE A - NOVO PROJETO DE LEI n.º 6.060-2009, A LEI DAS HQS. ....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE B - PRINCIPAIS COLABORADORES DA EDITORA GRAFIPAR ...</b>	<b>122</b>
ATAÍDE BRAZ .....	122
CLAUDIO SETO .....	123
FLÁVIO COLIN .....	125
FRANCO DE ROSA .....	126
JULIO SHIMAMOTO .....	126
MOZART COUTO .....	127
NELSON PADRELA .....	128
LUIZ RETTAMOZO .....	128
RODVAL MATIAS .....	129
ROGÉRIO DIAS .....	129
SEBASTIAO SEABRA .....	130
WATSON PORTELA .....	130
<b>APÊNDICE C - TABELA DE DADOS DOS QUADRINHOS DA GRAFIPAR, APRESENTADAS NO ALMANAQUE .....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE D - FOTOS DO ALMANAQUE .....</b>	<b>135</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos sempre foram objetos de leitura e curiosidade, alcançado um público bastante amplo. Entre colecionadores e fanáticos por esses materiais, muitas pessoas, ainda que por um período breve, na infância ou na adolescência, teve um contato com algum tipo de quadrinho.

Porém as opiniões sobre as HQs nem sempre foram as melhores; Houve uma época na qual sua leitura era desaconselhada e até mesmo proibida.

Houve um tempo em que as histórias em quadrinhos, ou HQs, eram consideradas como má influência para os jovens, sendo discriminadas na escola pelos professores, pois temiam que elas atrapalhassem o rendimento escolar, na medida em que as crianças viessem a perder o gosto pela leitura de outras obras (...) (PENTEADO, 2007, pág. 03).

No âmbito do estudo dos quadrinhos a partir da ótica do Design Gráfico verificam-se vários elementos: traços, grafismos, as formas de enquadramento, cores e símbolos retratam características e estilos, como parte integrante do processo de criação e comunicação (MUCHÃO, 2005).

A grande quantidade de imagens, palavras, cores e da representação pictórica encontradas nas HQs, facilitam e tornam agradável sua leitura, atraindo principalmente o público jovem e manifestando sentimentos, pensamentos, críticas, desejos, curiosidades, etc., transmitindo valores e comportamentos de sua época. (VIANA, 2008).

Sua valorização é evidente, porém o número de acervos e a disponibilidade aos leitores ainda são escassos no País. No Brasil há pouquíssimas Gibitecas, com destaque a Gibiteca da cidade de Curitiba, tendo sido a primeira no País. Na trajetória das HQs<sup>1</sup> tupiniquins, editoras pequenas e produções de tiragens reduzidas apareceram e em curtíssimo tempo desapareceram do mercado editorial. Muitas publicações acabaram sendo destruídas ou esquecidas pelo tempo, memórias e registro.

---

<sup>1</sup> Para efeito de simplificação, foi utilizado o termo história em quadrinhos da forma abreviada, conforme observado na literatura referente.

Entre as variadas temáticas nos quadrinhos, a pesquisa dos quadrinhos eróticos é ainda mais fragmentada. Não existe um número correto acerca da produção brasileira. Algumas revistas foram publicadas e distribuídas de forma clandestina ou esquecidas por falta de interesse. Outras HQs estão na mão de poucos colecionadores, restringindo assim o seu acesso.

Sabe-se que os consumidores dos quadrinhos eróticos fazem parte de um público heterogêneo, exigente e analítico, que busca autores competentes que saibam escrever bons roteiros com argumentos criativos, uma diagramação e arte expressiva (VERGUEIRO, 1998). Verifica-se também a extensa produção dessas HQs e sua larga comercialização<sup>2</sup>.

A partir de ideias e estudos de pesquisadores é discutida a possível correlação entre a pornografia e o erotismo, e como o quadrinho considerado erótico está presente nessa correlação, sendo interpretado e compreendido dentro do contexto social e cultural atualmente.

Assim torna-se necessário também uma verificação breve sobre como foi a relação dos leitores e da sociedade perante os quadrinhos e como os primeiros quadrinhos eróticos eram confeccionados e comercializados aqui no País. Essa análise é importante para verificarmos o processo evolutivo de sua produção e como esse processo resultou no mercado de quadrinhos nacionais, seu diferencial e suas características atuais.

Ao verificar a trajetória da evolução gráfica e o sucesso mercadológico dos quadrinhos eróticos deve-se destacar a já extinta Editora Grafipar<sup>3</sup>, pioneira na região Sul e com sede em Curitiba, sendo a primeira grande editora a sair do eixo Rio - São Paulo (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Da vasta produção de quadrinhos eróticos na editora, veem-se personagens

---

<sup>2</sup> Waldomiro Vergueiro analisa em seu livro, *Histórias em quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa*, como os quadrinhos eróticos foram se aprimorando de acordo com a crescente exigência e demanda do público consumidor.

<sup>3</sup> A editora foi fundada inicialmente em 1958 pelo empresário, bastante conhecido dentro da colônia árabe de Curitiba, Said El-Kathib, com o nome de Garantia Cultural e sendo uma das primeiras empresas brasileiras em vendas de coleções de livros culturais e didáticos. Em 1969 a Garantia Cultural vem a se tornar a editora Grafipar – Gráfica Editora Paraná Cultural. GONÇALO JUNIOR. **A guerra dos Gibis 2: Maria Erótica e o clamor do sexo**; Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, 2010.

importantes como *Maria Erótica*<sup>4</sup>, uma das mais bem-sucedidas e com 18 números publicados até 1982.

*Maria Erótica* foi uma personagem que lutava na busca de sua sexualidade reprimida pelas ideias conservadoras e machistas da época. Seus traços eram marcados por curvas e formas consideradas sensuais, tendo feito muito sucesso entre a juventude da década de 80 (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Analisando a pesquisa acerca dos quadrinhos eróticos nota-se que existe pouca informação e não há nenhuma pesquisa aprofundada acerca dos quadrinhos e da produção da editora Grafipar. A editora ficou conhecida pela vasta produção de quadrinhos eróticos, sua abrangência e sucesso no mercado nacional. Ela teve diversos colaboradores, de gerações distintas, os quais muitos deles continuam atuar no cenário brasileiro dos HQs, as HQBs – História em Quadrinhos Brasileira.

Outro item a ser observado foi o período histórico brasileiro onde havia o regime militar e a censura, a qual, através da vigilância dos órgãos governamentais, controlava e fiscalizava todo tipo de comunicação veiculada, inclusive as HQs. A Grafipar também possuía uma posição muito forte e nacionalista na valorização dos quadrinhos brasileiros e em oposição aos quadrinhos importados (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Foram lançados mais de trinta títulos (entre eróticos ou não) em cinco anos de produção das HQs, totalizando quase 250 HQs publicadas. No total, entre funcionários fixos e colaboradores, passaram pela editora cerca de 400 colaboradores. Desse número foram então catalogadas 153 revistas, das quais apenas 01 dos títulos (*As Gatinhas do Sr. Shoo*, que teve apenas uma edição) não foi citado no trabalho por falta de informação e referência. Todo esse material foi recolhido em sebos e em arquivos digitalizados na internet. Pesquisado a gibiteca de Curitiba, verificou que a mesma não possui nenhum quadrinho com temas “eróticos”.

---

4 *Maria Erótica* foi uma personagem criada por Claudio Seto em 1969, ainda na época em que trabalhava na editora Edrel. “Na Grafipar foi relançada em Outubro de 1979 na HQ Especial de Quadrinhos nº 04, numa história longa e antológica com pivetes cariocas e delinquentes. O sucesso foi imediato e meses depois Maria ganharia sua própria revista.” DANTON, Gian. **Grafipar – a editora que saiu do eixo**. Omelete - resenhas e artigos. 2002. Disponível em: <[http://www.omelete.com.br/quadrinhos/artigos/base\\_para\\_artigos.asp?=403](http://www.omelete.com.br/quadrinhos/artigos/base_para_artigos.asp?=403)>. Acessado em 22 de Setembro de 2011. Participaram da sua confecção os profissionais: Claudio Seto, Mozart Couto, Watson Portela, Bonini, Sebastião Padrela, dentre outros. Foram publicados no total 18 números até o ano de 1982. Mais tarde foram publicados mais dois volumes da série: *O diário íntimo de Maria Erótica*, com temáticas mais adultas.

Assim foi disponibilizada no trabalho uma síntese do que era proposto por cada título da Grafipar, totalizando então uma análise de 25 títulos diferentes. O material Gráfico então foi disposto de forma variada, a partir da confecção de um almanaque, intitulado Grafipar e o sucesso dos quadrinhos eróticos, no intuito de se observar as características gráficas e as particularidades de cada título.

Também consta no trabalho, uma análise breve das editoras Edrel e Ideia Editorial<sup>5</sup>, importantes da época, as quais também produziam quadrinhos eróticos.

Discute-se também em outro capítulo como foi a participação feminina dentro das HQs, o surgimento dessas primeiras imagens dentro dos quadrinhos, e como essas imagens foram ganhando força, com o surgindo de várias personagens importantes.

O propósito do trabalho é conhecermos um pouco da história e trajetória das HQs consideradas eróticas, sua produção, comercialização, temáticas, etc., para que, possamos discutir e entender melhor esse gênero de quadrinho. É também resgatar a importância histórica da editora Grafipar dentro do mercado de HQs eróticas.

Tem-se a intenção de avaliar a participação das pessoas que, direta ou indiretamente, foram responsáveis pelo sucesso da editora, e quais foram os métodos e as soluções encontradas em meio a todos os obstáculos. Desta forma, foram citados os principais colaboradores, seu papel dentro da editora e procurou verificar também nos dias atuais a participação dos mesmos em projetos que envolvam os quadrinhos ou não.

Foram observados também quais os materiais básicos usados na confecção dessas HQs. Vale lembrar mais uma vez que existe pouca informação sobre a forma de produção das revistas da editora. Esses materiais estão disponibilizados também no almanaque para melhor visualização e compreensão.

O objetivo principal é comprovar o sucesso dos quadrinhos eróticos da editora Grafipar a partir do projeto gráfico, da preocupação e esforço por parte dos designers responsáveis, a partir de um “sonho” de uma produção independente,

---

<sup>5</sup> A editora Edrel foi fundada em 1966 por Minami Keize, Jinki Yamamoto e Salvador Bentivegna e também teve grande importância no cenário brasileiro, tendo sido a primeira editora a lançar quadrinhos eróticos genuinamente brasileiros. A Ideia Editorial foi fundada 1975, por Domingo Alzugaray e Claudio Souza, tendo sido uma concorrente direta da Grafipar com os HQs eróticos.

100% brasileira. (PADILHA; ROBER 2011). O objetivo final é apresentar e proporcionar maior conhecimento ao leitor sobre a evolução gráfica dos quadrinhos eróticos nacionais e como esses acontecimentos influenciaram no mercado das HQs nos dias de hoje.

## 2 QUADRINHOS ERÓTICOS OU SIMPLES PORNOGRAFIA?

Quando alguém visualiza um quadrinho em uma banca de jornal ou sebo, e se depara com a imagem de uma mulher sexy na capa; qual é a primeira impressão que lhe chega à mente? Ele sente algum receio e hesita em não folhear o seu conteúdo? O consumidor tem uma noção quanto à diferenciação de um conteúdo erótico em relação ao pornográfico? É justamente nas seções de produtos pornográficos, separados e classificados como “somente para maiores de 18 anos”, onde estes quadrinhos são, frequentemente, encontrados.

Mas qual é a diferença entre o erótico e o pornográfico em uma história em quadrinhos? Existe uma intenção implícita nessas publicações? Ou todo o conteúdo erótico é pornográfico? E vale também a recíproca?

Sabe-se que o mercado de quadrinhos adultos movimenta milhões em todo o mundo. Assim como na publicação de outros gêneros, observa-se a existência de produções com diversas qualidades e preços, direcionados a todo tipo de leitor e possuindo um enorme público apreciador.

Inicialmente verificamos que ainda existe certa “confusão”, em relação ao produto quadrinhos adultos. Basicamente, a maioria dos leitores acaba rotulando toda a produção de quadrinhos direcionada ao público adulto como um exemplo de leitura, genericamente, erótica, ora, pornográfica.

Classificar quaisquer HQs adultas dentro de uma mesma linha de entendimento seria, no mínimo, incoerente com as diversidades e particularidades verificadas em muitos quadrinhos. Revela-se, no âmbito nacional, uma grande desinformação acerca das histórias em quadrinhos. Culturalmente, o Brasil é um país que lê pouco Gibi. Por outro lado, por interesse puramente comercial em muitas produções, em muitas das HQs direcionadas ao público adulto, é utilizado termos mais sofisticados, como o “erotismo”, no intuito de mascarar produtos com real teor pornográfico.

Essas frequentes substituições de termos, muitas vezes motivadas por questões de valores morais e ou comerciais, terminam por intensificar a confusão existente entre as terminologias e os tipos de publicações. O que se deve levar em conta na relação de diferenciação destes termos é que os valores envolvidos para

discriminá-los, pertencem ao conjunto de valores específicos, dentro de cada contexto histórico-social - visto que os quadrinhos fizeram parte dos movimentos sociais, políticos e culturais - de acordo com a época na qual se inserem.

A percepção de um “senso comum” na nossa sociedade é resultante dos discursos simplificados e dos valores morais tradicionais aprendidos pela visão predominante nas instituições como a família, a escola, a religião e o Estado, reforçados pelos meios de comunicação ou mídia a respeito da nudez, da sexualidade, do erotismo e da pornografia, ao longo da formação cultural.

Essa herança conservadora no País foi consequência de uma censura que, por muito tempo, caracterizava simplesmente como ruim tudo o que era proibido (GONÇALO JUNIOR, 2004).

Luiz Rettamozo, quadrinista da editora Grafipar, faz referência ao assunto, ao relatar que: “Estamos em 1968 e as frustrações políticas se somam às repressões sexuais. Uma geração castrada vai às bancas pegar o que perdeu nas escolas. O erotismo marca sua presença com firmeza, a chacota é eleita rainha da festa (...)”. E continua: “O sexo em quadrinhos até hoje descansou no leito dos preconceitos. Confundir erotismo com pornografia é uma das tônicas preferidas pelos donos da verdade” (HQ EROS-QUADRINHOS ERÓTICOS 01, pág. 02, 1978).

## 2.1 EROTISMO E (OU) PORNOGRAFIA?

Moacy Cirne, considerado um dos mais renomados estudiosos de HQs no Brasil, afirma: “Para falarmos em erotismo nas HQs, é necessário diferenciar minimamente o que é erótico e o que é pornográfico” (CIRNE, 2000, pág. 107).

A chave para interpretarmos erotismo e pornografia nos quadrinhos está nitidamente enraizada nos contextos histórico-culturais da sociedade de consumo o qual foi bastante arraigado por muitas questões, um tão quão, “preconceituosas” ou conceitos mal elaborados.

No livro *História da Literatura Erótica*, o pesquisador e crítico francês, Alexandrian, apresenta uma tentativa de distinguir a diferença entre erotismo e pornografia.

A Pornografia é pura e simplesmente uma descrição dos prazeres carnis; o erotismo é a mesma descrição revalorizada, com base em um ideal de amor ou da vida social. (...) É mais importante fazer a distinção entre o erótico e o obsceno. Neste caso, considera-se que o erotismo é algo que torna a carne desejável, a mostra em seu esplendor e florescimento, inspira uma sensação de saúde, beleza e prazer, enquanto que a obscenidade desvaloriza a carne, que é associada com sujeira, imperfeições e palavras sujas (ALEXANDRIAN, 1993, pág. 440).

Percebe-se na argumentação de Alexandrian o forte vínculo do conteúdo erótico com a questão do “valor”, no caso o valor moral - ligado ao amor e a sociabilidade -, enquanto a pornografia parece estar mais relacionada ao “obsceno”, a necessidade de exibir a imagem sem a obrigatoriedade de vincular quaisquer valores morais hegemônicos à mensagem visual, ou pelo contrário, na maioria das vezes, intencionando subvertê-los. A forte ligação da pornografia ao fator de “exibição” e “obscenidade” traz ao pornográfico uma relação íntima com os aspectos da representação pura e simples, o que pode ser verificado no significado da palavra “pornografia”, encontrado em qualquer dicionário.

*S. f. 1. Tratado acerca do que se relaciona à devassidão sexual; obscenidade, licenciosidade; indecência. 2. Caráter imoral de publicação(s), gravura(s), pintura(s), cena(s), gesto(s), linguagem(s), filme ou espetáculo, obras de arte, etc., capazes de incentivar ou explorar o lado sexual do indivíduo (Dicionário Aurélio: 122).*

A palavra pornografia, com tradução e origem do grego (*pornographos*), possui como significado etimológico (Parte da Gramática que trata da origem e formação das palavras), a expressão: “Escrita da vida da prostituta”.

Porém, ao se embasar nessas interpretações, se pode chegar ao entendimento de que a pornografia estaria mais presa à atitude de vender o sexo pelas imagens ao deleite do leitor, pela simples contemplação e no prazer do *voyeurismo*.

## 2.2 O REALISMO PORNOGRÁFICO DA FOTONOVELA ERÓTICA

Busca-se analisar, quais os significados que a imagem pode incorporar, de acordo como é explorada a sua representação dentro dos contextos da HQs.

No Brasil pelas décadas de 80 e 90, teve-se uma extensa circulação das fotonovelas<sup>6</sup> eróticas suecas, italianas e alemãs, que eram intensamente comercializadas e classificadas como pornográficas por representarem a atividade sexual de maneira clara e explícita.

O sexo era o principal conteúdo a ser comercializado pelas fotonovelas, existindo um “esboço” de narrativa, apenas para sustentar a profusão de imagens explícitas e detalhadas do ato sexual, o que reforçava a inclinação à venda da imagem como “obscena”, logo como revista pornográfica – apesar da auto-denominação nitidamente comercial de “fotonovela erótica”

Nelas, utilizou-se o artifício da exposição de cenas explícitas, através do recurso da fotografia, como fator determinante pra alcançar o realismo das imagens, no intuito de satisfazer as curiosidades e fantasias sexuais do leitor. Já, os desenho dos quadrinhos pode não ser tão incisivo quanto a fotografia da fotonovela, para que o leitor identifique aspectos realistas na contemplação da obscenidade.

Quando essa realidade é exposta de forma mais crua, a representatividade da imagem “pornográfica” torna-se um algo evidente, não se importando muito o leitor com o roteiro e com o enredo sequencial. Assim, esta forma de representação funcionou muito bem dentro do que era proposto por esse formato de história em quadrinhos, alcançando, então, a sua finalidade e a justificativa pela sua procura.

---

<sup>6</sup> “Fotonovelas são novelas em quadrinhos que utilizam, no lugar dos desenhos, fotografias, de forma a contar, sequencialmente, uma história” (WIKIPÉDIA, 2011). Com publicações diversas, houve grande participação de atores famosos da televisão, e ídolos que ajudaram a firmar o sucesso de vendas desse material no Brasil. Dentre os diversos gêneros comercializados no Brasil, as fotonovelas de gênero Romance tiveram predominância no mercado consumidor.



Figura 01: Revista Supersex  
Fonte: internet – Koti, 1978.

### 2.3 DIFERENÇAS DE REPRESENTAÇÃO NOS QUADRINHOS ERÓTICOS

Se definimos o erotismo como a agregação de valores estéticos, técnicos ou morais à representação de narrativas que envolvam a nudez e o sexo, e a pornografia à exploração exaltada da representação destes elementos, será que podemos classificar de maneira definida alguns tipos de produções como quadrinhos eróticos ou pornográficos?

Na maioria dos casos, provavelmente não será possível separar a pornografia do erotismo de uma maneira tão definitiva.

Na fotonovela, existiu um direcionamento específico no uso da representação das imagens pornográficas. Nesse formato de HQ, há uma exposição mais realista e direta, proporcionados a partir dos recursos fotográficos. Assim, ela se aproxima melhor da existência dos personagens, nos quais os leitores se identificam de forma mais rápida.

O erotismo possui uma maior amplitude, sendo muitas vezes mesclados e absorvidos em temáticas diversas como o humor, o horror, o policial e o romance. Já a pornografia estaria mais restrita a representação explícita e exibicionista de suas imagens.

Nos quadrinhos considerados eróticos, a representatividade das mesmas imagens é menos atenuante, onde a diferenciação na exposição da nudez e do sexo, ainda que explícitos, é menos evidente, ao contrário em relação às fotonovelas de cunho erótico.

Portanto, um conceito não exclui o outro, e a pornografia pode muito bem estar contida na temática erótica, sem que precisemos classificar esta temática como pornográfica. Nos comix underground, temos um exemplo da pornografia utilizada como um elemento figurativo de caráter agressivo aos valores morais, justamente para ampliar os aspectos da comédia ácida e contundente, tendo no exemplo de Robert Crumb, quadrinhos do gênero humorístico que fazem uso freqüente da representação pornográfica (Rosa, 1988).

Como exemplos, citam-se os quadrinhos de *Serpierre*<sup>7</sup>, em especial a personagem Druuna e Valentina de Guido Crepax<sup>8</sup>. Nesses dois casos existem uma carga forte de erotismo e o uso de imagens explícitas.

Guido Crepax explora bastante o erotismo partir de temas sexuais considerados tabus, em relação aos costumes tradicionais, com forte ênfase no sadomasoquismo, na masturbação, no *boundage* e no lesbianismo (Rosa, 1988). Na construção da personagem Valentina, a representação está submetida ao detalhe a sutileza do gestual e do movimento, sendo difícil separar a leveza dos nuances do erotismo da objetividade descritiva da representação pornográfica.

Druuna é conhecida como uma HQ do gênero de Ficção Científica. O seu autor trabalha o erotismo como complemento e enriquecimento da narrativa, explorando traços e detalhes muito próximos ao corpo humano. No caso da HQ Druuna, esses detalhes são visivelmente exagerados, em uma tentativa de se aproximar à

perfeição humana. Ainda assim, a representação das imagens nas duas HQs não é suficiente para que sejam consideradas como quadrinhos pornográficos.

É como se Serpieri traduzisse através do desenho, a inclinação ao obsceno da fotonovela erótica, e a transpusesse como artifício central de representação em suas narrativas altamente elaboradas e muito bem construídas.

De maneiras diferentes, Crepax e Serpieri usam a representação descritiva e realista da pornografia, não parecendo se importar se sua obra será classificada como erótica ou pornográfica. O que lhes garante o rótulo de erotismo em suas temáticas, está no fato de que a representação pornográfica está a reboque de excelentes roteiros e representações estéticas primorosas. A pornografia é evidente, porém torna-se um conteúdo atrativo em suas obras, e não somente o motivo central de sua produção.

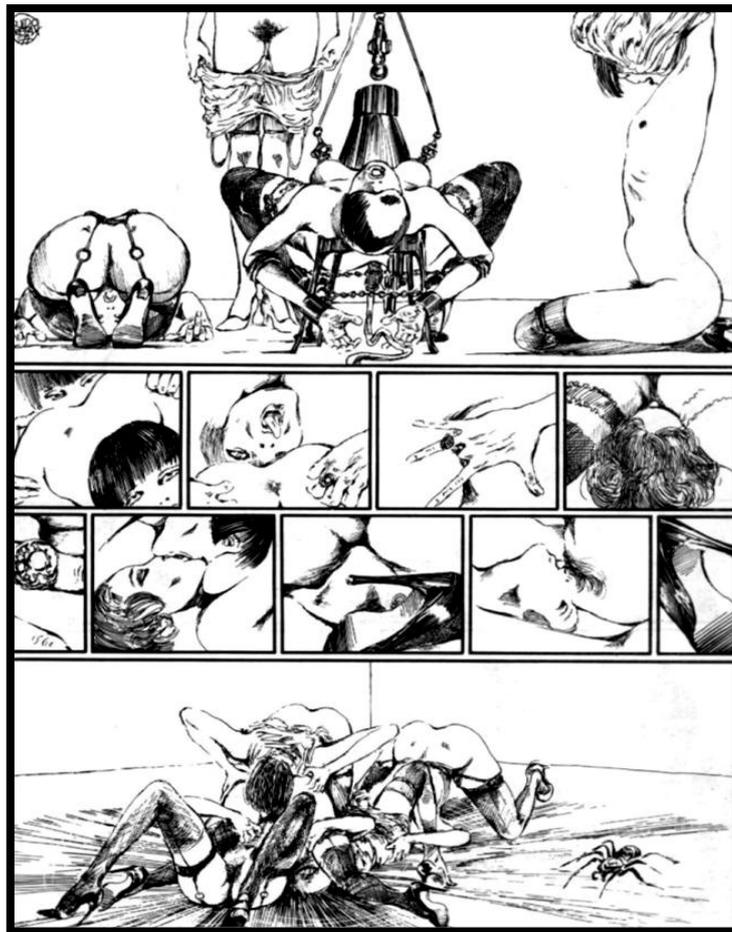


Figura 02: Valentina em: Lanterna Mágica  
Fonte: Coleção Particular, 1978.



**Figura 03: Druuna em: O Planeta Esquecido**  
**Fonte: Coleção Particular, 1987.**

<sup>7</sup> Paolo Eleuteri Serpieri nasceu em 1944 na Itália conhecido pelo alto nível de detalhes em seus trabalhos em quadrinhos, retratando as formas humanas, particularmente imagens eróticas de mulheres. É mais conhecido pelo seu trabalho na série erótica de ficção científica *Druuna*, o qual já vendeu milhões de exemplares em todo mundo. (WIKIPÉDIA, 2011).

<sup>8</sup> Guido Crepax nasceu em 1933 na Itália e faleceu em Julho de 2003. Ficou famoso principalmente com as histórias de sua personagem Valentina, criada em 1965 e caracterizada por uma série em quadrinhos que envolve conteúdo erótico e artístico. Notabilizou-se também pela linguagem sofisticada, "cinematográfica", de seus desenhos. (WIKIPÉDIA, 2011).

## 2.4 COMPLEMENTARIEDADE ENTRE O ERÓTICO E PORNOGRÁFICO

Nota-se, em alguns casos que, nos quadrinhos eróticos são observados um maior cuidado na elaboração dos elementos que os formam: diagramação, sequencia das imagens utilizadas, estilo do traço, acabamentos, etc.

Normalmente há também uma seleção mais criteriosa e detalhada com o roteiro, onde a narrativa possui temas mais elaborados e muita pesquisa. Há um equilíbrio entre a apresentação das imagens sensuais e o conteúdo da HQ – onde um não se sobressai.

Em contrapartida as imagens e elementos dos quadrinhos pornográficos seriam “menos enriquecidos”, com característica mais simples, diferente das HQs eróticos. O corpo físico e o ato sexual caracterizam-se como o objetivo maior de sua concepção. Existe pouco envolvimento e sedução e haveria muita superficialidade nos personagens. Assim, o caráter de sua representação estaria vinculado a essas características que são específicas desse quadrinho e inerente à finalidade e ao público que se deseja atingir. Do contrário não receberia a atenção desejada e estaria em contradição com o “funcional” proposto pela HQ.

Calazans (2004) faz uma diferenciação neste sentido, sugerindo que o erótico e o pornográfico se distinguem por questões estéticas e funcionais.

A HQ erótica tem uma apresentação gráfica sofisticada, em formato álbum, seu ponto de venda é a livraria, seu leitor é qualificado de classe socioeconômica A-B, o que permite uma política de preço com maior margem de lucro, porém, com menor tiragem, entre dois a três mil exemplares, este leitor tem necessidades de Self-auto-realização. Já a HQ pornográfica é impressa em papel imprensa barato, formato catecismo ou revista com lombada canoa grampeada, seu ponto de venda é a banca de jornal de bairro ou o trem de subúrbio, seu leitor é desqualificado ou migrante (mão de obra da construção civil) de classe socioeconômica C-D e dá pouca atenção ao roteiro ou diálogos dos balões por ser semi-alfabetizado, suas necessidades são fisiológicas-masturbatórias (Calazans, 2004, pág. 09).

Embora Calazans bem observe a questão funcional da pornografia, como artefato de fantasia, *voyeurismo* e satisfação sexual do leitor, rotulá-la por questões

estéticas, econômicas e materiais pode se tornar uma exemplificação frágil em sua essência.

Quando se procura compreender o processo e as condições que envolvem o quê se julga como pornográfico, dentro e fora das HQs, deve-se analisar cuidadosamente e criteriosamente os valores, comportamentos, conduta, reflexões, etc. do grupo social no qual está inserido e o que ele pode representar em uma determinada época.

Tome-se como exemplo a inserção dos quadrinhos com temáticas e histórias de violência dentro do mercado editorial. Neles, percebe-se que a representação da violência está inserida, de maneira “camuflada”, dentro das HQs de gêneros Policial, de Ação ou Terror. Parece existir uma aceitação dessas temáticas, independentemente do grau de exploração ou exposição de sua violência. Porém, dentro dessas HQs, os diversos gêneros que utilizam a temática da violência não são taxados como “gênero de violência”. Faz se entender que a representação da violência é aceita socialmente.

Então por que não existe um gênero classificado como “gênero de violência”? Por que se torna natural sua aceitação “disfarçada” dentro de outros gêneros?

O resultado é que, diferentemente da violência, a utilização de temas sobre o erotismo e a pornografia, muitas vezes de forma comedida, é suficiente para provocar certa “desconfiança” e “desconforto”.

Podemos concluir que, na sociedade torna-se mais fácil reconhecer a pornografia do que defini-la ou ainda compreendê-la.

Desta forma, qualquer tentativa de justificativa ou afirmação relativamente ao erotismo e pornografia, sem uma criteriosa análise histórico-social, deixará de ser impessoal e poderá ser fruto de releituras preconceituosas. Os mesmos significado ou representações de um signo são distintos em culturas e épocas diferentes. Isso se torna bastante evidente quando se contrasta, por exemplo, as culturas ocidentais das orientais. O que pode chocar em um lado pode não surtir efeito ao oposto.

A certeza por uma HQ adulta é um resultado subjetivo. Vários quadrinistas e editoras produzem gêneros diversos. Um desenhista, em um mesmo personagem, pode usar o erotismo como recurso para aprimorar ou diversificar suas histórias.

Existem grupos específicos para os diversos quadrinhos eróticos e o que consolida essa relação vai muito além do erótico ou não.

O que realmente separa estes dois mundos?

Muitos dos quadrinhos eróticos são considerados como verdadeiras obras de arte; sofisticados, com tiragens pequenas e confeccionados em materiais mais caros. Essas produções naturalmente são direcionadas a um público seletivo, “diferenciado”. O preço final acaba contribuindo para que o seu acesso se torne ainda mais restrito e distante da realidade da população brasileira (PENTEADO, 2007).

Porém o que difere o seu conteúdo?

Os quadrinhos do saudoso desenhista Carlos Zéfiro<sup>9</sup> foram considerados, entre as décadas de 50 a 70, verdadeiros produtos pornográficos. Naquele momento não se observou a importância de sua contribuição na sexualidade. Lembre-se de que nessa época, sexo era considerado um tabu e não havia discussões acerca do assunto, ficando o jovem a mercê da quase total falta de informação. Encontra-se nos quadrinhos de Zéfiro questionamentos sobre o comportamento social e sexual, princípios esses que refletiam como eram as relações humanas e o convívio em sociedade daquele tempo (NAVARRO, 2011).

Os *Catecismos* de Zéfiro eram obras clandestinas baratas, de baixíssima qualidade de impressão, de estilo estético discutível, cuja principal finalidade era “iniciar” sexualmente o leitor juvenil da década de 50 e 60 (Penteado, 2011).

Considerada pura pornografia em sua época, a “literatura” proposta por Zéfiro atingiu uma popularidade gigantesca entre os consumidores juvenis do sexo masculino, que cresceram e nas gerações seguintes passaram a considerá-la *cult* e erótica, chegando a ser editada algumas vezes em coletâneas de ótima qualidade de impressão. Sob a ótica da estética e da qualidade de material, será que hoje em dia, poderemos considerar a obra de Zéfiro erótica ou pornográfica?

Obviamente, isso não é importante. O que é relevante nesta linha de

---

<sup>9</sup> Carlos Zéfiro foi um nome fictício escolhido pelo artista Alcides Aguiar Caminha, funcionário público, que temia perder seu emprego caso fosse descoberto. Ele foi responsável pela criação do quadrinho erótico mais famoso do país, em meados dos anos 40, tornando-se o maior expoente do gênero. Devido o conteúdo “pornográfico” de suas revistas, elas eram comercializadas de forma clandestina, e ficaram conhecidas como “*Catecismos*”.

reflexão é perceber que não é tão fácil assim e nem necessário, tentar rotular obras como eróticas ou pornográficas, mas sim entender o aspecto mais amplo do erotismo e o caráter descritivo e representacional da pornografia, entendendo que há uma relação complementar entre estes, mais ou menos intensa, em cada autor e em cada obra.

Também temos que relacionar os fatores socioculturais, e entender que o que era considerado pornográfico nos anos 50, pode não ser mais considerado deste modo de acordo com os valores hegemônicos atuais. Portanto, vemos que conceitos como erotismo e pornografia estão sujeitos ao conjunto de valores, comportamentos, condutas e costumes culturais dos grupos de uma determinada sociedade numa determinada época.



Figura 04: Estupro. Carlos Zéfiro  
Fonte: Internet - Carlos Zéfiro, 1983.

## 2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DO EROTISMO

Outro fator relevante na observância dos quadrinhos eróticos é a forma que esses quadrinhos são disponibilizados nos dias atuais.

Atualmente, com a facilidade da internet, existe um precário controle da procedência dos diversos materiais. Desta forma, se torna fácil a propagação de muitas revistas, especificamente, pornográficas.

Quando se verifica o acesso às redes, onde existe algum tipo de restrição aos materiais pornográficos, ao consultar alguma HQ com título erótico, o mesmo será impeditivo. Esse fato comprova a grande dificuldade na delimitação desse tema. Com isso o maior prejudicado é o leitor que simplesmente acaba concordando com a essência dessa delimitação, ou ainda pior, a HQ que acaba sofrendo esse tipo de denominação incorreta.

Tentativas de se quebrar o paradigma do preconceito não faltam. Toma-se como exemplo a revista Dundum, criada pelos quadrinistas Adão Iturrusgarai e Edgar Vasques em 1990, em Porto Alegre, a qual traz personagens como “Aline, viciada em sexo” - que acabou virando uma série na rede Globo - e Rocky e Hudson, dois *cowboys gays*.

O escritor Waldomiro Vergueiro analisa o mercado dessas HQs:

Quando analisamos o mercado de quadrinhos adultos nas últimas duas décadas, verificamos que o número de publicações direcionadas para segmentos de público adulto teve um aumento significativo. Isto é muito importante em relação ao futuro da linguagem gráfica seqüencial no Brasil, pois sinaliza para o atendimento a uma demanda que até recentemente se encontrava sozinha e ainda pouco significativa, representada por aqueles leitores de histórias em quadrinhos que, tendo passado o período da adolescência, não mais se satisfazem com as temáticas aventureiras e humorísticas dos quadrinhos direcionados para essa faixa de público e buscam produtos com maior profundidade narrativa, que tratem de temas mais ousados e incluam aspectos eróticos e realistas da vida social contemporânea (VERGUEIRO, 2007, pág. 27).

Todas as contribuições, somadas ao interesse por parte dos leitores, é importantíssimo para que se consolide o espaço dos quadrinhos eróticos brasileiros dentro da formação cultural da sociedade. Ainda existe uma lacuna que separa os

quadrinhos eróticos dentro do mercado editorial. Existe muito receio por parte dos profissionais e editoras que acabam optando pela não publicação.

Entende-se que erotismo e pornografia estão intimamente relacionados, e que o primeiro conceito está ligado à complexidade temática, à agregação de valores que não sejam apenas de ordem expositiva e mantenham uma referência narrativa, enquanto o segundo possui uma profunda correlação com os aspectos representacionais e de exibição. Erotismo e pornografia se correlacionam em intensidades que variam de acordo com as características de cada autor e de cada obra.

Analisando os reais significados do erotismo e da pornografia nos quadrinhos, poderemos discutir e entender melhor as particularidades e o contexto das produções adultas, filtrando as informações e clarificando conceitos, sem retratar ao tema como um eterno “fruto proibido”.

### 3 A EXPLORAÇÃO DO EROTISMO FEMININO NAS HQS

Neste capítulo será analisada a imagem da mulher, sua participação nas primeiras HQs e o processo o qual a tornou uma figura importante na confecção de quadrinhos eróticos, alcançando sua independência e status de verdadeiras musas dos quadrinhos mundiais.

#### 3.1 A IMAGEM FEMININA NAS HQS

Uma das primeiras publicações com conteúdo feminino em escala editorial surgiu no início do século XX, onde a figura da mulher começava a se destacar perante a imagem do homem. Conhecidas como tiras familiares (*Family Strips*), eram histórias centradas em temas familiares (figura 05). Recheadas de muito humor, as mulheres que comandavam a situação. As tiras tinham o intuito de valorizar a imagem social da família americana. Logo se tornaria um sucesso, expandido os temas publicados (SIDNEY SMITH, 1917). Ainda assim a mulher demoraria algum tempo para ter seu espaço próprio e autossuficiência dentro do mercado das HQs.

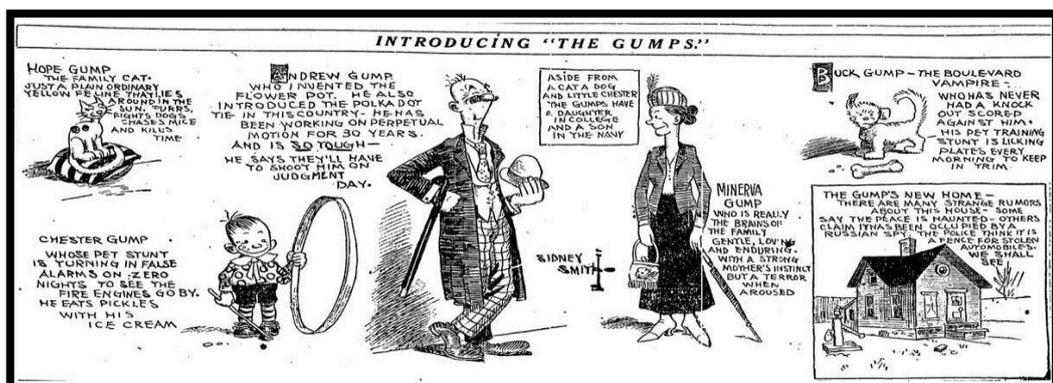


Figura 05: *THE GUMPS*

Fonte: Internet - The Graphic Novel, 1917.

A partir dos anos 20 e já no seu auge durante a década de 40, aparecem as famosas *Pin-up girls*, ou simplesmente *Pin-ups* (ilustrações de garotas que eram penduradas nas paredes). Eram ilustrações que traziam mulheres famosas em poses sensuais em tempos quando mostrar as pernas era uma atitude considerada subversiva e se fosse fotografada nua, um atentado ao pudor. As *Pin-ups* retratavam imagens sensuais, mas sem serem vulgares, podendo ser provocativa, más jamais pornográficas. Era um estilo leve de erotismo. Uma das personagens que fez muito sucesso foi Jane Pouca Roupa, uma *Pin-up* inglesa, publicada em tiras de jornais na década de 30 (JULIANA CUNHA, 2011).



**Figura: 06: Jane Pouca Roupa**  
**Fonte: Cinema Cauim, 1952.**

Durante as primeiras décadas do século XX, observa-se que a mulher foi, em quase totalidade, retratada como donzelas indefesas, meigas e frágeis; submissas e dependentes. Essa imagem quase sempre estava representada como coadjuvante e secundária. O escritor Marco Aurélio Lucchetti, descreve em seu livro, *Desnudando Valentina*, como era retratada a imagem feminina nas primeiras HQs.

(...) Verifica-se que, até há alguns anos, a maioria de suas personagens femininas eram ingênuas, possuíam uma inteligência limitada e estavam submissas aos homens. [Eram] as noivas eternas dos heróis, e a todo instante caíam prisioneiras de cruéis e inescrupulosos vilões – o que obrigava seus namorados a enfrentarem grandes perigos para salvá-las; ou

donas de casa comuns (Denise Siqueira; Marcos Vieira apud Lucchetti 2005).

Aos poucos essa imagem começou a sofrer modificações. Um dos primeiros exemplos e ainda na década de 30 está na eterna namorada do *Superman*, a personagem Louis Lane; uma mulher sem superpoderes, repórter do jornal Planeta Diário.



**Figura 07: LOUIS LANE**  
**Fonte: *The skinnystiletto*, 1944.**

Em 1941, surge então a Mulher Maravilha, criada pelo psicólogo William Moulton Marston, atendendo, segundo o autor, a um pedido de sua esposa. Moulton acreditava que as mulheres eram mais corretas em muitos aspectos ao homem e o nascimento da heroína acabou surgindo em consonância com a situação americana na segunda guerra mundial (1939 – 1945) onde as mulheres eram incentivadas a apoiarem e ajudarem o país na ausência dos homens no campo de batalha (DAVE COUSTAN, s/d).

Era a primeira heroína dos HQs, em meio a uma sociedade americana machista na qual a mulher deveria servir ao homem. A HQ fez muito sucesso, havendo grande procura pelas jovens moças da época devido ao seu conteúdo bem

elaborado e inteligente e pelos homens, devido à carga de erotismo. O sucesso das histórias junto aos integrantes do sexo masculino se dava por meio das roupas sensuais e a exploração de imagens que remetiam ao imaginário sexual - havia cenas de homens e mulheres sendo amarrados, chicotes, correntes e algemas em todas as HQS. Era um erotismo leve, mas, muito bem direcionado, explorado pelo seu autor que, como psicólogo, sabia do efeito que surtia na cabeça das pessoas (DAVE COUSTAN, s/d).

Mais tarde, a HQ acabou declinando com a morte de seu autor em 1947.

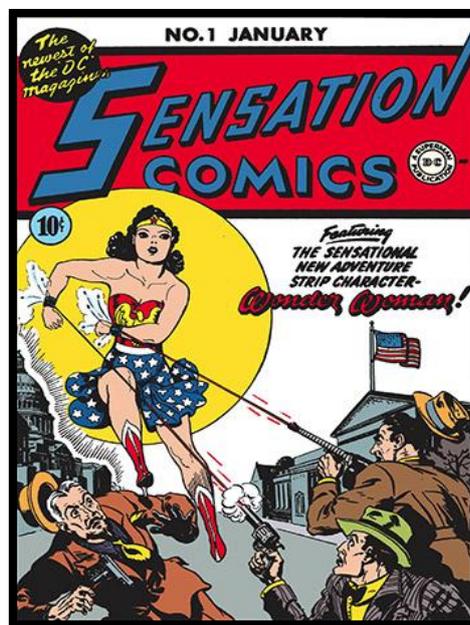


Figura 08: *Wonder Woman*  
Fonte: Internet – EW, 1942.

As principais representações das mulheres no universo dos quadrinhos só seriam retratadas a partir da década de 50. Era ainda “um processo embrionário” de um movimento da valorização da mulher, o *Feminismo*, que surgiria a partir da metade da década de 60.

Pode-se perceber que, os movimentos feministas impulsionaram algumas mudanças do retrato feminino dentro das HQs.

“(...) elas passam de coadjuvantes oferecidas e indefesas a personagens principais, imbuídas de propósitos mais nobres e dispostas a conquistarem seu espaço como heroínas de igual importância aos personagens

masculinos nas tradicionais HQ de super-heróis onde, até então, reinavam os personagens masculinos destituídos de desejo sexual.” (KAMEL, ROCQUE, s/d, pág. 04).

Este seria o início de uma representatividade mais independente e confiante, porém com características ainda muito padronizadas.

Segundo Luiz Rettamozo, quadrinista da editora curitibana Grafipar:

(...). O surgimento de heroínas sensuais no início da década de 60 é o marco. A partir de sua (delas) aceitação, as coisas mudaram. A mulher saía de seu papel de eterna noivinha do galã supertudo para vir de sexualidade em punho conquistar seu lugar no paraíso dos quadrinhos. Apesar de vários cartuns em jornais do início do século trazerem algumas caricaturas de mulher, a primeira a assumir pra valer foi a "Mulher Maravilha". E as heroínas, pouco a pouco, foram despindo (roupas e preconceitos) (LUIZ RETAMOZO, HQ EROS nº 01. 1978).

A partir da década de 60, o comportamento feminino torna-se mais ousado nas HQs; novas formas, expressões e sensualidade, em um processo ainda lento – havia ainda muita desconfiança com os quadrinhos –, porém gradativo e irreversível. A mulher então passa a ser uma dissimulação do desejo e fetiche masculino e do machismo de muitos desenhistas e pensadores da época. Em outros momentos era então apresentada como malfeitoras inescrupulosas e sem moral (ROCQUE KAMEL, s/d).

Nessa época aparecem algumas publicações consideradas bizarras, como os desenhos criados por Joe Shuster a partir de 1957, somente descobertos recentemente. Trata-se do livro publicado em abril de 2009, pelo autor Craig Yoe, nos EUA. Intitulado, *Secret Identity The Fetish Art of Superman's Co-Creator Joe Shuster* (Identidade Secreta: A Arte Fetichista do *Superman*; Co - Criador: Joe Shuster) causou bastante espanto no mundo das HQs. O conteúdo é a coletânea e pesquisa de um material publicados na revista *Night Terror* - Terror Noturno. Essa revista era vendida clandestinamente devido a sua natureza erótica. O material contém imagens sadomasoquistas, de fetichismos, torturas, abusos sexuais, o uso de drogas, etc., apresentados sempre de forma contida, porém consideradas inapropriadas pela sociedade americana naquele tempo (MOURA, 2010).

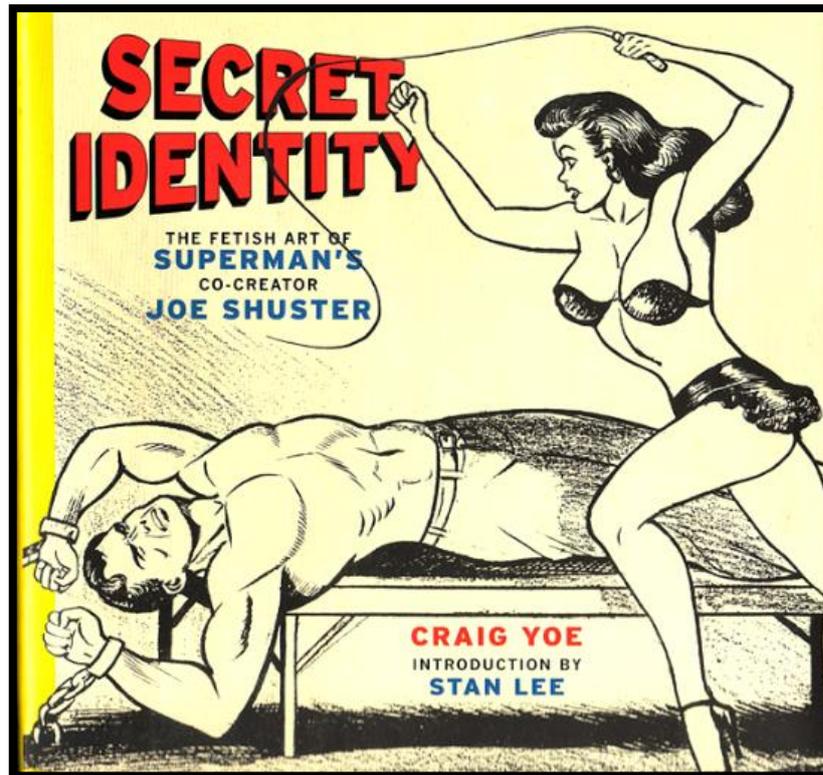
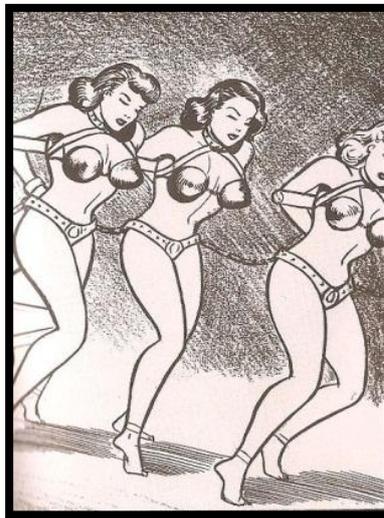
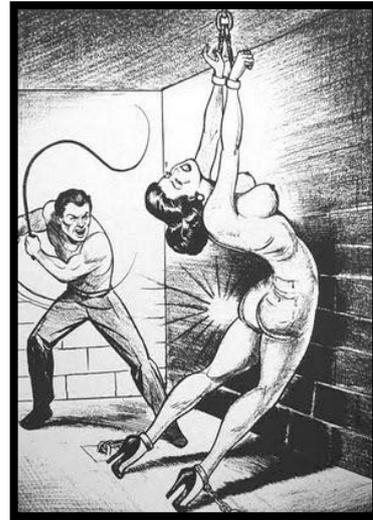


Figura 09: *Secret Identity the Fetish Art of Superman's*  
 Fonte: Internet - Universo HQ, 2009.

A novidade desse achado é que esse material fora, provavelmente, desenhado por um dos criadores do *Superman* – Joe Shuster. O desenhista estava passando por uma fase difícil, o qual lutava na justiça para reaver os direitos autorais do *Superman*, em posse da editora *DC Comics*.

No livro, podem ser observadas cenas de fetiche, tortura ou humilhação onde as protagonistas são principalmente as mulheres. Não existem imagens explícitas, mas, são verificadas personagens com feições de sofrimento, lágrimas e suor. Alguns dos personagens se assemelham às imagens dos heróis dos quadrinhos. Esta talvez tenha sido uma tentativa de diminuir então a imagem desses heróis, visto a situação de Shuster com a justiça (MOURA, 2010).



**Figuras 10, 11, 12 E 13: Ilustrações do livro: Identidade Secreta: A Arte Fetichista do *Superman***  
 Fonte: piscadegente.blogspot, 2009.

Porém, o que se observa ao longo desses anos, é uma mudança “aparente”, dentro do mundo dos quadrinhos. Criou-se uma “visão” de independência, onde as personagens femininas ganharam força, poderes, evolução; nova roupagem, onde essas personagens tomam conta do próprio nariz.

Esta liberdade continua vinculada a uma imagem do feminino idealizado a partir de uma exteriorização dos ideais e satisfações masculinas. Hoje, encontramos heroínas musculosas, treinadas e com pouquíssima roupa, finalizando-se em uma espécie de produto a ser comercializado, erotizada e atendendo a interesses comerciais difusos. A imagem feminina nas HQs é estereotipada dentro de uma

estética considerada “perfeita e desejável” aos olhos masculinos, ao interesse de vários segmentos do mercado e, conseqüentemente, às exigências propostas pela mídia e sociedade. (DENISE e MARCOS. 2005).

Segundo Denise Siqueira: “É preciso observar o “culto” ao corpo “sarado”, hiperexercitado, em detrimento de comportamentos realmente saudáveis”. E continua: “O “culto ao corpo” é veiculado exaustivamente pela cultura de massa”. Assim, coloca-se o corpo no centro das atenções e ele torna-se “objeto de consumo” (DENISE e MARCOS. 2005).

Em 1999 foi criado um site chamado *Woman in refrigerators* – leem-se: “mulheres dentro de geladeiras”, por uma leitora assídua de HQs, chamada Gail Simone. Nesse site a leitora criou uma lista de super-heroínas que, ao longo da história das HQs, foram feridas, mortas, estupradas, ou simplesmente desapareceram ou foram esquecidas. A leitora então começou a perceber certo “fenômeno”, que acontecia de forma recorrente com as personagens femininas, e, em sua maioria, tinham um fim trágico e violento (SIMONE, 2012).

A ideia do site, segundo a autora, era um esforço, para evidenciar a desproporcionalidade que existe entre os personagens femininos e masculinos, no sentido de que, as heroínas femininas estão suscetíveis a serem brutalizadas nas HQs. Gail Simone afirma que, essa brutalidade pode servir muito bem para alavancar uma reação do personagem masculino dentro da história da HQ, servindo de “pano de fundo” e motivação para uma vingança, revolta, drama, violência, etc., facilitando a personificação da imagem do verdadeiro herói, em volta deste personagem (SIMONE, 2012).

A lista criada por Gail Simone provocou várias discussões, esquentando o debate acerca do tema, tendo sido publicados vários artigos e reportagens em diversos jornais e veículos de comunicação, e com muitas respostas “calorosas” de profissionais e fãs de quadrinhos, os quais responderam que, vários personagens masculinos também sofreram várias atrocidades. O tema é polêmico e ainda hoje e continua causando discussões (SIMONE, 2012).

Por outro lado, analisando o mercado de quadrinhos, percebe-se que, o mesmo continua, majoritariamente, com espaço destinado às expectativas do gênero masculino, onde prevalece as temáticas direcionadas a estes públicos, como a aventura, ação, ficção científica. Não que esses gêneros não sejam discutidos

pelas leitoras, porém o que se verifica é certa desconfiança á outras temáticas ligadas ao gênero feminino. Culturalmente, a imagem feminina dentro das HQs está relacionada como característica implícita, não como gênero e muito mais como personagem; a mulher desejada, objeto sexual, seminua.

O autor inglês, John Berger, cita essa representação da imagem feminina quando diz:

“A forma essencial de ver a mulher, o uso básico a que se destina sua imagem não mudou. A mulher é representada de uma maneira bastante diferente do homem – não porque o feminino é diferente do masculino – mas porque se presume sempre que o expectador “ideal” é masculino, e a imagem da mulher tem como objetivo agradá-lo” (*JOHN BERGER*. 1999 PÁG. 66).

A HQ, ao longo das lutas entre gêneros e na busca pelos direitos iguais, trouxe algumas oportunidades, porém é como se adaptássemos o feminino ao estilo masculino. Prova disto é que existem pouquíssimo espaço e publicações de HQs com temas femininos. Desta forma há uma distância do mundo dos quadrinhos ao público feminino, o qual muitas leitoras, simplesmente não se identificam com a maioria das histórias que são publicadas e, conseqüentemente, acabam aceitando a retórica de que os quadrinhos são um tipo de leitura restrita e usual ao imaginário masculino, algo como “coisa de menino” Esse fato torna-se evidente pela procura ainda pequena, pelo estudo e desenvolvimento de quadrinhos pelas mulheres, existindo hoje pouquíssimas profissionais e, estas, muitas vezes estando submetidas aos muitos gêneros masculinos já solidificados dentro do mercado editorial. (MAURICIO MUNIZ, 2011).

No mercado ocidental o número de leitoras é considerado muito abaixo, em relação á média Europeia e Japonesa, No Japão, por exemplo, há toda uma cultura dos Mangás e existem dentro deste estilo, muitas histórias direcionadas ao público feminino (MAURICIO MUNIZ, 2011). Aqui no Brasil este mercado teve um “boom”, a partir da década de 90, quando novos títulos e novas personagens, direcionadas principalmente ao público feminino jovem, passaram a tomar conta do gosto de muitas leitoras.

À medida que os mangás começaram a tomar o mercado ocidental, vários desses títulos para meninas apareceram por aqui. Foi uma questão de tempo (pouco tempo) para que as meninas ocidentais descobrissem as maravilhas de histórias em quadrinhos que não eram sempre povoadas por homens anabolizados vestindo colantes ou mulheres de anatomia impossível, criadas por homens que gostariam de ser aqueles personagens anabolizados com colantes. E o melhor, esses mangás estavam sendo vendidos fora das lojas especializadas em quadrinhos, lar dos adultos viciados em super-heróis. Os mangás estavam sendo (e ainda são) vendidos em livrarias ou em lojas de mangás e cultura pop japonesa. Ambos lugares mais convidativos às adolescentes do que as lojas de quadrinhos tradicionais (DAMASCENO, 2009).

Assim, sejam pela necessidade de novos públicos, novas oportunidades ou interesse nessa área, as leitoras estão buscando espaço onde antes era quase que, predominantemente dos meninos. A pesquisadora, Carol Almeida, observa esse aumento a partir de algumas participações de sucesso das mulheres dentro do mercado editorial:

(...) A boa-nova é: o lado feminino dessa gangorra está começando a se levantar. E a prova disso é a presença cada vez maior de mulheres em todos os segmentos de produção das HQs. De resenhistas a editoras, de quadrinistas a cartunistas e chargistas... No mercado brasileiro de quadrinhos há pelo menos 20 mulheres assinando trabalhos, sem contar o grande volume de profissionais do sexo feminino que atualmente colabora para a série *Turma da Mônica* e sua derivada, a *Mônica Jovem*. Por sinal, a principal roteirista desses produtos, editados pela Panini, é uma mulher: Petra Leão. (...) O número ainda é ínfimo se comparado com o de profissionais do gênero masculino, mas é quase 100% maior do que o que se via há breves dez anos (CAROL ALMEIDA, 2012).

Ao lado da maioria ainda masculina, coexistem no mercado das HQs, profissionais talentosas como a paulistana Erica Awano, que começou a desenhar mangás no fim dos anos 1990 e ganhou popularidade ao ilustrar a série brasileira *Holy Avenger*. Hoje é reconhecida no mercado internacional e leva em sua bagagem criações como Alice no País das Maravilhas (roteiro de Leah Moore, filha de Alan Moore, criador de clássicos como *Watchmen* e *V de Vingança*) (CAROL ALMEIDA, 2012).

“Outra brasileira que exporta seu talento é a também paulistana Adriana Melo. Primeira mulher no mundo a desenhar dois importantes personagens da editora Marvel, Homem Aranha e Justiceiro, ela tem uma longa lista de super-heróis americanos no currículo” (CAROL ALMEIDA, 2008).

O mercado de quadrinhos está em constante mudança e com isso é inevitável que se verifique o gênero feminino dentro do que realmente ele apresenta atualmente. Os quadrinhos e as próprias editoras estão percebendo esse momento, na busca de uma representatividade mais fiel e próxima às particularidades e gostos femininos; desse “novo” e, certamente, promissor nicho de mercado, ainda muito pouco explorado e dominado por outros gêneros.

Vale também lembrar a ressalva que, de maneira geral, o público dos quadrinhos não está se renovando e em meio às disputas com outras fontes de entretenimento (internet, videogames, etc.), é importantíssima a percepção dessas mudanças; dos novos leitores, seus gostos e anseios, para a própria sobrevivência dos quadrinhos no mercado editorial.

### 3.2 MUSAS DO EROTISMO

A mulher foi ganhando espaço nos HQs e por motivos sociológicos ou meramente comerciais tornou-se indispensável o surgimento de suas personagens, muitas delas heroínas, vilãs, ou verdadeiras musas que fizeram parte do desejo e admiração de muitos leitores. Vejamos abaixo, algumas dessas principais personagens e um pouco de sua história.

#### 3.2.1) JANE POUCA ROUPA

Jane Pouca Roupa foi uma personagem que nasceu inicialmente como tira de humor. Criada pela inglesa Mary Pett, em meados de 1932, foi publicada no Brasil entre os anos de 1940 e 1950, pelo jornal A Noite, do Rio de Janeiro.

A personagem, uma loirinha muito sorridente, era alvo de pequenos acidentes “hilários” os quais a deixavam sempre sem roupa, ou com parte dela rasgada, expondo suas curvas sensuais. Em outros momentos apenas aparecia nas tiras com trajes típicos das *pin-ups*, o sutiã, calcinha e cinta-liga (LUCCHETTI, 2012).



Figura 14: Jane Pouca Roupa  
 Fonte: Cinema Clube Cauim, 1932.

### 3.2.2) BETTY BOOP

Betty Boop é uma personagem conhecida mundialmente e um ícone da cultura *Pop*. Cultuada até hoje, tornou-se uma marca forte comercialmente. Ela surgiu em 1930, inicialmente como coadjuvante do desenho animado *Dizzy Dishes*, e foi inspirada em uma cantora de Cabaré, famosa, chamada Helen Kane. Betty Boop surgiu nos quadrinhos como uma personagem insinuante, com um jeitinho de menina independente e desafiadora, roupas curtíssimas e pernas de fora.

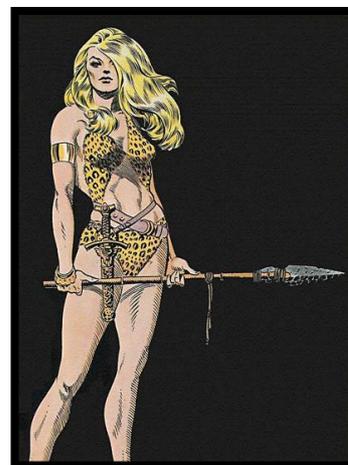
A personagem acabou censurada nos EUA pela "Liga de Decência", criada em 1934, responsável para proteger a moralidade da família americana e fiscalizar o que era produzido na América. Assim, Max Fleischer, seu criador, fora obrigado a modificar a personagem cobrindo a até a cabeça. Ela ficou então esquecida por algum tempo e voltou a ser valorizada a partir dos anos 80, sendo sua imagem bastante explorada comercialmente (WIKIPEDIA, 2011).



**Figura 15: Betty Boop**  
**Fonte: Internet – EM, 1934.**

### 3.2.3) SHEENA

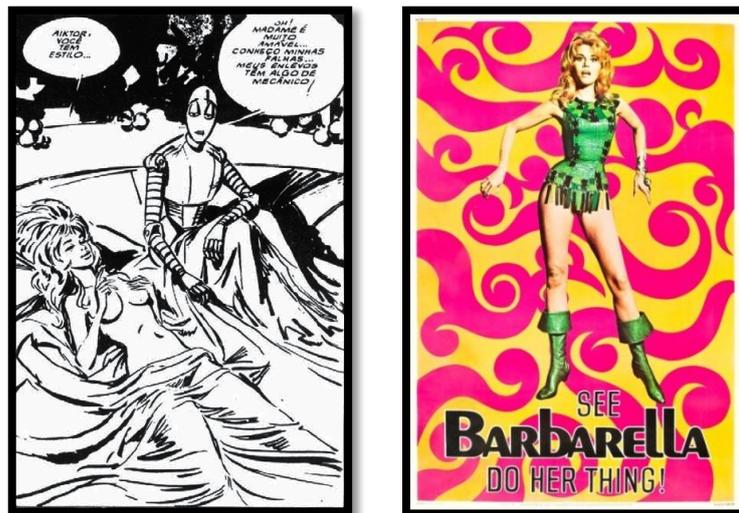
Sheena, conhecida como a rainha da Selva, foi uma das muitas personagens desse gênero, em uma fase dos quadrinhos que era reinado exclusivamente pelo representante masculino, Tarzan. Criada por William Erwin Eisner e seu amigo Jerry Iger, em 1937. Após sua aparição, muitas outras personagens semelhantes surgiram. Com histórias simples e um erotismo que se justificava apenas em suas roupas um pouco curtas e direcionadas ao público jovem masculino, Sheena logo fez muito sucesso nos EUA. Existe uma proposta para que a personagem seja adaptada pra o cinema. Eisner ainda ficaria muito famoso com a criação de outro personagem: *The Spirit* (GUIA DOS QUADRINHOS, 2011).



**Figuras 16 e 17: HQ Sheena, Capa**  
**Fonte: Internet - Guia dos Quadrinhos, 1984.**

### 3.2.4) BARBARELLA

Criada na França em 1965, pelo escritor e desenhista Jean Claude Forest, Barbarella era uma heroína sensual do planeta *Lythion*, o qual viajava pelo espaço enfrentando vários inimigos intergalácticos. A HQ, de inspiração feminista, foi uma das primeiras a mesclar erotismo com ficção científica direcionada para o público adulto. Barbarella tinha o dom de sugar as forças de seus oponentes, fisicamente e sexualmente. Inicialmente foi censurada no país, mas logo tornou se um fenômeno de vendas em toda a Europa. Mais tarde sua personagem foi interpretada pela atriz Jane Fonda no filme intitulado de *Barbarella*.



Figuras 18 e 19: Barbarella e o robô insaciável Aiktor  
Fonte: Internet – SplashPages, 1966.

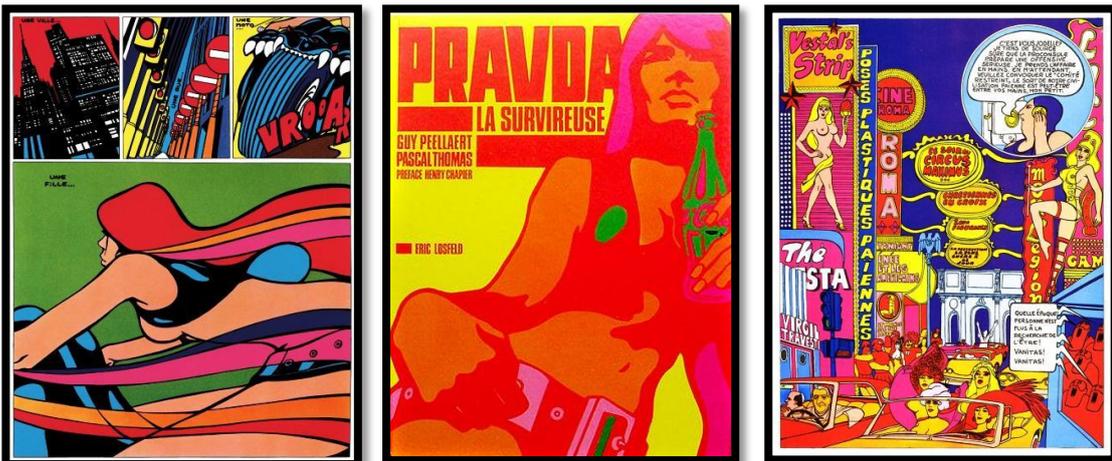
### 3.2.5) PRAVDA / JODELLE

Criadas pelo belga Guy Peellaert, As aventuras de Jodelle, lançadas em 1966 e Pravda em 1967, retratam uma fase de bastante psicodélica e uma influência muito forte do estilo *Pop Art*.

Jodelle era uma jovem que viajava por um mundo de fantasia, em uma Roma de ficção, com cadilaques e clubes noturnos, enquanto Pravda faz parte de

gangue de motociclistas só de mulheres que viajam através dos Estados Unidos, retratando paisagens e ícones americanos.

O que mais se destaca nos dois quadrinhos são a linguagem plástica e o uso dos signos de consumo da época, associados ao erotismo em voga (COHEN, 2011).



Figuras 20, 21 e 22: As aventuras de Jodelle; Pravda la surviveuse  
Fonte: Internet – *Fantagraphics*, 1966 - 1968.

### 3.2.6) NAIARA E MIRZA

Naiara foi uma HQ de terror, no qual apresentava como protagonista uma loira com roupas curtas e sensuais, e que se alimentara de sangue. Criação do artista Nico Rosso, em 1967 e, apesar da perseguição da censura brasileira, a HQ era recheada de muito erotismo. Intitulada como filha do Conde Drácula, Naiara tinha um jeito peculiar de apreciar o sangue de suas vítimas: ela preferia consumi-lo em taças e copos, após furar o pescoço com facas, estiletos ou outros objetos pontiagudos. Embora ela fosse filha do Conde Drácula, ambos eram inimigos mortais (LANCELOT, 2010).

Mirza, criada também em 1967 por Eugênio Colonnese, um italiano radicado no Brasil, que logo faria muito sucesso dentro dos quadrinhos de gênero de terror. Conhecida como a Mulher Vampiro, era uma personagem sensual e inteligente. Mirza teve edições especiais publicadas pelas editoras Escala, Opera

Graphica e Mythos, além de uma história em comemoração aos 40 anos de sua criação, publicada na revista Wizmania nº 51 da editora Panini Comics, em Dezembro de 2007 (LANCELOT, 2010).



Figuras 23 e 24: Naiara nº 01, capa; Mirza nº 07, Capa  
Fonte: Mulheres e Quadrinhos, 1967 e 1969.

### 3.2.7) VAMPIRELLA

Frank Frazetta, desenhista americano, começou a sua carreira nos quadrinhos desenhando vários estilos. Mais tarde tornou-se referência por décadas desenhando capas de revistas, como Kripta e Vampirella (seu nome veio de inspiração da HQ Bararella). Entre os personagens mais famosos que desenhou estão Conan, o bárbaro e Tarzan. Os traços de suas personagens femininas são muito parecidos com, aquilo que muitos homens consideram ser, o “biótipo feminino brasileiro”: “quadril largo, baixa estatura e pernas grossas” (WIKIPÉDIA, 2011).

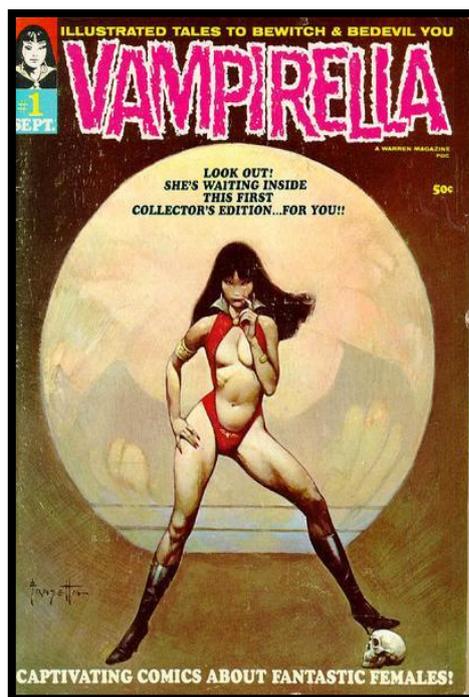


Figura 25: *Vampirella* nº 01. Capa  
 Fonte: *Good Comics*, 1969.

### 3.2.8) FUMETTI EROTICI

O erotismo nas HQs europeias teve seu auge nos anos 70, com ênfase na Itália (um dos motivos foi por este país não ter sofrido com a censura). Conhecido como fumetti erotici (lê-se quadrinhos eróticos), este material foi posteriormente distribuído por toda a Europa, em particular nos países como Portugal, Espanha e França,

As duas principais editoras foram a Edifumetto e a Ediperiodici, que produziram uma quantidade significativa de quadrinhos eróticos, na maioria mesclada com o gênero de terror. Alguns de suas principais personagens são: Jaculla, Lucifera, Baghera, Shatane, Isabella, Maghella, dentre outros (DIOLLI, 2008).



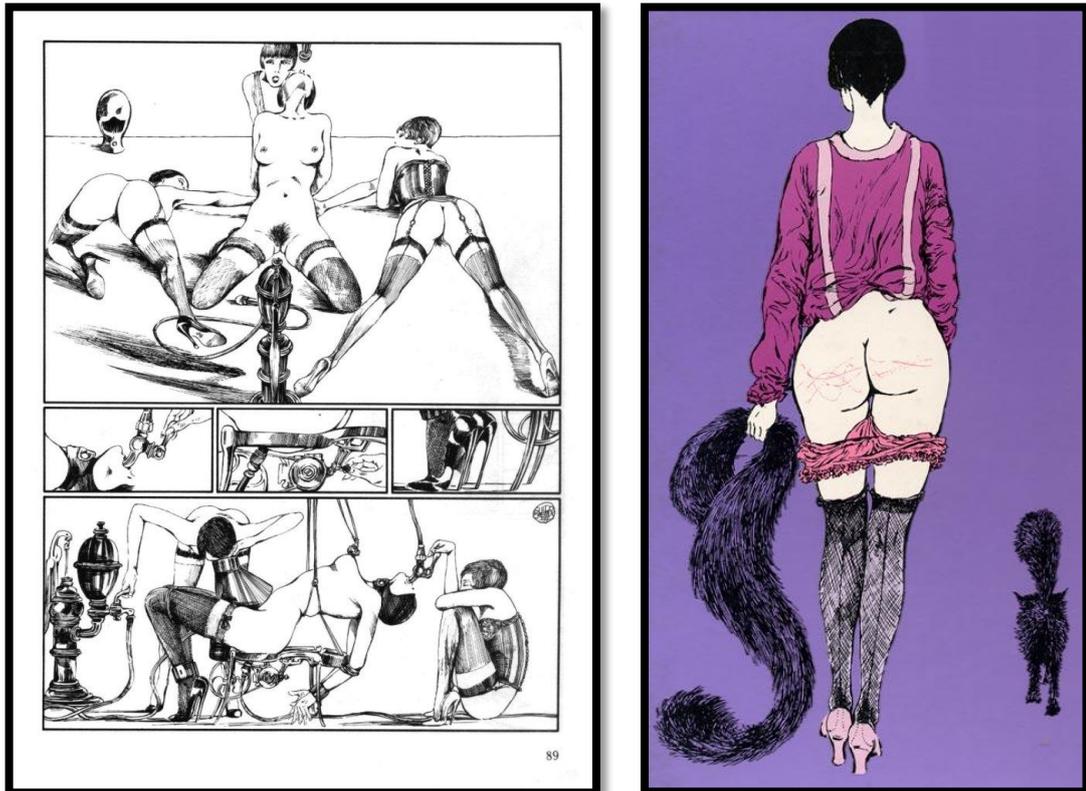
Figuras 26, 27, 28, 29, 30 e 31: *Baghera*; *Jacula*; *Lucifera*; *Shatane*; *Maghella*; *Isabella*  
 Fonte: internet, 1970 - 1976.

### 3.2.9) VALENTINA

Valentina Rosselli é considerada uma das personagens mais sexys nos quadrinhos eróticos. Inicialmente surgiu como coadjuvante na revista *Linus* (revista de ficção direcionada ao público adulto), a qual era namorada de outro personagem. Suas histórias são carregadas de muito fetiche e luxúria, envolvidos em paisagens oníricas, sadomasoquistas e surreais.

Com o tempo, a personagem ficou ainda mais rica, com a abordagem de muitas outras referências: literárias, plásticas, musicais, cinematográficas e dos quadrinhos; que lhe trouxe o posto de rainha do erotismo gráfico por vinte anos. Seu criador, o desenhista Guido Crepax, também criou outras duas personagens

eróticas, como Bianca em 1968 e Anita em 1971. Também foi Crepax quem adaptou para HQs a personagem Emmanuelle e Justine, considerados clássicos da literatura erótica mundial (GUIA DOS QUADRINHOS, 2011).



Figuras 32 e 33: Valentina em Lanterna Mágica  
Fonte: Acervo Particular (anônimo). 1979.

### 3.2.10) PAULETTE

Paulette foi uma criação do desenhista francês Georges Pichard, em 1970. Suas histórias apareceram em capítulos na revista francesa Charlie. Paulette era uma “voluptuosa” e enérgica garota que passava por grandes perigos, após ser raptada, por ter herdado um verdadeiro império industrial.

Em um mundo capitalista, a heroína tinha ideias socialistas, o que lhe metia sempre em grandes apuros. Sob influência do movimento artístico *Art Nouveau*; O erotismo da HQ fez muito sucesso em outros países como a Itália (STELLA, 2008).

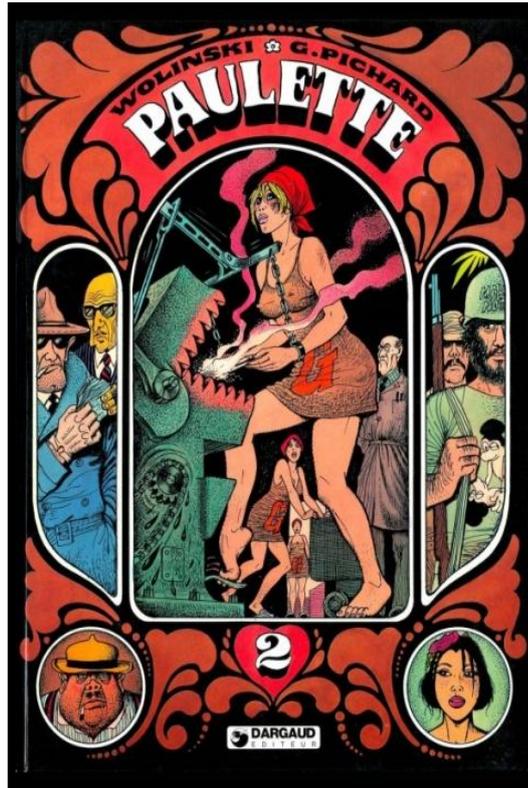
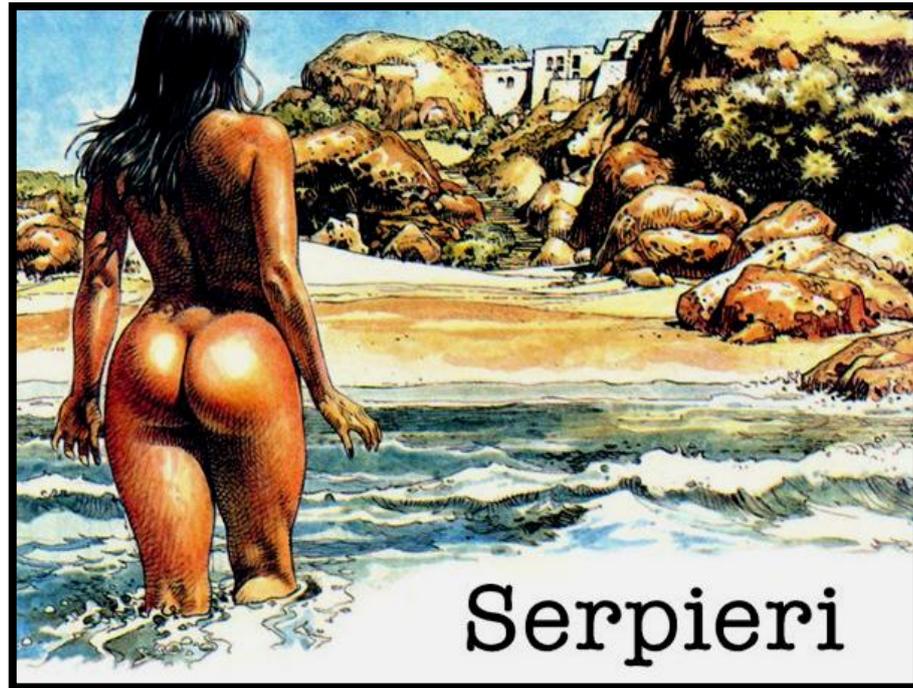


Figura 34: Pauletti nº 02, capa  
 Fonte: internet - Intellectadesign, 1970.

### 3.2.11) DRUUNA

Criada em 1985 e lançada na revista de quadrinhos *Heavy Metal*, Druuna foi obra do desenhista Paolo Eleuteri Serpieri. A personagem possui todos os traços do “imaginário sexual” masculino: formas generosas, com lindas pernas, seios, boca e um “bumbum” avantajado. Vestindo pouquíssima ou nenhuma roupa, em uma HQ de ficção científica, Druuna vivia em um mundo pós-apocalíptico, surreal onde havia vários monstros deformados, cientistas loucos, o qual a personagem se submete a todo tipo de sexo (como robôs, mulheres, monstros e seres) na busca de antibióticos para o seu namorado, Shastar, que está muito doente. Nos seus desenhos um traço bastante detalhado e bem próximo à anatomia humana; um enredo muito bem escrito com cenas bastante eróticas e algumas até muito explícitas. A personagem também virou um jogo de *videogame* (WIKIPÉDIA, 2011).



**Figuras 35: Druuna Afrodísia**  
**Fonte: Internet - Kafe Cultura, 1997.**

### 3.2.12) GULLIVERA

Gullivera é uma adaptação da história de Jonathan Swift, *A Viagem de Gulliver*. Seu criador, o italiano Milo Manara, é considerado um dos mais aclamados desenhistas e um dos mestres dos quadrinhos eróticos. Com um traço inconfundível, as mulheres criadas por Manara são sensuais e voluptosas, com linhas mais simples e limpas em relação aos demais personagens na mesma história.

Vários de seus quadrinhos são recheados de humor e sarcasmos e contêm temas como o *voyeurismo*, *bondage* (um tipo específico de fetiche, geralmente relacionado com sadomasoquismo onde a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar seu parceiro ou pessoa envolvida), sadismo e elementos sobrenaturais, onde o erotismo é feito de forma esclarecida e sem pudor. Trabalhou criando capas para os filmes do cineasta italiano Federico Feline. Entre suas principais criações estão as HQs *Click* e *Gullivera* e *Borgia*.

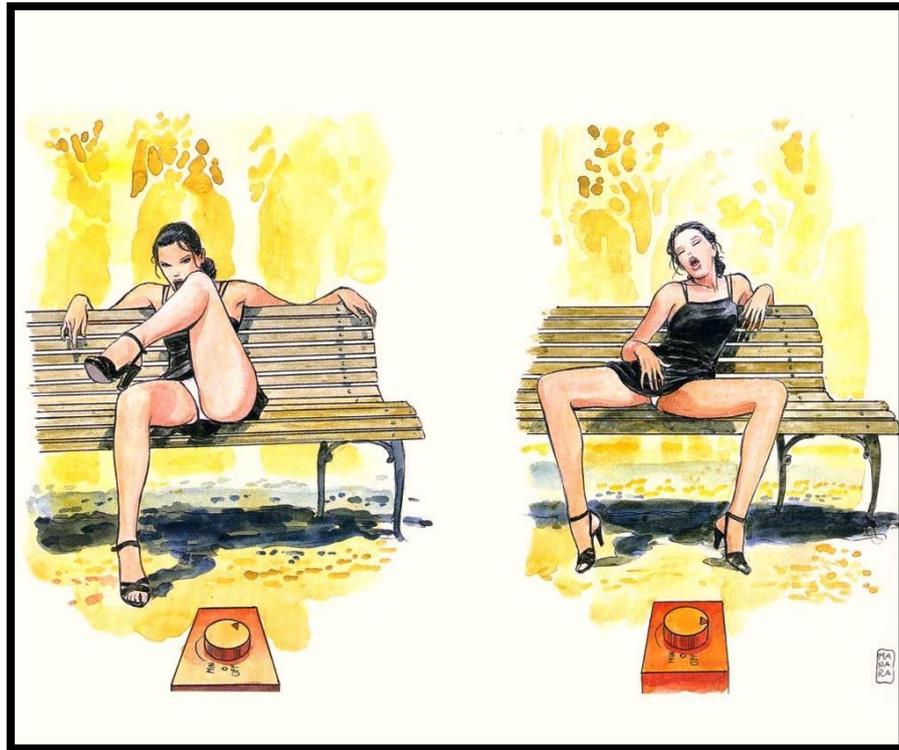


Figura 36: JOGO, HQ Click  
 Fonte: Acervo Particular (anônimo), 2002.

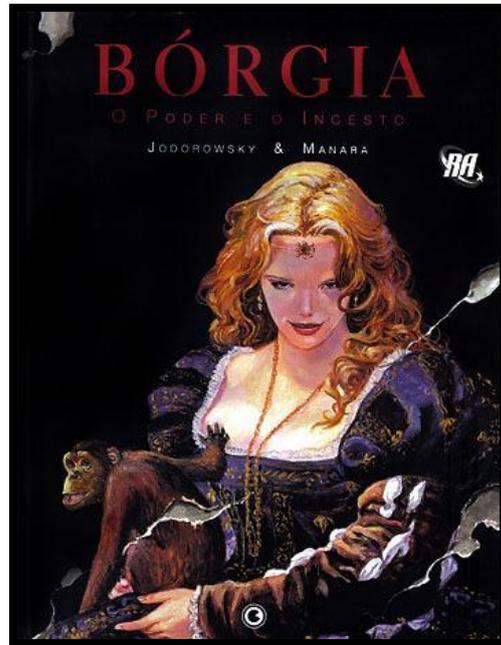
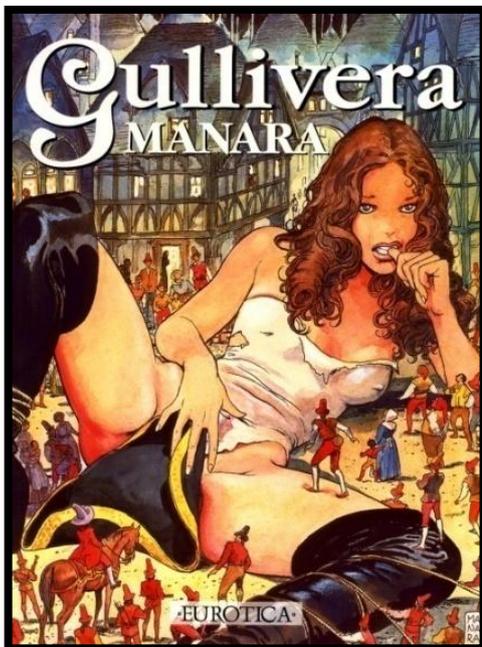


Figura 37 e 38: Gullivera; Borgia  
 Fonte: Fonte: Internet - E-books grátis, 1996 e 2006.

### 3.2.13) GIOVANNA

Giovanna Casotto, italiana, é uma das mais recentes e talentosas quadrinistas das HQs eróticas. Em um mundo dominado pelos homens ela consegue trazer furor com suas histórias e traços muito realistas, mexendo como a libido e sentidos de seus leitores. Um dos motivos de seu sucesso é que a artista afirma fotografar-se nua e durante suas relações sexuais, adaptando essas imagens pra sua HQ, fornecendo assim mais fidelidade e realismo aos personagens e aos traços que, no caso da artista, são retratados sem nenhum pudor.

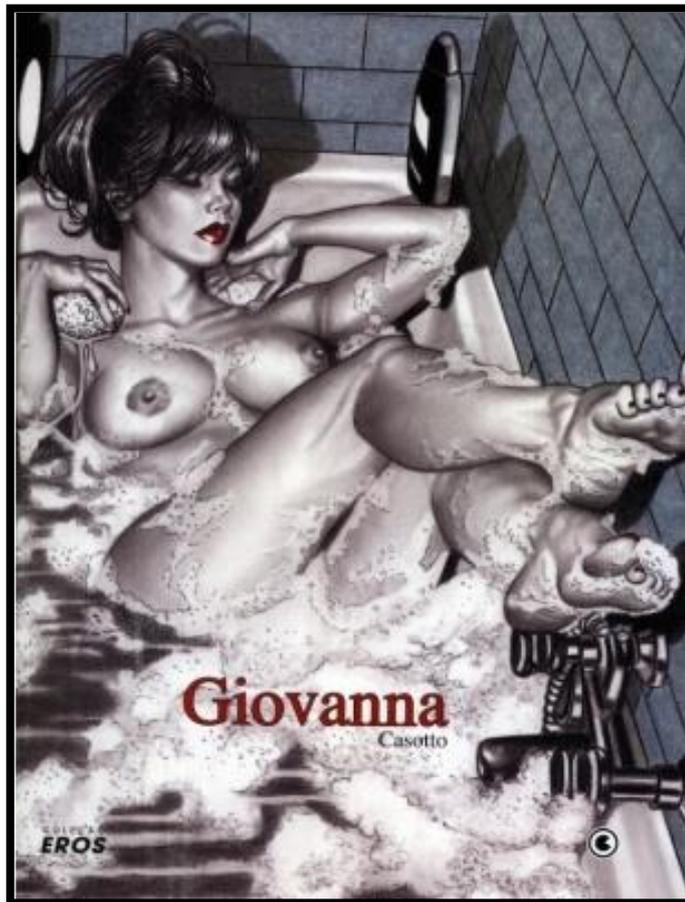


Figura 39: Giovanna Casotto. capa livro  
Fonte: Internet – Comic House, 2006.

## 4 O INÍCIO DOS QUADRINHOS ERÓTICOS NO BRASIL

Adiante, será verificado como foi a relação dos quadrinhos com a sociedade nas primeiras décadas do século XX. Posteriormente será observado o processo de produção e comercialização dos primeiros HQs eróticos no Brasil, em meados da década de 50, citando o seu principal precursor, Carlos Zéfiro.

### 4.1 COMO ERAM VISTOS OS QUADRINHOS NO BRASIL – A CENSURA E O PRECONCEITO NA RELAÇÃO COM AS HQS

No Brasil, como em vários países do mundo, os quadrinhos não eram vistos com bons olhos. Durante as décadas de 50 e 60, eram considerados como um tipo de leitura ruim e prejudicial á formação intelectual. Um adulto que lesse quadrinho poderia ser tachado de alguém com algum tipo de “problema mental”, de acordo com Will Eisner, em um trecho de seu livro, *Quadrinhos e arte Sequencial*:

Entre 1940 e o início da década de 1960, a indústria aceitava, comumente, o perfil do leitor de quadrinhos como o de uma “criança de 10 anos, do interior. Um adulto ler histórias em quadrinhos era considerado sinal de pouca inteligência. As editoras não estimulavam nem apoiavam nada além disso,” (...) (EISNER, 1989, p. 138).

O trabalho dos ilustradores então era classificado como um produto secundário e não se via arte naquilo que faziam. Padres, psiquiatras, políticos, jornalistas, professores, escritores e estudiosos foram categóricos em alegar que os gibis eram responsáveis por vários males sociais e comportamentais, além de servirem de má influência às crianças e jovens. Sua leitura e conteúdo causavam desequilíbrio moral, preguiça e o desinteresse das crianças por outras leituras. Nas escolas os professores não aprovavam seu conteúdo e concordavam que esse tipo de leitura certamente atrapalharia o rendimento escolar (PENTEADO, 2007).

Havia opiniões dizendo que suas histórias traziam mensagens subliminares, sendo responsáveis por disseminar “certas culturas estrangeiras”, pensamentos

revolucionários e também induziam ao crime, prostituição, pensamentos e comportamentos homossexuais (PENTEADO, 2007).

Nos estados Unidos foi então criado em Outubro de 1954, o *Comics Code*. Era uma espécie “norma de conduta geral”, um código de autocensura, elaborada pela própria *Comics Magazine Association of America* (CMAA - Associação Americana de Revistas em Quadrinhos), entidade formada pelas grandes editoras de quadrinhos dos EUA. Era uma resposta à pressão exercida pela Igreja, pela mídia sensacionalista e por uma comissão do Senado que, unidas, acusavam os gibis de serem os responsáveis pelo surgimento da delinquência juvenil na América (*READER'S DIGEST*, 1955). O objetivo expresso do *Comics Code* era que os quadrinhos tivessem uma linguagem mais leve, “adequada” e que fosse uma fonte de leitura “saudável” às crianças.

Personagens como Batman e Robin causavam certas “desconfianças”. Sustentavam que a amizade dos personagens continha tendências de comportamentos homossexuais. A Mulher Maravilha foi tachada como um péssimo exemplo de lesbianismo, sendo repudiada e sua leitura desaconselhada para as meninas da época.



**Figura 40: Quadrinhos sendo levados à fogueira**  
Fonte: internet – Guia dos Quadrinhos, 1950.

No Brasil, a imitação do *Comics Code* chamou-se Código de Ética, e uma das medidas da ditadura militar, já em 1965, foi criar uma lei de censura específica para os gibis. Era um total de 18 artigos do governo federal que proibia quaisquer publicações com conteúdo ofensivo à moral, ao Estado e aos bons costumes; cenas de sexo explícito, violência; hostilidade aos pais e professores e algum tipo de discriminação aos portadores de deficiências ou às religiões. Nos ônibus espalhavam cartazes com dizeres “Hoje mocinho, amanhã bandido” (LEMOS, 2010). Nos quadrinhos classificados como juvenis, havia a informação de: leitura apropriada pra maiores de treze anos.

O Quadrinho então foi julgado e considerado culpado, sendo responsável pela onda de violência e delinquência que acontecia nas classes mais populares.

Nessa mesma época se verifica uma abertura e o sucesso dos quadrinhos do gênero de terror aqui no Brasil. Com a proibição nos EUA desse gênero, no Brasil, muitos artistas tiveram que adaptar e criar histórias mais fortes e de acordo com nossa cultura. Com isso abre-se o mercado para o surgimento de muitos quadrinistas fazendo com que o gênero se torne um dos mais importantes durante a década de 50 e 60 (SILVA, 2006).

Outra vertente foi a luta dos quadrinistas com o advento de quadrinhos *underground*, ou quadrinhos marginais, no início da década de 70. Essas HQs tinham um caráter agressivo aos valores morais, justamente para ampliar os aspectos da comédia ácida e contundente, tendo exemplo de Robert Crumb, que lutava contra o sistema capitalista publicando temas polêmicos, como drogas e o sexo livre (ROSA, 2000).

São muitas as consequências com a retaliação sofrida pelas HQs e algumas delas surtiram efeitos negativos que permeiam nos dias atuais.

Muitos artistas talentosos acabaram se distanciando dos quadrinhos e foram para outras áreas como a publicidade e o jornalismo, em detrimento do fechamento de muitas editoras e da proibição e cassação de muitos quadrinhos.

Outro exemplo que serve para tentarmos compreender o que tudo isso implicou na produção das HQs está na explosão dos Mangás (popularmente conhecidos como “quadrinhos japoneses”), dentro do mercado ocidental a partir da década de 80. Diferente do ocidente, os “códigos de conduta dos HQs” não contaminaram a indústria dos Mangás, onde a mesma pode desenvolver de

forma extraordinária, em temáticas diversas, muitas destas repudiadas ostensivamente, como o erotismo e pornografia, deste lado do continente. O resultado é uma crescente e significativa participação dos Mangás no mercado mundial.



Figura 41: Selo do Código de Ética  
Fonte: Mania de Colecionador, 1950.

#### 4.2 CARLOS ZÉFIRO: EROTISMO À BRASILEIRA

“E aí, tem um *Catecismo*?” Era essa pergunta que era feita quando se um quadrinho repleto de luxúria e muita “sacanagem”, produzidos a partir dos desenhos de Carlos Zéfiro. Este foi o nome fictício escolhido pra manter em segredo a sua identidade. Se somente as histórias em quadrinhos eram consideradas impróprias, imaginem então verdadeiros quadrinhos recheados de puro sexo.

Assim, o carioca Alcides Aguiar Caminha, funcionário do Departamento Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho, criou o quadrinho erótico mais famoso do país, tornando-se o maior expoente do gênero e ficando por mais de trinta anos no anonimato em receio de ser descoberto e, conseqüentemente, perder o emprego (SIQUEIRA, VIEIRA, 2008).

Vendiam-se as revistinhas clandestinamente em bancas de revistas, praças e ruas. Pelo conteúdo obsceno não era permitido comercializá-las.

E o porquê desse nome? Bem, pode-se dizer que através dos *Catecismos* que a molecada da época aprendia "muitas sacanagens". O nome também servia para camuflar o conteúdo, como uma forma de palavra secreta.

Confeccionados em formatos pequenos, fáceis de serem guardados no bolso e escondidos entre páginas de outras revistas, tinham a semelhança aos livretos da literatura de Cordel. Os desenhos eram feitos diretamente sobre papel vegetal, eliminando assim a necessidade do fotolito e impressos em diferentes gráficas de diversos Estados, o que acabou gerando muitas imitações. Assim, segundo o seu autor, ficava mais difícil a sua identificação e localização exata (GONÇALO JUNIOR, 2004).

Cada revistinha trazia histórias contadas com imagens em tamanhos grandes, traços muitas vezes irregulares, descontínuos e com pouco diálogo; parte da sequência de suas histórias começava bem comportada em acontecimentos do cotidiano e acabava para a finalização em cenas eróticas. O aspecto grosseiro das imagens demonstrava falta de habilidade do autor que em certos momentos, devido aos estilos gráficos diferentes, pensou se tratar de vários autores usando o mesmo nome. Na verdade, Carlos Zéfiro nunca havia frequentado aulas de desenho e era um autodidata. Não havia muita preocupação na finalização dos personagens. Os seus corpos remetiam à pessoas comuns, sem exageros e com pequenas particularidades que são inerentes a idade física e o tempo. Nos textos também se verificavam muitos erros gramaticais e pouca habilidade com a ortografia (BARALDI, 2007).

Notava-se que muitos personagens eram verdadeiras cópias adaptadas de outras revistas e que apareciam repetidos em algumas histórias. Nos enredos, temas diversos, proibidos e considerados "absurdos" como homossexualismo, incesto, zoofilia, estupro, etc. Zéfiro também foi muito criticado pelo posicionamento, considerado, por alguns estudiosos como "machista" em suas HQs (SIQUEIRA, VIERA, 2008).

"Nos quadrinhos de Zéfiro, por exemplo, a mulher é sempre vista como "liberada", "desinibida" e facilmente entregue aos prazeres. Não raro, suas mulheres são maliciosas e apresentam-se, a princípio, recatadas ou inocentes, para depois aceitarem as investidas masculinas. Os personagens

masculinos são viris e “bem dotados” – como o personagem João Cavalo –, homens de negócios, bem-sucedidos e donos de suas vidas. Já as mulheres, quando não são prostitutas, não fazem alusão a nenhuma profissão e destinam-se imediatamente ao sexo. São submissas, não ousam reclamar da dominação do homem. Chegam mesmo a demonstrar prazer nisso, tornando-se ainda mais dispostas a satisfazer as necessidades dos parceiros. Os corpos, sempre muito expostos e cuidadosamente colocados nas mais variadas posições, lembram a ideia de “corpo ao natural”, sem as disciplinas impostas nas academias e consultórios médicos. Zéfiro não parecia preocupado em tirar ou esconder as barriguinhas de seus personagens, ou dotá-los de músculos avantajados: desenhava corpos normais, para pessoas normais” (SIQUEIRA; VIEIRA. 2008 pág.191).

Hoje, os “*Catecismos*” ou as “revistinhas” podem ser comprados como relíquias “*cult*” em algumas bancas de rua, sebos ou livrarias. Em 1992, Zéfiro recebeu o prêmio HQMix, pela importância de sua obra. Após sua morte teve um trabalho publicado como homenagem póstuma em 1997, na capa e no encarte do cd “Barulhinho Bom” da cantora Marisa Monte. (figura 42) (WIKIPÉDIA, 2011).

O quadrinho de Carlos Zéfiro serve pra exemplificar as condições da produção e comercialização dos quadrinhos para adultos no Brasil até meados dos anos 60. A maioria das publicações eróticas era vendida de mão em mão, produzidos de forma irregular, tendo uma tiragem pequena que muitas vezes não gerava lucro, sendo suficientes, geralmente, para contribuir para um próximo número. A produção era muito amadora, sem controle do que era produzido. Havia muito preconceito, no qual os consumidores dos *Catecismos* eram considerados pessoas baixas e perturbadas psicologicamente. Eles também eram discriminados, e sua leitura por esses quadrinhos era justificada por serem classificados como pessoas “ignorantes e sem instrução”.

O mercado de quadrinhos brasileiros era ainda muito precário. Ainda assim o quadrinho de Zéfiro fez muito sucesso, alcançando um número muito além de outras publicações, o que acabou influenciando muitos artistas nas décadas seguintes.



Figura 42: Cd Barulhinho Bom  
Fonte: Capa cd Barulhinho Bom – Marisa Monte, 1996.

## 5 GRAFIPAR – O SUCESSO DOS QUADRINHOS ERÓTICOS

No Brasil, assim como em outros países, houve um crescimento significativo da produção de quadrinhos direcionados ao público adulto em meados dos anos 80, época em que se tornaram mais populares, sendo inseridos no mercado em maior escala, em um ritmo comercial. Era o início de um processo de democratização e abertura ao capital com o fim de um longo regime político autoritário: o regime Militar.

O que se verifica então é a produção de quadrinhos de maior qualidade e cunho comercial, onde muitos artistas tiveram que se adaptar aos novos processos de confecção e comercialização de HQs.

A história da editora Grafipar se inicia em 1971, na capital curitibana, onde o já consagrado empresário Said Mohamed El-Khatib havia criado uma firma de edição e distribuição de livros, na qual trabalhava com seus filhos. Com alguns investimentos financeiros, somados à experiência do ramo de livros, a empresa começou a perceber que havia uma lacuna no mercado dos temas eróticos. Ela havia lançado anteriormente um almanaque intitulado Sexo, Amor e Família, com bons resultados de venda (GONÇALO JUNIOR, 2010).

No passado, a empresa passara por dificuldades financeiras e os filhos do empresário, em especial o mais novo chamado Faruk, entendia que o momento era propício para tomar um rumo diferente se quisessem que os negócios prosperassem. E que a chave do sucesso seria a exploração do tema erotismo.

A Garantia Cultural (assim era registrada) dava lugar a um parque gráfico na cidade de Curitiba. Surgia então, em 1972, a Editora e Gráfica Paraná Ltda., a editora Grafipar. Naquele momento, a empresa passa a ser comandada pelos filhos do empresário. O que se verifica a partir dos anos subsequentes é uma reformulação na estratégia de marketing, uma evolução na produção gráfica e a busca por novas tecnologias no ramo editorial (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Em 1960 surgia o regime militar no Brasil, que perduraria por trinta anos. Havia uma censura prévia que se tornaria ainda mais dura nos anos que estavam por vir. Assim mesmo, o filho mais novo, Faruk, decide arriscar e, gradativamente, publicar revistas ligadas ao sexo e erotismo.

Inicialmente foram publicados novos produtos, como por exemplo, um dicionário pequeno (semelhante aos minidicionários atuais) e uma revista de bordo (a Passarola) para a companhia aérea Varig. Esses lançamentos eram novidades naquele momento e obtiveram muito sucesso. Acabaram servindo de estímulo para projetos muito mais audaciosos.

A partir daí a Grafipar começa a dar os primeiros passos firmando sua participação no mercado de revistas e a disputar espaço com outras grandes editoras. No auge de sua existência, chegou a ocupar a sétima posição no mercado editorial. Ela foi a primeira editora a chamar atenção do mercado editorial para a região Sul. Vale lembrar que naquela época as principais editoras se encontravam no eixo São Paulo – Rio de Janeiro.

Em 1978, a Grafipar já estava consolidada no ramo editorial e já era conhecida por suas publicações eróticas e direcionadas ao público adulto, como a revista Peteca (chamada de a *Playboy* dos pobres, lançada em 1977), Contos Eróticos (1978) e Personal (1978) (ROSA, 1988).

Naquela época, essas revistas adultas deveriam passar pela análise da censura. Não era permitida imagem de seios ou órgãos genitais e as revistas deveriam ser disponibilizadas em um saco plástico preto (evitando assim maiores exposições) contido os dizeres: “Proibido para menores de dezoito anos”.

Na produção de quadrinhos, a editora ainda dava os seus primeiros passos e estes eram inseridos nas outras revistas, ainda de forma experimental e sem muito planejamento, servindo para preencher espaços vazios ou na falta de algum patrocínio.

No entanto, a Grafipar via o sucesso dos quadrinhos alcançados pelas concorrentes e aproveitando o fato do artista Claudio Seto estar morando em Curitiba, o convida para fazer parte da editora. A ideia inicial era a publicação de uma HQ de faroeste para disputar o mercado com o já consagrado e sucesso de vendas, a HQ *Tex* do italiano Sérgio Bonelli – lançada no Brasil pela editora *Vechi*. Seto, logo convence a todos que o melhor a fazer é a publicação de algo mais ousado, ligado ao sexo e erotismo e mais próxima à linha editorial erótica da Grafipar (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Todos concordaram e, mesmo com a censura, havia ainda uma demanda reprimida na produção dos quadrinhos eróticos, sendo este o melhor caminho a

explorar. Então porque não misturar tudo, o sexo, o humor, a ficção científica, o terror, etc.?

Claudio Seto se tornaria uma figura importante na história da editora, tornando-se responsável direto pela produção de todos os quadrinhos. Tudo isso se deve a sua genialidade e carisma com os demais colaboradores.

Ainda existia, assim como havia predominado na década de 70, o chamado “quadrinho de autor”, que na verdade era uma posição mais pessoal, subjetiva do que deveria ser criado, sem muita preocupação com uma continuidade e o resultado final dentro das exigências ou tendências do mercado editorial.

Seto procurava orientar esses novos quadrinistas de forma que pudessem se adaptar ao processo industrial da Grafipar, mas sem perder sua autenticidade. Não era uma tarefa fácil, onde havia algumas discussões e contratemplos, porém Claudio Seto sabia que o sucesso da editora dependia desse comprometimento.

E mesmo com todo trabalho o artista fazia tudo isso com muito humor. Segundo Seto:

“A gente fazia algumas brincadeiras. Uma delas consistia em usar quatro páginas diferentes para fazer um desenho. Cada página com uma parte do desenho. Mas como ninguém vai pegar as quatro páginas depois de prontas e juntar, jamais saberá do desenho “subliminar” que foi colocado de propósito ali” (PADILHA, ROBER, 2011).

A editora apostava então nas HQs com boas doses de erotismo. Segundo a própria Grafipar: “Vamos lançar quadrinhos trazendo ao público um erotismo forte, como nunca foi visto no país (...)”. Assim nascia o primeiro título Eros – Sexo em Quadrinhos, em Setembro de 1978.

Logo no primeiro número da HQ Eros, a Grafipar convocava desenhistas de todo o Brasil a enviarem seus trabalhos. Começava o sonho de uma nova perspectiva dos quadrinhos eróticos nacionais.

Uma maneira criada pela editora para avaliar sua produção foi um contato direto com os seus leitores através de uma seção de cartas nas HQs, onde a Grafipar fazia pesquisas sobre os temas, personagens e sobre a opinião da forma que melhor deveria prosseguir com suas histórias. Várias dessas seções continham tira-dúvidas, curiosidades da editora e de seus colaboradores, concursos e

premiações. Muitos de seus desenhistas participaram de entrevistas criadas com o propósito de aproximar o contato com o leitor e divulgar melhor o seu trabalho.

Com o sucesso de Eros, o quadrinista e também colaborador da editora, Luiz Rettamozo, decide criar um tipo de regra geral de conduta no qual todos os colaboradores deveriam seguir para evitar problemas com a censura.

Não apelar para interesses lascivos, não retratar o comportamento sexual de maneira ofensiva e fazer quadrinhos com verdadeiros valores literários, artísticos, políticos e científicos. Critérios que fazem a diferença entre o erotismo gratuito e a pornografia de nossa proposta de Novo Erotismo. (LUIZ RETTAMOZO, apud GONÇALO JUNIOR, 2010, pag. 325).

Em 1979, o governo então era controlado pelos militares, que era responsável pela fiscalização de todo o mecanismo de comunicação. Essa censura foi responsável pelo boicote de muitos textos e artigos. Qualquer palavra, trecho ou imagem considerado impróprio ou em oposição ao governo, deveria ser modificado ou simplesmente era vetado. As editoras enviavam um “boneco” do que seria a revista ou HQ e os censores verificavam o que deveria ser modificado ou proibido. Os editores faziam verdadeiros malabarismos para conseguirem um resultado que “agradassem” aos censores e fossem suficientes para serem publicados em tempo recorde. Muitos trabalhos que deveriam passar pela fiscalização demoravam meses para que fossem aprovados, sendo enviados várias vezes pra verificação (GONÇALO JUNIOR, 2010).

As análises dos materiais eram arbitrárias e uma mesma decisão era acatada ou desconsiderada, de acordo com o censor ou quem fosse responsável pelo órgão da censura. Isso demonstrava despreparo e desorganização. Com tantos problemas, várias revistas foram canceladas ou vetadas saindo do mercado editorial bem antes do previsto e a consequência foi o fechamento de várias editoras menores. Existia também uma forte influência por parte das grandes editoras e um jogo de interesse político e financeiro por trás dessas decisões.

Um fato curioso com a relação da censura foi que devido ao grande número de revistas publicadas pela Grafipar, um censor chamado José Augusto veio a mando de Brasília pra assumir o posto de chefe da Polícia Federal em Curitiba, onde seria o responsável para fazer a fiscalização no estado. O interessante foi que ele

era um apreciador de quadrinhos e tornou-se amigo do empresário Faruk, tendo sido publicado uma história de sua autoria. Segundo o empresário este fato acabou facilitando o trabalho da editora, evitando assim o custo e o trâmite de se enviar todo o trabalho para Brasília (PADILHA, ROBER, 2011).

Mesmo com as restrições da censura, a Grafipar chega ao final do ano de 1979 como o melhor ano de vendas. Surgem então alguns novos colaboradores de peso, como o escritor Paulo Leminski. São publicados novos títulos, como Próton (que misturava ficção científica com erotismo), Perícia (com contos policiais) e Neuros (que concentrava conteúdos eróticos às histórias de terror). No auge de sua produção, a Grafipar procurou manter uma relação bem próxima com vários artistas e desenhistas. Muitos deles, longe de Curitiba, viam isto como uma oportunidade de publicar seus trabalhos. Esse ciclo de cooperação acabou dividindo-se em dois grupos principais, um do Rio de Janeiro e o outro de São Paulo.

Havia uma diversidade enorme de colaboradores e mesmo quando muitas histórias eram recusadas por outras editoras, Claudio Seto acabava aproveitando esse material dentro das HQs da Grafipar, na tentativa de estimular o interesse e a produção dessa nova garotada de desenhistas. A Grafipar buscava também honrar os pagamentos, o que alimentava ainda mais o sonho de uma produção totalmente brasileira e independente. Vários artistas acabaram se mudando para Curitiba e morando juntos ou bem próximos. Com essa aproximação, os leitores começaram a espalhar um boato de que existia na cidade uma verdadeira vila formada por desenhistas e artistas, ficando assim conhecido essa história como a “Vila dos Quadrinistas”, localizada na Vila São Braz (DANTON, 2002); (ROSA, 2001).

Outro problema que as editoras brasileiras tinham era a falta de estímulo por parte dos órgãos de incentivo à cultura. Era uma luta desleal. O ritmo das produções estrangeiras era diferente. Em uma mesma publicação havia vários profissionais envolvidos, como em uma produção em série na qual um grupo era responsável por determinada fase da confecção do HQ. No Brasil um mesmo quadrinista era responsável por várias páginas e trabalhava em um ritmo acelerado para dar conta de tanto trabalho. E o valor recebido, normalmente pago por cada página finalizada, era muito baixo em relação aos quadrinistas estrangeiros.

A Grafipar vivia um momento de expansão com um número de dezesseis revistas mensais somados a outros lançamentos. Entre eles Especial de

Quadrinhos, Aventura em quadrinhos, Contos das Safadas, As Fêmeas, Homo Sapiens e Maria Erótica (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Em especial, Maria Erótica teve um espaço importante na editora sendo a personagem, uma das mais conhecidas da Grafipar; em seguida a editora lança também alguns títulos importantes e uma inovação no formato de seus quadrinhos eróticos. Os primeiros foram Volúpia, Volúpia Humor e Quadrinhos Eróticos – Série Gigante. Essas HQs foram editadas com tamanhos semelhantes às revistas convencionais para o público masculino, na tentativa de chamarem mais atenção.

Foram criados também dois jornais de humor. Em São Paulo, foi lançado então Vaca Amarela, com cartum, sátiras em quadrinhos e em Curitiba foi lançado Batata Quente, também com muito humor e piadas sobre o comportamento e o dia a dia dos curitibanos. Porém os dois exemplares tiveram baixa vendagem e foram cancelados pela editora poucos meses após serem lançados.

Já em 1980, após quase três décadas de intensa perseguição e controle, a censura dava indícios do fim e o que se verificava era uma abertura gradativa a todo tipo de material sexual. Com uma imagem desgastada e o crescente descontentamento da população, somado a uma luta incansável de artistas, estudantes e intelectuais, o governo acabou sendo obrigado a ceder, o qual, peças teatrais, revistas, livros, enfim tudo estava sendo explorado com temáticas sexuais. O sexo predominava na curiosidade das pessoas tornando-se um produto indispensável após tanto tempo de “abstinência” (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Com as novas revistas de sexo liberada à venda, ressurgiu uma onda de descontentamento e violência de diversos órgãos políticos e pessoas que se diziam contra toda essa “devassidão”. Ameaças são feitas aos jornalistas por cartas anônimas e em seguida bancas de jornais são incendiadas; livrarias são alvejadas em plena luz do dia. Várias pessoas são espancadas e presas. Bombas são deflagradas contra favoráveis às novas opções e políticos considerados de esquerda. Havia todo tipo de intimidação psicológica e esta era veiculada através também de folhetos anônimos. Era uma tentativa daqueles que se diziam avessos à liberação ao erotismo em provocar um retrocesso político. Apesar dos conflitos, a situação era irreversível (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Aproveitando o sucesso dos quadrinhos, o empresário Faruk decide investir na compra de um jornal. Porém a transação não foi bem sucedida, comprometendo

significativamente o financeiro da editora. Outro problema era a grande inflação da época que aumentavam os custos e os preços finais dos quadrinhos. Também havia o alto preço do papel, importados, na época, A qualidade dos quadrinhos começa então a ser afetada. A vendagem diminuía ao passo que aumentava a procura pelas revistas de sexo explícito, liberadas pelo governo federal (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Várias HQs da Grafipar sofrem uma redução de suas páginas. A editora lança Herói Erótico. O HQ trazia a mesma fórmula de antes; novos personagens como *Ty-Rex* (um herói da idade das pedras e com muito erotismo) e Hulkão (uma analogia ao incrível e pelas HQs da Grafipar, “bem dotado” *Hulk*, super-herói criado por Jack Kirby e Stan Lee, em 1962). Saíram também *Sexy West* e *Sexy Comics* que trazia erotismo e situações cômicas do Velho Oeste. Foram lançados também *Aventuras Eróticas* e *Clarice – Novela em Quadrinhos* que pretendia fazer quadrinhos eróticos somente para mulheres.

Já no HQ *Taras Sexuais*, a Grafipar decide de vez entrar na briga pela sua sobrevivência, publicando desenhos e poses mais ousadas. Embora os desenhos fossem sendo publicados sem cenas explícitas, os temas dessa HQ tinham o propósito de chocar aos leitores. Temas como: coito anal, sexo vegetariano, inversão anatômica, necrofilia, transexualismo, etc. Outros títulos também vieram, mas sem o apelo erótico, como *Jackal*, (o mocinho do Velho Oeste), *O Exterminador* (um motoqueiro justiceiro e anti-herói), e *Raio Negro*, um super- herói tipicamente brasileiro que já fora lançado anteriormente em 1965, por outra editora, a Gráfica Editora Penteados.

A Grafipar trazia em seus títulos uma forte carga de erotismo. Desta maneira a editora conseguia atrair mais públicos, porém essa posição, muitas vezes, era criticada por leitores “desavisados” que não encontravam aquilo que as capas prometiam. No final de 1980, a Grafipar percebe que talvez tenha se adequado aos novos tempos tarde demais, não acompanhados as mudanças que surgiam. Outras editoras saíram à frente na exposição do erotismo e tiveram mais sucesso com um material mais agressivo.

Com isso, muitos leitores passaram a buscar esse conteúdo erótico em outras publicações e o futuro da editora já estava comprometido.

Em 1982, Seto decide criar um selo pras HQs, chamado Bico de Pena. Por trás desse selo funcionaria uma espécie de cooperativa de quadrinistas. A vantagem era que todos receberiam uma participação do lucro. Com o selo Bico de Pena, surgem novos HQs. O primeiro deles foi *Rex*, em estilo faroeste; *Insaciável Garanhão*, um personagem *punk*, que trazia muita ação, violência urbana e erotismo. *Capitão Gay*, inspirado em um personagem do humorista e escritor Jô Soares que era representado pelo mesmo no programa de humor *Viva o Gordo* na emissora Rede Globo. E *Lúcifer* que trazia histórias de terror e sexo em quadrinhos (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Por fim a Grafipar ainda lançou alguns títulos fora do gênero que havia marcado sua trajetória de sucesso no mercado de HQs, o erotismo. Dois títulos direcionados a público infantil: *Robô Gigante* e *Super Pinóquio* e como último lançamento em Dezembro de 1982, o quadrinho *Xanadu*, um HQ de 100 páginas com histórias de ficção científica.

A editora encerrou suas atividades em 1983, após uma luta incessante para consolidar a produção brasileira de HQs. Naquele momento, outras editoras importantes como a Ideia Editorial (que publicava quadrinhos eróticos italianos da editora Edifumeto e Ediperiodici) e a editora Vechi também fecharam suas portas (ROSA, 2011).

Na Grafipar foram lançados mais de trinta títulos de HQs (em apenas cinco anos), totalizando quase 250 HQs publicadas. Muitos artistas ficaram consagrados após a participação na editora.

Podem-se destacar profissionais como: Ataíde Braz, Claudio Seto, Flávio Colin, Franco de Rosa, Julio Shimamoto, Mozart Couto, Nelson Padrela, Luiz Rettamozo, Rodval Matias, Rogério Dias, Watson Portela, dentre outros (ver apêndice B, pág. 122).

No total, entre funcionários fixos e colaboradores, foram cerca de 400 pessoas envolvidas. Todos eles, de alguma forma, contribuíram para o sonho de uma produção nacional de quadrinhos. Quadrinhos independentes, inovadores e que desse suporte ao talento e aos profissionais de todo o País. A editora Grafipar teve um papel fundamental e seus quadrinhos, revistas e periódicos fizeram parte dessa história. A comprovação da marca deixada nas HQs está na diversidade, criatividade e originalidade de suas HQs.

Some se a isto todo tipo de dificuldade encontrado pelos quadrinistas nos anos 80. Praticamente todos os direitos autorais eram repassados às editoras, as quais pagavam um preço muito baixo pelo trabalho dos quadrinistas. A editora Grafipar foi uma das raras exceções. Além da concorrência desleal com os quadrinhos estrangeiros havia também um ceticismo em relação o que era produzido no País.

Seus profissionais foram capazes de impor sua marca na produção de HQs, inovando, criando e se adaptando às exigências e adversidades desse mercado. Nos quadrinhos verificamos a capacidade criativa, onde muitas histórias e temas diversos foram adaptados à realidade cultural brasileira.

Verifica-se um aprimoramento na confecção dos quadrinhos, onde são usadas técnicas diversas, coexistindo com uma qualidade significativa na composição dos roteiros com o uso de temas regionais. Com isso a editora foi capaz de expandir seus quadrinhos para outras regiões do país, na tentativa de diminuir a distância entre esse público.

Existiu, nas histórias da Grafipar, um forte apelo político, social, onde o contexto da época se torna presente de forma inusitada, transcrita em analogias ou em pequenos detalhes. A editora possuía uma posição muito forte e nacionalista e nos anos de sua existência abriu portas a diversos quadrinistas, muitos deles jovens e inexperientes, e que tiveram a oportunidade de trabalhar e produzir quadrinhos no Brasil.

A editora Grafipar foi um dos grandes exemplos de sucesso dentro do mercado editorial. Ela acreditava ser possível e viável economicamente, a publicação de quadrinhos exclusivamente brasileiros. E assim o fez por cinco anos, (entre os anos de 1978 a 1983 – período da produção de HQs eróticos) investindo quase que exclusivamente em um sonho brasileiro da produção de quadrinhos totalmente nacionais.

Desta forma ficou conhecida pela luta contra os quadrinhos estrangeiros (os quais eram chamados de enlatados) e valorização dos HQs e profissionais do País

Pela editora passaram colaboradores de peso de várias gerações dentro da HQB – História em Quadrinhos Brasileira - os quais muitos foram reconhecidos e continuam a atuar em áreas diversas no mercado editorial e na produção nacional.



Figuras 43 e 44: Reunião da Grafipar, fotos 1 e 2  
Fonte: Documentário: O Samurai de Curitiba, 2010.

## 6 OUTRAS EDITORAS

Neste capítulo são citadas duas importantes editoras que publicaram quadrinhos eróticos. A editora Edrel e a editora Ideia Editorial, que foi concorrente direta com a Grafipar.

### 6.1 EDITORA EDREL

A editora Edrel nasceu em dezembro de 1966, na cidade de São Paulo e em pouquíssimo tempo - cerca de um ano - se destacou entre as editoras pequenas da época. Fundada por Minami Keizi, Jinki Yamamoto e Salvador Bentivegna, todos eles haviam trabalhado na extinta editora Pan Juvenil, que encerrou suas atividades devido ao acúmulo de dívidas com agiotas. Minami Keizi, em especial, veio para São Paulo com pouquíssimo dinheiro no bolso.

Por ter influência muito forte dos quadrinhos orientais, seu trabalho foi ignorado pela maioria dos editores da época. Mesmo assim acabou sendo o responsável pela criação de uma das melhores editoras de quadrinhos da década de 1970. O nome escolhido para a editora era a abreviação de “Editora de Revistas e Livros” por sugestão de um dos empregados. (GONÇALO JUNIOR, 2010).

O sucesso alcançado pela Edrel foi resultado da participação de vários artistas jovens e inexperientes. Da maneira que faria mais tarde na editora Grafipar, Claudio Seto criava oportunidades aos quadrinistas iniciantes. Nomes que se tornariam referência na produção dos quadrinhos brasileiros como: Fernando Ikoma, Paulo Fukue, Fabiano Dias, Roberto Fukue e o próprio Claudio Seto passaram pela editora. Esses artistas, e outros como Julio Shimamoto, foram responsáveis mais tarde pela grande influência do estilo Mangá, nos HQs nacionais (NETO, 2006).

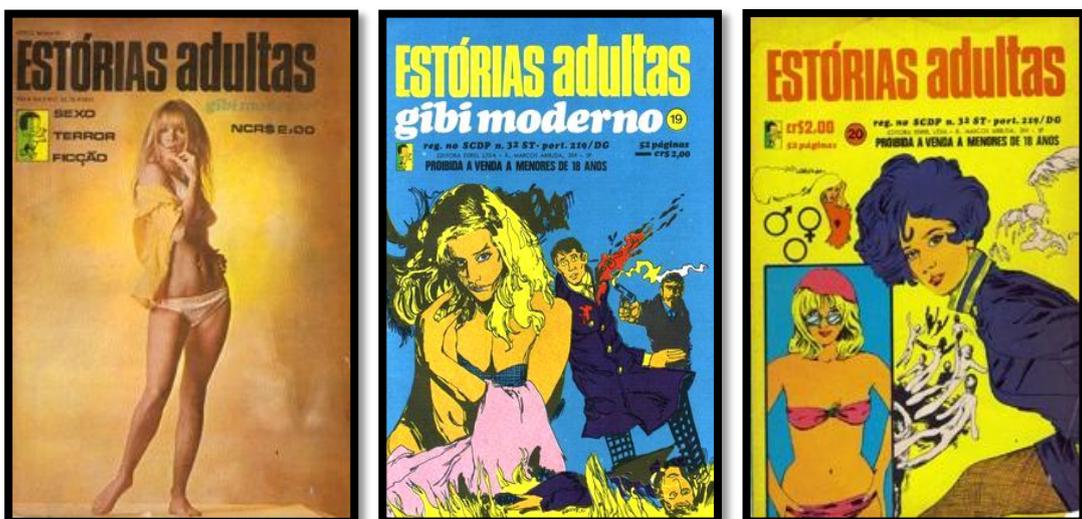
A Edrel teve bastante importância na história dos quadrinhos nacionais, pois foi a primeira editora a publicar quadrinhos eróticos genuinamente brasileiros. Antes disso, os quadrinhos eróticos eram todos importados ou reeditados a partir de exemplares estrangeiros. Havia pouco interesse nesse tema, onde o cenário

nacional era dominado por HQs de terror, velho-oeste, alguns heróis estrangeiros e poucos quadrinhos infantis. Nessa época qualquer revista que contivesse quaisquer imagens de nudismo ou cenas de sexo era expressamente proibida. Os quadrinhos eróticos então não tinham força no mercado editorial.

Com a produção focada em muitas histórias eróticas, a Edrel ficou bastante marcada pela perseguição sofrida da censura brasileira. Minami Keizi sofreu várias retaliações em suas publicações, tendo muitos de seus quadrinhos cancelados e apreendidos (NETO, 2006).

O primeiro quadrinho lançado foi Estórias Adultas em 1969, o qual foi considerado uma HQ moderna e revolucionária em contrapartida aos materiais que a concorrência produzia. O sucesso de Estórias Adultas foi bastante significativo sendo logo copiado por muitas outras editoras, o que acabou incentivando a Edrel a lançar vários outros temas de terror, aventuras de guerra, faroeste, infantil, histórias de samurai, etc.

A Edrel é considerada como a pioneira do estilo mangá. O exemplo é o personagem Tupâzinho, inspirado no desenho japonês Astro Boy, criado por Seto na Pan Juvenil e trazida para a Edrel. Esse estilo era muito pouco conhecido e quase nunca divulgado, limitando-se apenas às revistas importadas do Japão que eram direcionadas ao público oriental, descendentes ou não, que já moravam no país. (GONÇALO JUNIOR, 2010). A editora funcionou até o ano de 1975.



Figuras 45, 46 e 47: HQ Estórias Adultas  
Fonte: internet – Cineclubcauim, 1969 – 1972.

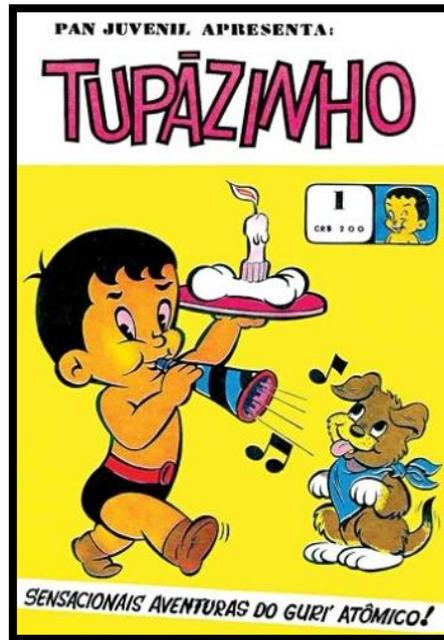


Figura 48: HQ Tupãzinho n  
Fonte: Internet, 1966.

## 6.2 IDEIA EDITORIAL

A Ideia Editorial foi fundada em 1975, por Domingo Alzugaray e Claudio de Souza. Tanto seus fundadores quanto os outros membros da equipe, diretores, desenhistas, redatores, etc., eram ex-funcionários da Editora Abril. Assim como a Grafipar, a Ideia Editorial possuía uma grande quantidade de quadrinhos eróticos.

Seus quadrinhos possuíam uma qualidade de impressão bastante significativa, com capas pintadas á mão e muito atrativas. As revistinhas, sempre em formato pequeno (17,5 X 12,5 cm.) e bem volumosas (em torno de 100 páginas), sendo seus desenhos todos em preto e branco e com um ritmo bastante contínuo (DIOLLI, 2008), sem muitas mudanças e alternativas diferenciadas. Os enquadramentos eram quase sempre iguais, ora dividindo as páginas em dois quadrinhos, ora em uma única página.

Boa parte do material vinha da Itália; quadrinhos da então já consagrada editora Edifumetto.

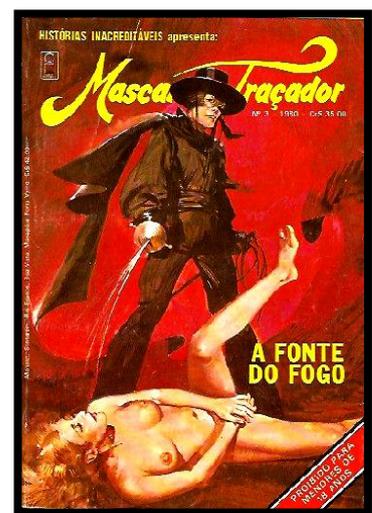
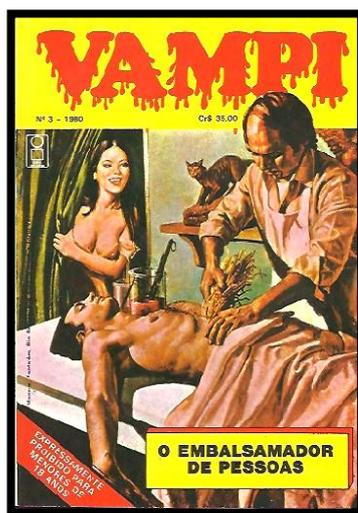
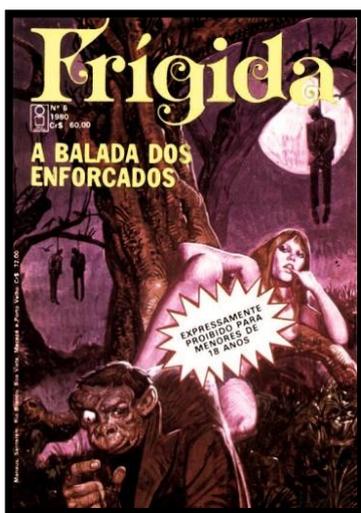
O material publicado nos quadrinhos da Ideia Editorial foi inicialmente oferecido também à Grafipar, porém na ocasião, Claudio Seto que era o responsável

pelo núcleo dos quadrinhos da editora não se mostrou muito interessado. Seto decidiu continuar a lançar apenas as HQs que eram produzidas no Brasil. (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Em suas histórias bastantes temas oníricos, com pitadas de malícia e mesclados também à fórmula terror-erotismo. Também se verificou uma carga de violência o que acabou provocando o seu veto em alguns países europeus (DIOLLI, 2008).

Alguns personagens eram uma sátira aos contos de fadas, conhecidos mundialmente. Branquela (Biancaneve, originalmente pela Edifumetto), que era uma sátira da Branca de Neve. Nessa versão, muita orgia, onde a personagem Branquela se envolvia com os anões, magos, vampiros, cavaleiros, etc. e chegando a manter relações sexuais com Chapeuzinho Vermelho (DIOLLI, 2008).

Conde Dinho, um milionário que possuía o rosto desfigurado e usava uma máscara de borracha para esconder sua identidade. Frígida, uma espécie de morta-viva viciada em sexo que atraía seus parceiros e os assassinava ou mutilava. Havia também Zora e Vampi que eram vampiras que saíam à procura de sangue e muito sexo e Zarro, (parecido com Zorro), um espadachim mascarado que lutava em favor dos oprimidos e injustiçados, conhecido como “o mascarado traçador” e que possuía o hábito de desenhar a marca “Z” nas nádegas das mulheres (DIOLLI, 2008).



Figuras 49, 50 e 51: HQ Frígida; HQ Vampi; HQ Mascarado  
Fonte: Internet - RS Raridades, 1980.

## 7 SOBRE AS HQS ERÓTICAS PRODUZIDAS PELA GRAFIPAR

A editora Grafipar produziu mais de 30 títulos de HQs diferentes e foram quase 250 HQs publicadas. No total, 26 títulos eróticos em cinco anos. Desse número foram catalogados no trabalho 25 títulos eróticos.

Nesses quadrinhos podemos verificar uma diversidade bastante significativa. A editora então apostava em alguns gêneros já conhecidos e explorados como o Faroeste, Terror, Violência, etc., porém como o diferencial e a autenticidade de mesclar em seus quadrinhos pitadas de erotismo.

Na busca pela valorização dos HQs nacionais, esses gêneros também eram adaptados para a realidade e cultura brasileira. Nas próprias HQs existia uma seção de cartas, onde a Grafipar pedia aos leitores sugestões de histórias e temas. Vários leitores solicitavam quadrinhos sobre o folclore popular (histórias de Saci, Mula sem cabeça, Caipora, etc.) e então a editora criava essas histórias. Um dos quadrinhos, intitulado Sertão e Pampas, por exemplo, publicava histórias de temas regionais desses dois extremos do País. Esse espaço era aberto também para críticas e a Grafipar publicava muitas delas, respeitando as opiniões divergentes (GONÇALO, 2010).

Os quadrinhos da editora foram evoluindo graficamente, o que se verifica são o uso de novos traços, novas tentativas de enquadramento. Claudio Seto, tendo sido o responsável pelo núcleo de quadrinhos dentro da editora, também abusou bastante dos Mangás.

Seto mesclava também quadrinhos amadores, que eram enviados à editora (seção intitulada Quadrinhos do Clube) dentro das HQs, aproveitando o máximo esses materiais. Com a grande diversidade de colaboradores coexistiam técnicas diferentes, sendo assim encontrados traços e desenhos variados.

Neste capítulo foi disponibilizada a proposta de cada título produzido pela editora, verificando os principais personagens, temáticas, histórias e curiosidades encontradas. Desta forma podemos conhecer toda a diversidade de histórias e temas que foram trabalhadas pela editora Grafipar e sua vasta produção.

## 7.1) ALMANAQUE EM QUADRINHOS

O HQ Almanaque em Quadrinhos circulou entre 1981 a 1983, tendo sido publicados 15 números no total, a pedido de vários leitores que escreviam para a editora. Naquela época a redação da Grafipar ficava entupida de correspondências, o que levou a editora a criar o Clube dos Quadrinhos. Era uma seção dentro das HQs que dava mais espaço às cartas e onde a editora também escrevia a respeito dos quadrinistas, dicas de desenhos e entrevistas com esses profissionais. Assim, vários desenhistas acabaram ficando conhecidos e comentavam a respeito do trabalho como quadrinista e de suas histórias (ROSA, 2011).

O Almanaque em Quadrinhos então foi criado com intuito de trazer várias histórias, que se tornaram famosas dentre todas as HQs da editora. Era uma coletânea de algumas das melhores edições onde também eram disponibilizadas algumas histórias inéditas (GONÇALO JUNIOR, 2010).

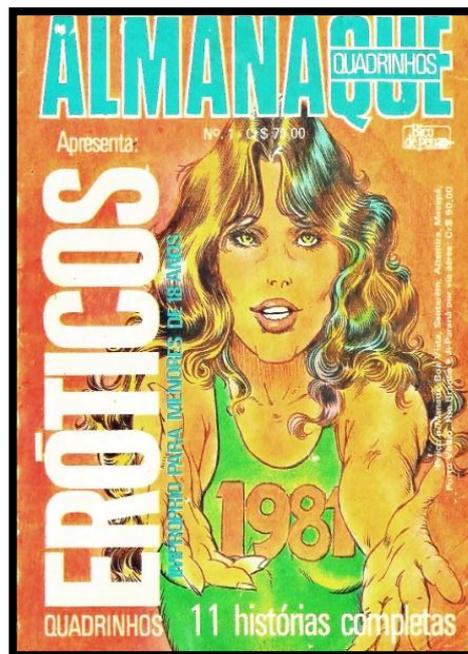


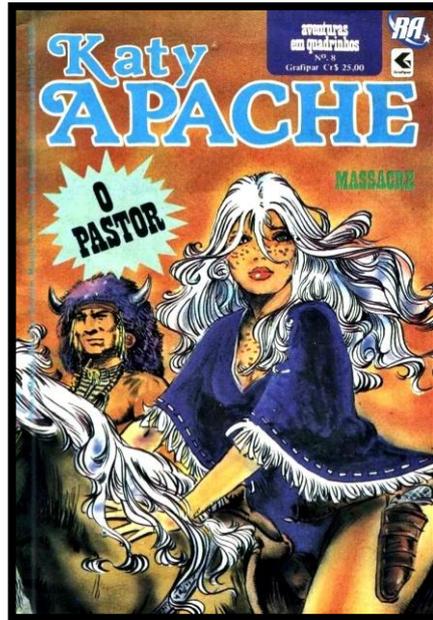
Figura 52: Almanaque em Quadrinhos  
Fonte: Coleção particular, 1981.

## 7.2) AVENTURAS EM QUADRINHOS

Aventuras em Quadrinhos foi uma revista criada na intenção de testar novos personagens. O seu editorial prometia: “Lançando novos valores, (esta publicação) leva você a fantásticas aventuras no desconhecido! Uma revista versátil, que testa os temas que você mais gosta. Inovação total!” (HQ AVENTURA EM QUADRINHOS n° 02, 1979, pág. 32).

Seu primeiro título foi às bancas no ano de 1979 e trazia como personagem Katty Apache. Com uma aparência sexy e frágil, enganava facilmente os “bandidos” que não acreditam em sua coragem e boa pontaria. A personagem fez tanto sucesso nas publicações da Editora Grafipar, que acabou ganhando revista própria no ano de 1980.

Muitos dos leitores reivindicavam outros temas e personagens folclóricos como Curupira, o Saci, etc. Alguns deles, cansados das histórias e temas estrangeiros, pediam que fossem criados HQs sobre o Cangaço e a Caatinga, seus povos e suas particularidades. Com isso a Grafipar lançou personagens como, Tupã (um índio brasileiro), Torn (um herói da pré- história) Jackal (um pistoleiro), entre outros (GONÇALO JUNIOR, 2010). A HQ durou até o ano de 1981, no total de 12 números editados.



**Figura 53: Aventuras em Quadrinhos**  
**Fonte: Coleção particular, 1980.**

### 7.3) CLÁSSICOS ERÓTICOS EM QUADRINHOS

A HQ Clássicos Eróticos em Quadrinhos trazia os clássicos da literatura erótica mundial, histórias exóticas passadas no Oriente e em outros países. Os textos eram sempre sátiras com boas pitadas de humor e erotismo. A editora fazia uma pesquisa minuciosa, verificando os detalhes da obra, época e sobre seus criadores. Os leitores agradeciam e comentavam a respeito da qualidade dos roteiros. No primeiro número, clássicos com Decamerão e uma história sobre os Samurais.

O que podemos verificar nessa HQ é que existe já uma intenção maior para a disposição de imagens com carga mais explícita. Nesse período havia uma abertura gradativa das imagens de sexo e a editora começava a perder espaço com a publicação de revistas de sexo explícito. Era a tentativa da editora de permanecer firme na produção de quadrinhos 100% nacionais (GONÇALO JUNIOR, 2010). Foram publicados 15 números entre os anos de 1981 a 1983.



**Figura 54: Clássicos Eróticos**  
**Fonte: Coleção particular, 1981.**

#### 7.4) COLEÇÃO ERÓTICA GIGANTE E QUADRINHOS ERÓTICOS GIGANTES

Coleção Erótica Gigante e Quadrinhos Eróticos Gigantes, assim como o Almanaque em Quadrinhos, traziam uma coletânea das melhores histórias produzidas pela Grafipar. A segunda apresentava uma faixa verde-amarela na capa onde se lia “quadrinhos feitos na raça”. No primeiro número de Coleção Erótica Gigante temos o desabafo de Julio Shimamoto em relação ao trabalho árduo que os quadrinistas tinham para manter a qualidade e a continuidade da produção.

Claudio Seto, criador e diretor da Neuros, me bate o fio lá do seu Q.G. em Curitiba:- Shima, o seguinte - preciso que me mande uma história de terror a toque de caixa, para fechar o nº 7. Olha que é pra ontem. - Más Seto, já hoje de manhã o Edmundo da Block me pediu para apressar os desenhos da Múmia. Na hora do almoço o Otacilio da Vechi me pede a criação de um Samurai, além de louco, fantasma. pro' Spectro. E quando ia pro sanitário (consequência das pressões) chega o bilhete de Retta, o diretor da Próton, reclamando notícias (leia-se trabalhos)... E a – É coisa não acaba aí! Não faz meia hora, o Rogério Dias, da Perícia e Quadrinhos Eróticos me cobra a produção mensal de trinta - t-r-i-n-t-a- páginas!! úfal!- O Shima, eu te manjo, você aí morando a 10 minutos da praia toda ensolarada... Olha, apesar das suas desculpas nada muda. Preciso que me mande o material. É uma intimação! Click! ... .. É, meu saudoso velho dizia que fazer arte e pastar eram sinônimos (ele tinha lido biografias de Rembrandt,

Toulouse, Van Gogh, Gauguin, etc., mas estes eram gênios e artistas, sou um simples rabiscador , operário dos quadrinhos, negócio bem diferente!) E que eu devia estudar Engenharia eletrônica e transar numa General Electric dessas... Desculpe-me leitor, você não tem nada com isso, tinha que me desabafar... Bem, aí vai a história de Cel. Santino.  
 Júlio Y. Shimamoto – Taquarar – Jac. – Rio de Janeiro..

Ambas foram publicadas no ano de 1980 e juntas somaram 08 números editados.

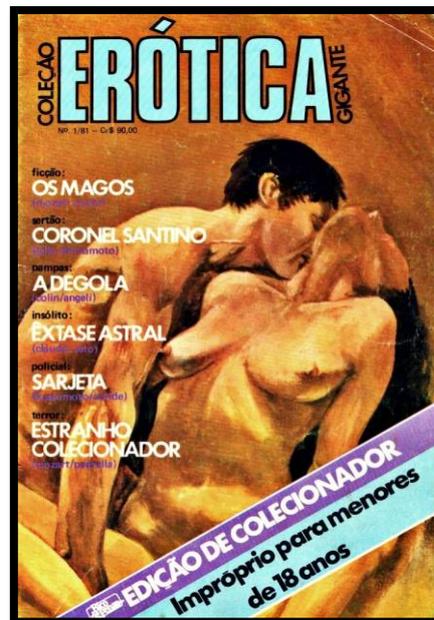
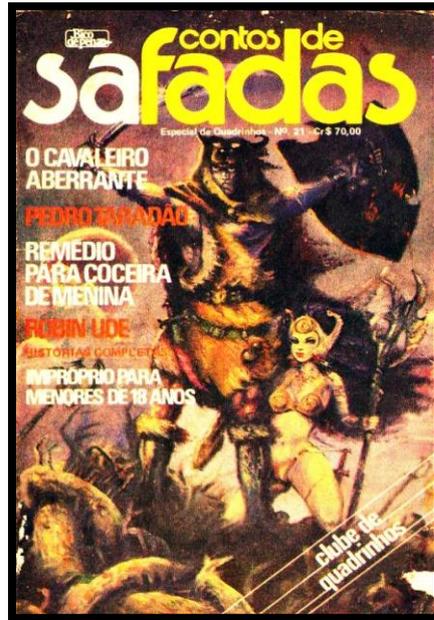


Figura 55: Coleção Erótica Gigante  
 Fonte: Coleção particular, 1980.

## 7.5) CONTOS DE SAFADAS

Contos de Safadas era uma HQ que continha histórias dos contos de fadas com muito humor e erotismo. Dentro da HQ histórias de príncipes, princesas, reinos e fadas e alguns clássicos da literatura universal, como Hobbin Hood, Rapunzel, Pinóquio, entre outros, contados sempre de forma divertida. Foram lançados 22 números entre os anos de 1979 a 1980 (GONÇALO JUNIOR, 2010).



**Figura 56: Contos das Safada**  
**Fonte: Coleção particular, 1980.**

## 7.6) EROS – QUADRINHOS ERÓTICOS

Eros – Quadrinhos Eróticos foi a primeira HQ criada e o primeiro título lançado pela Editora Grafipar. Era um projeto experimental em quadrinhos. Antes disso a editora já havia lançado algumas histórias, como “Bilhete Íntimo”, uma adaptação do escritor Nick Candy que relata uma história sadomasoquista. De início a revista fora intitulada apenas Eros (ROSA, 1988).

Já na quinta edição, a editora Grafipar teve que alterar o nome, em meio a uma disputa judicial com a editora Ideia Editorial que já possuía um título com o mesmo nome. A solução encontrada foi a criação de uma segunda capa com o nome Quadrinhos Eróticos, simplesmente.

Eros era uma revista que reunia histórias com temas urbanos e com críticas ao comportamento e posicionamento da sociedade em meio aos problemas sociais, morais e econômicos da época. Em suas páginas verifica se também muito humor e sempre a predominância do erotismo. Com a HQ Eros, a Grafipar desejava de vez sua inclusão na história dos quadrinhos nacionais, definindo uma nova linguagem para o mercado das HQs. Logo no primeiro número, em seu editorial, a editora Grafipar publicava um manifesto:

Bandeira desfraldada, posições assumidas. O sexo em quadrinhos até hoje descansou no leito do preconceito. Confundir erotismo com pornografia é uma das tônicas preferidas pelos donos da verdade. (...) Os quadrinhos eróticos. Sem frescuras e preconceitos. Bellenda, em termos nacionais, é inédito por razões geográficas. Ataca de bom humor e mete beijo nas mulheres. Mulheres que são comidas nos pés, sem descascar, como frutas. Objeto mulher são quatro páginas de masturbação mental desmentidas pelo humor e pela autocrítica. (HQ EROS – SEXO EM QUADRINHOS n° 01, 1978, pág. 07).

A HQ Eros foi lançada em 1978 e durou até 1983, tendo sido publicadas 76 números.



Figura 57: Eros - Quadrinhos Eróticos  
Fonte: Coleção particular, 1978.

## 7.7) ESPECIAL DE QUADRINHOS

Especial de Quadrinhos surgiu em Agosto de 1979 e jamais teve uma linha editorial muito bem definida. Na verdade essa HQ servia mais como um tipo de

“laboratório de testes”, onde Claudio Seto acabava testando temas diversos para verificar sua viabilidade.

O volume número 10 foi considerado como uma verdadeira joia rara dentre os quadrinhos brasileiros e a produção da Grafipar. Trazia como título Ficção Fantasia – sexo no futuro. Na verdade era a tentativa de reestruturação da extinta revista Próton, que era a única HQ que trazia temas de ficção científica.

Segundo Seto, o conteúdo de ficção científica que os leitores brasileiros gostavam era diferente, dos estilos americanos e franceses e, percebendo isso, a Grafipar verificava também que os seus autores estavam muito influenciados por estes estilos de ficção. Então era a hora de se adequar, e a história, Fantasia – sexo no futuro, seria o primeiro passo (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Foram publicados no total, 20 números.

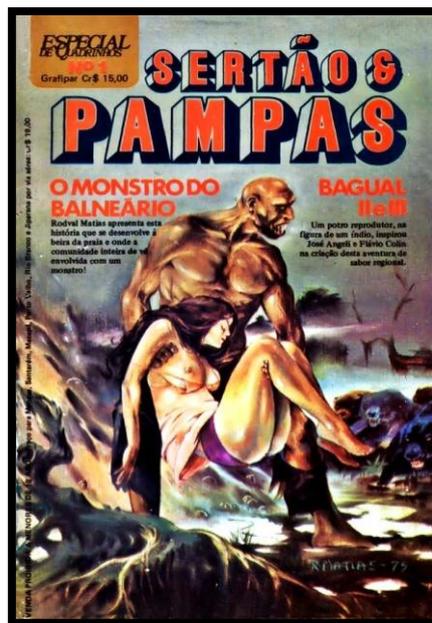


Figura 58: Eros – Especial de  
Fonte: Coleção particular, 1980.

## 7.8) FÊMEAS

Fêmeas era uma HQ que apresentava heroínas baseadas em histórias bárbaras, que acabavam se envolvendo com vilões, heróis e qualquer um que

aparecesse em sua frente. Nas histórias, muitas mulheres bonitas e muita aventura.

Com uma circulação mensal, a HQ foi pensada no intuito de publicar e vender algumas produções e histórias que vinham de alguns colaboradores menores, autores novatos e leitores em sua grande maioria. Muitas desses materiais não tinham uma qualidade muito boa. Seto procurava sempre mesclar essas histórias com outras, produzidas por Rodval Matias e Nelson Padrela, já conhecidos quadrinistas.

Era a forma encontrada pela editora para incentivar novos quadrinistas que tinham pouca aceitação ou eram desconhecidos, mas que sonhavam em fazer HQs.

Foram lançados 20 números entre os anos de 1979 a 1981 (DANTON, 2001).

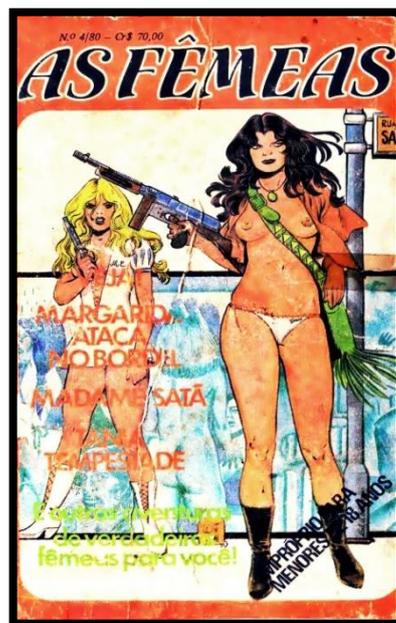


Figura 59: Fêmeas  
Fonte: Coleção particular, 1979.

## 7.9) HERÓI ERÓTICO

Criado em Setembro de 1981, o HQ Herói Erótico trazia um personagem por vez como destaque na capa de cada edição. Teve uma vida curta, com apenas 06

números. Apesar disso foi um dos bons momentos da editora, pois os quadrinistas estavam na melhor fase de sua produção. Boa parte do enredo vinha de colaboradores de outros estados. Alguns de seus personagens eram *Ty-Rex* (um herói da idade das pedras e com muito erotismo) e *Hulkão* (uma analogia ao incrível Hulk, super-herói criado por Jack Kirby e Stan Lee, em 1962).

Nesse momento a editora já passara por algumas dificuldades financeiras e os quadrinhos já sofriam com essas limitações, com cortes e reduções do número de páginas e o cancelamento de alguns títulos. Alguns de seus leitores questionavam essa mudança nas HQs e a editora dizia, de forma bastante franca, que estava passando por mudanças e adaptações e que mesmo assim procurava manter a qualidade de seus quadrinhos (GONÇALO JUNIOR, 2010).



**Figura 60: Hulkão**  
**Fonte: Coleção particular, 1981.**

## 7.10) MARIA ERÓTICA

A personagem foi, sem dúvida, uma das maiores representações femininas nos

quadrinhos brasileiros. Maria Erótica, criada em 1969 pelo artista Claudio Seto ainda no período em que trabalhava na Edrel, sigla de "Editora de Revistas e Livros", fundada por Salvador Bentinegna, Jinki Yamamoto e Minami Keizi.

Sua primeira aparição aconteceu em uma das aventuras da revista, As mais quentes piadas, ainda como uma personagem coadjuvante. Beto Sonhador, um personagem "atrapalhado e um verdadeiro tarado", em um de seus sonhos eróticos viaja para os Estados Unidos e lá conhece uma linda moça de corpo escultural que se chama *Mary Erotic* com quem acaba se envolvendo em mais uma de suas aventuras. (GONZALEZ, 2006).



**Figura 61: Maria Erótica 01**  
**Fonte: Universo HQ, 1969.**

Ainda no ano de 1969, devido ao sucesso alcançado e aprovação dos leitores, a personagem Maria Erótica acabaria ganhando uma revista própria. Durante essa fase de sua produção, entre os anos de 1969 a 1972, a revista demonstrava bastante influência dos HQs japoneses. Isso se deve á herança de Seto e sua paixão com os mangás - os quadrinhos em estilo japonês. Naquela época, os mangás eram desconhecidos aqui no Brasil sendo os poucos exemplares importados.

Um exemplo dessa semelhança é a quantidade de páginas. No Brasil, em média um almanaque de quadrinhos possuía 64 páginas, diferentes dos orientais, normalmente com mais de 100 páginas. Maria Erótica chegou a ser publicada com 132 páginas. Também havia alguns traços, como os olhos grandes e arredondados; uma referência dos conhecidos personagens de histórias em quadrinhos japoneses.

Nas histórias, recheadas de muito humor, uma mocinha virgem que sempre foge das tentativas de sedução do personagem Beto Sonhador em meio ao dilema de sua sexualidade, entre a vontade de se entregar aos impulsos e desejos sexuais que sentia, e permanecer uma garota virgem á espera de um grande amor.

Porém vivíamos um período conturbado na sociedade brasileira e a ditadura militar, juntamente com sua censura, tinha o poder de decidir o que era bom ou ruim para ver. Sexo então era considerado tabu e Maria Erótica, sendo considerada inapropriada e classificada como subversiva, teve proibida a sua circulação. (GONÇALO JUNIOR, 2004).

Em retaliação à produção da HQ, a censura brasileira, em meados de 75, que não gostou nem um pouco do conteúdo chegou ao extremo de invadir a editora Edrel em um episódio bastante violento. Nesta ocasião os policiais levaram todo material encontrado como prova. Queriam saber quem eram os responsáveis pela criação e divulgação desse material considerado obsceno e impróprio. Com isso Maria (as revistas) acaba atrás das grades junto com outros artistas da Edrel. Seto, que no dia do fatídico episódio não se encontrava na editora, acaba voltando para o interior de São Paulo onde permanece escondido até que a poeira se abaixasse. (GONÇALO JUNIOR, 2010).

“A polícia foi atrás de mim na sede da editora Edrel, em São Paulo. Como eu não estava lá, levaram uma pilha de desenhos originais da Maria Erótica. Ela, ou melhor, os desenhos, foram colocados em uma cela, ao lado de outros desenhistas presos, (...) Tal episódio ficou famoso entre os artistas”. (PADILHA, ROBER, 2010)

A editora Edrel, então passando por grandes problemas financeiros e com dívidas acumuladas somadas a outros prejuízos, acaba fechando suas portas em 1975 e a personagem Maria Erótica fica esquecida por alguns anos.

Anos depois e já na editora Grafipar, o artista Claudio Seto resolve ressuscitar sua personagem e o primeiro número de Maria Erótica é lançado em

Março de 1980 aproveitando a boa fase da editora Grafipar. Claudio Seto vai de distanciando da influência dos mangás e procura dar mais vida própria á personagem e mais brasilidade. No roteiro, artistas como Nelson Padrella e histórias mais elaboradas. Seto então começa a estabelecer as características que a tornaria conhecida ao longo de sua existência (PADILHA, ROBER, 2010).

Nas histórias um humor mais inteligente, mais ousado, com críticas e sátiras. A capa do número de estreia na Grafipar é bastante divertida. Com o título, No mato sem cachorro, a história é uma verdadeira sátira do livro Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll. Na capa, verificamos uma jovem loira nua (ainda na editora Edrel era morena), deitada e com os quadris levantados, enquanto vários outros famosos personagens também dos gibis, cinema e literatura, correm em sua direção com vontade de agarrá-la.



Figuras 62 e 63: Maria Erótica  
Fonte: Coleção particular, 1981.

As histórias são recheadas de sexo, desejo e muita sensualidade, em novas cenas e enquadramentos, rico em detalhes. O projeto gráfico é mais ousado, e se verifica linhas mais suaves. Outro detalhe interessante, incorporado pela genialidade de Claudio Seto, era colocar dentro das revistinhas cenários da cidade de Curitiba. Com isso ele procurava prestigiar a cidade que considerava maravilhosa pra se

viver. Mais tarde sua personagem acabou também incorporando status de heroína, lutando contra inimigos e fugindo de malfeitores como o personagem Conde Ejacula.

O sucesso da revista foi imediato e serviu com fetiche para muitos jovens, em uma época que ainda pouco se discutia sobre sexualidade e o acesso ao sexo era em contato aos poucos bordéis da cidade.

Tendo sido um dos quadrinhos de maior sucesso da editora Grafipar, Maria Erótica teve ao todo 18 números publicados até 1982. Mais tarde foram publicados mais dois volumes da série: O diário íntimo de Maria Erótica, com textos e temáticas mais adultas e cenas de sadomasoquismo

### 7.11) NEUROS

Neuros foi lançado no ano de 1979, com total de 17 números publicados, e procurou mostrar um conteúdo erótico mesclado às histórias de terror. No Brasil desde a década de 50, esse gênero fazia bastante sucesso entre os leitores, principalmente influenciados pelo cinema nas produções brasileiras como os filmes do cineasta José Mojica Marins, com o conhecido personagem Zé do Caixão. Segundo Claudio Seto o seu desejo com a HQ Neuros era proporcionar ao leitor um terror mais elaborado e complexo, com temas que envolvesse o psicológico (LUCIANO SILVA, 2006).

Claudio Seto, o qual não se considerava fã do terror tradicional, pedia aos colaboradores da HQ algo mais próximo à loucura, forças psíquicas e paranormais, projeções astrais, etc. Inicialmente o título da HQ foi pensado em Insólito e logo depois descartado por Faruk que não achava um título comercial. Nos roteiros de Neuros muita história do folclore popular brasileiro e uso de técnicas e arte final semelhante à xilogravura que era o método de impressão usado nas literaturas de Cordel, pequenos folhetins impressos no Nordeste (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Algumas de suas histórias retratam características sociais e históricas, aspectos regionais e culturais do cotidiano paranaense (O garoto de Antonina - Neuros n° 08 e Rio Paraná - Neuros n° 10) e muitas delas relatadas de forma fictícia

e distorcida, porém com elementos essencialmente particulares associados ao regionalismo paranaense.

Uma das grandes histórias publicadas foi O Anãozinho do Bordel (roteiro do escritor Paulo Leminski), uma figura estranha com o corpo deformado que narra o mundo obscuro de um bordel com passagens secretas e porões recheados de ratos. Nesse local ele vive secretamente aonde conduz os leitores a todo o tipo de bizarrice no submundo da luxúria e sexo, onde o personagem se alimenta dos restos e sacia sua sede e curiosidade a partir do ato de espiar pelas frestas e do sexo com as prostitutas. (LUCIANO SILVA, 2006).

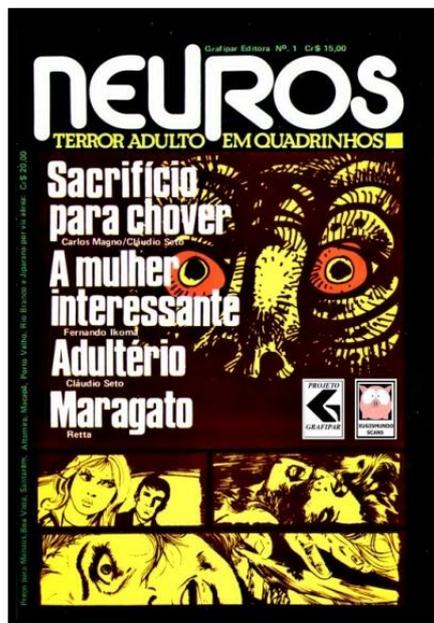


Figura 64: Neuros  
Fonte: Coleção particular, 1979.

## 7.12) O INSACIÁVEL GARANHÃO

O Insaciável Garanhão trazia o personagem de um motoqueiro que perseguia os criminosos, fazendo justiça com as próprias mãos. Trata-se de uma figura enigmática; um senador da república que se disfarça de motoqueiro onde acaba seduzindo as mulheres que protege (GONÇALO JUNIOR, 2010).

O insaciável Garanhão teve apenas uma edição, tendo sido publicado em 1982 e seu personagem reapareceu mais tarde na HQ Volúpia, edições 6, 10 e 11.

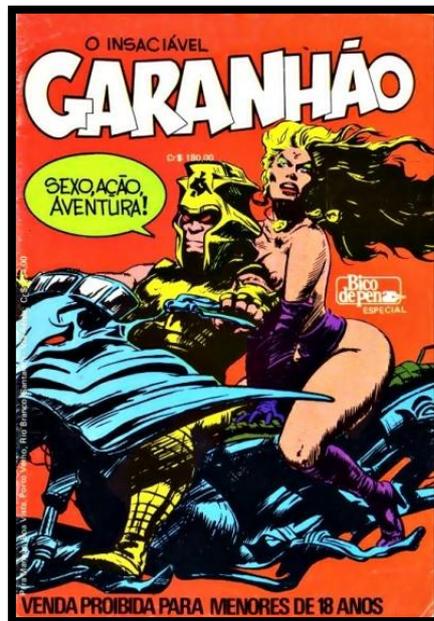


Figura 65: O insaciável Garanhão  
Fonte: Coleção particular, 1982.

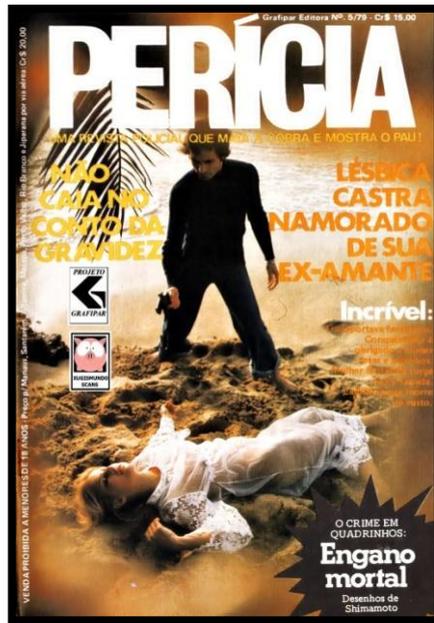
### 7,13) PERÍCIA

A HQ Perícia intercalava histórias eróticas com vários contos policiais. A editora Grafipar acabou criando um subtítulo bastante sugestivo nesse caso. Assim, diziam, “Perícia, uma revista policial que mata a cobra e mostra o pau”. Logo na primeira edição teve-se a ideia de criar uma espécie de tira dúvidas dos leitores através da coluna “Consultório Jurídico” onde eram respondidas as perguntas dos leitores e a seção “Não caia nessa” onde eram publicados historias de golpes e trapanças com crimes e finais trágicos; como a um alerta aos leitores desavisados (ROSA, 1988).

Na capa a HQ trazia imagens e fotografias de mulheres pouco vestidas, mescladas á cenas de crimes, no intuito de trazer um ar de maior realidade e

veracidade das histórias e atrair mais atenção. Boa parte das publicações era disponibilizada pelos leitores.

Foram publicados 19 números entre os anos de 1979 a 1981.



**Figura 66: Perícia**  
**Fonte: Coleção particular, 1979.**

#### 7.14) PERSONAL HUMOR

A HQ Personal Humor trazia esse nome em referência à outra revista da Grafipar – Personal, uma revista direcionada ao público adulto. Essa HQ trazia, além das histórias em quadrinhos, charges, passatempos, piadas, jogos e muita diversão, sempre com temas eróticos (GONÇALO JUNIOR, 2010). Foram publicados no total de 15 números entre os anos de 1981 a 1982



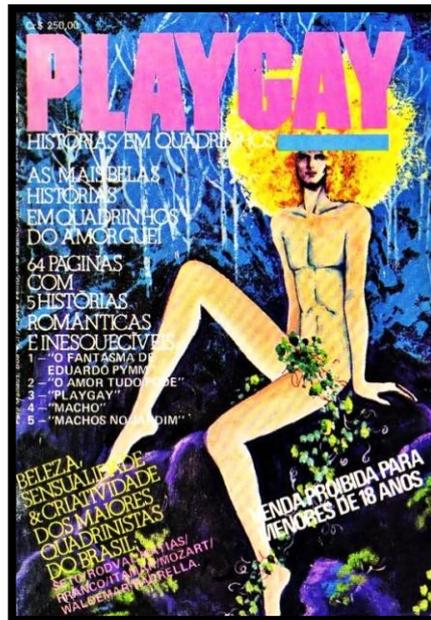
**Figura 67: Personal Humor**  
**Fonte: Coleção particular, 1982.**

### 7.15) PLAYGAY

*Playgay* foi mais uma iniciativa ousada da Grafipar. A editora possuía a revista *Rose e Prick* que eram direcionadas ao público gay. Chegavam à editora, várias solicitações para se criar um quadrinho que fosse direcionado á esse público em especial. Então, atendendo aos pedidos a editora lança a HQ em 1982.

O objetivo seria um conteúdo que não fosse ofensivo, preconceituoso e que apenas trouxesse ainda mais prazer na sua leitura (GONÇALO JUNIOR, 2010).

A HQ não obteve um bom retorno se limitando apenas ao primeiro número.

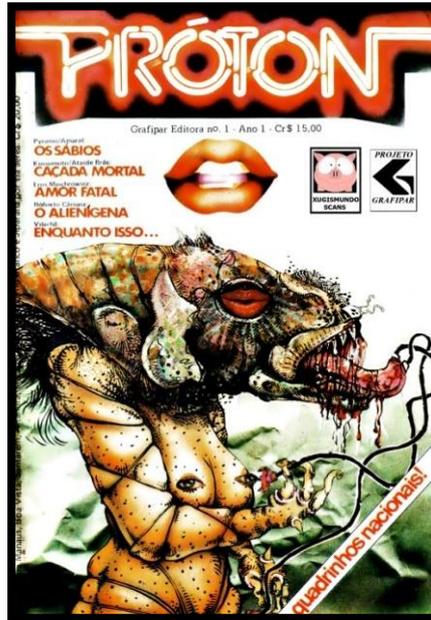


**Figura 68: Playgay**  
**Fonte: Coleção particular, 1982.**

## 7.16) PRÓTON

Próton foi lançado em Janeiro de 1979, juntamente com a HQ Neuros, e era composta de erotismo e ficção científica. Na revista um discurso com inclinação á uma identidade nacional; buscando assim uma proximidade e intimidade ainda maior com o leitor consumidor.

Apesar desse discurso e mesmo com o foco em uma HQ brasileira, pode ser observada uma forte influência estrangeira na concepção dos quadrinhos, principalmente por vertentes europeias. A HQ Próton teve vida curta, circulando por alguns meses (LUCIANO SILVA, 2006). Com uma baixa aceitação pelo público, naquele momento havia ainda pouco interesse pelo tema ficção científica e pouquíssimo conhecimento sobre o assunto.



**Figura 69: Próton**  
**Fonte: Coleção particular, 1979.**

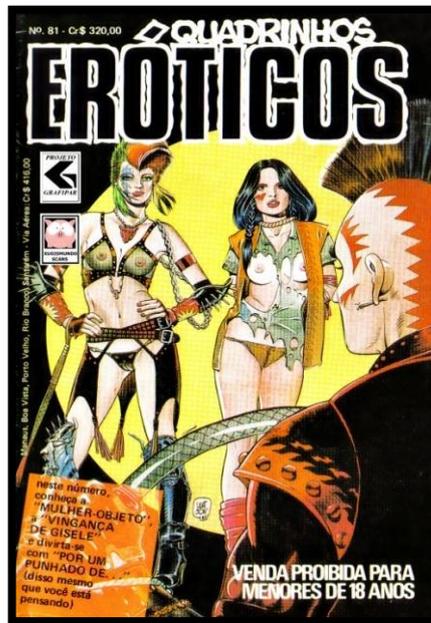
### 7.17) QUADRINHOS ERÓTICOS

Quadrinhos Eróticos foi a HQ de maior sucesso e também a de maior número de publicações durante toda a existência da editora Grafipar. No total de 81 publicações entre os anos de 1979 a 1983. Ela nasceu ainda como Eros, porém esse título já pertencia à outra editora. Em meio a uma disputa judicial a Grafipar não teve o que fazer; deveria realmente escolher outro nome.

O problema é que muitos leitores já estavam acostumadas com a revista e com o título. Então em meio a várias possibilidades, a Grafipar opta por um título mais erótico e chamativo e que fosse capaz de alavancar as vendas. Assim torna-se Quadrinhos Eróticos (a partir do sexto número da HQ Eros). Com o novo nome aumentou e muito a vendagem da HQ, servindo ainda mais como estímulo para lançamentos de novos títulos. Quadrinhos Eróticos trazia uma grande diversidade de temas e histórias. (ROSA, 1988).

Boa parte dos quadrinhos que eram recebidos pela Grafipar, oriundo de outros novos quadrinistas e leitores assíduos era aproveitados nessa HQ. Também é a partir dessa HQ (assim como a HQ Taras Sexuais) que visualizamos melhor a fase da editora no qual se faz uma abertura maior a poses e cenas explícitas (em

meados de 1981) em um momento do mercado brasileiro onde houve a explosão de publicações e materiais considerados pornográficos (GONÇALO JUNIOR, 2010).



**Figura 70: Quadrinhos Eróticos**  
**Fonte: Coleção particular, 1983.**

### 7.18) SERTÃO E PAMPAS

Sertão e Pampas nasceu no ano de 1980, tendo sido publicados 10 números e estreou como subtítulo de outra HQ, Especial de Quadrinhos. Mais tarde acabou virando revista própria. Sofreu nova mudança quando seu título ficou reduzido ao canto superior da capa e virou Sexo Selvagem no intuito de abranger outras regiões do país como a Amazônia.

A proposta da revista Sertão e Pampas era fazer um tipo de faroeste com características do sertão nordestino e dos pampas gaúchos. A ideia na HQ era aproveitar justamente as histórias e lendas contadas nessas regiões e através desses temas, comprovar que os “causos” brasileiros pudessem render boas histórias e fossem produtos economicamente viáveis.

A editora apostava na cultura brasileira e nos personagens, contos e lendas de nosso país. Era uma maneira de integrar esses regionalismos e desbancar a

fórmula estrangeira de criar HQs, com temas cosmopolitas e personagens heroicos com superpoderes. Apesar da maior parte de seu público estar na região sudeste e no sul, a editora desejava levar os quadrinhos nacionais às outras regiões e conquistar novos leitores.

A capa de sua segunda edição evidencia a luta pelo nacionalismo e a valorização pela produção “tupiniquim” da HQ, onde a figura de um índio montado em um cavalo, com uma lança em punho, grita: “ESSA TERRA TEM DONO!” (GONÇALO JUNIOR, 2010).

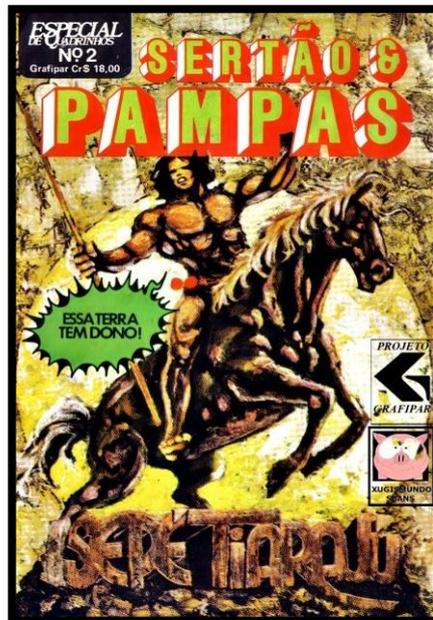


Figura 71: Quadrinhos Eróticos  
Fonte: Coleção particular, 1980.

### 7.19) SEXO EM QUADRINHOS

Sexo em Quadrinhos era uma HQ quinzenal, e, aproveitando o sucesso de outra HQ, Quadrinhos Eróticos, a editora decide lançá-la, variando semanalmente os dois títulos. Inicialmente Sexo em Quadrinhos era uma expressão que foi utilizada como subtítulo na revista Eros. A HQ surgiu bem no início da Grafipar em um encontro que reuniu na sede da editora, em Curitiba, um total de 21 quadrinistas de

todo o país. Eram os primeiros passos para o trabalho de construção de um mercado de quadrinhos genuinamente brasileiro. (GONÇALO JUNIOR, 2010).

A proposta da revista era abordar em cada edição um tema diferente, como o erotismo medieval, modernas variantes sexuais, passando por também temas sádicos, masoquistas e segundo a própria editora: “Toda essa fauna de temas atuais que possa despertar a curiosidade dos malandros” (SEXO EM QUADRINHOS n’ 01, pág. 03. 1978).

Inicialmente confeccionada exclusivamente por Julio Shimamoto, Sexo em Quadrinhos era toda desenhada diretamente nas dimensões 1:1, as dimensões de “formatinho” como eram conhecida. Naquela época era natural que o quadrinista usasse o dobro do tamanho original para facilitar os traços dos detalhes e acabamentos. Muitos perguntavam se ele usava uma lente de aumento ou coisa similar. Para espanto, Shimamoto havia treinado bem em Nanquim (uma tinta especial e própria para HQs, muito usada nos mangás) conseguindo assim um traço suave, direto no papel, economizando tempo e material e aumentando sua produção. No total foram publicados 51 números entre os anos de 1978 a 1983 (SHIMAMOTO, 2000).



Figura 72: Sexo em Quadrinhos  
Fonte: Coleção particular, 1980.

## 7.20) SEXY COMICS

Sexy Comics era um HQ que pretendia oferecer ao leitor histórias com muito erotismo misturadas a muito humor. Nessa fase da Grafipar, observa-se a redução significativa do número de páginas, devido à crise financeira e o custo elevado do preço do papel (GONÇALO JUNIOR, 2010).

A cada edição a editora trazia histórias avulsas sobre situações cômicas de personagens e seu dia a dia. Na maioria das HQs eram histórias curtas em situações inusitadas. Foram publicadas 08 números no ano de 1981.

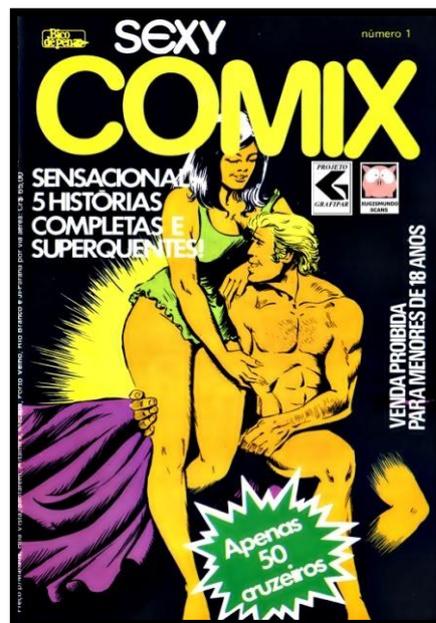


Figura 73: Sex Comics  
Fonte: Coleção, 1981.

## 7.21) SEXY WEST

Sexy West apresentava, em cada edição, uma sátira de algum personagem (O Carrasco, Búfalo Bill, Jane Gatilho, *Bat Blue* – uma espécie de Batman do velho oeste, etc.) sempre caracterizada em terras do oeste americano. Um dos grandes

diferenciais dessa HQ foram suas capas coloridas que fizeram bastante sucesso, estas pintadas à mão pelo quadrinista Watson Portela.

Nas histórias de *Bat Blue*, as imagens do órgão genital do personagem eram mascaradas pelo próprio autor – Franco de Rosa. Uma tentativa de se autocensurar. (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Foram publicados 08 números no total entre os anos de 1979 a 1981.

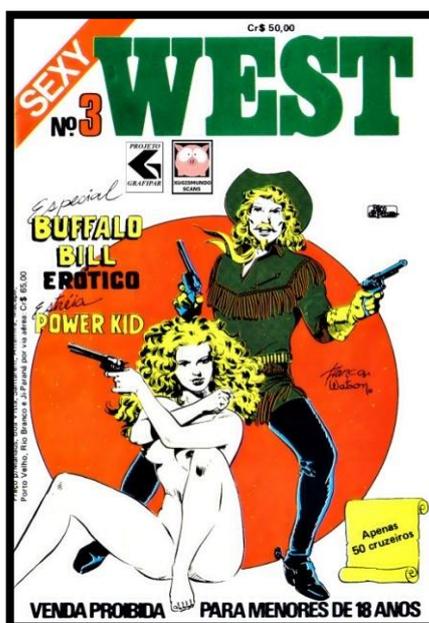


Figura 74: Sex West  
Fonte: Coleção particular, 1981.

## 7.22) SUPER GAY

Super Gay foi um dos primeiros HQs a abordar o tema do homossexualismo. Na verdade a HQ foi uma verdadeira cópia do personagem Capitão Gay, do escritor e humorista Jô Soares apresentado em seu programa de humor na televisão.

Na HQ, muitos super-heróis e personagens da DC Comics (uma editora americana e uma das mais famosas no ramo editorial de quadrinhos) e da Marvel. Na revista personagens como *Aquagay*, *Thorvelinho*, *Lanterna cor-de-rosa*, *Batgay*, *Flashomo*, etc., todos com poderes especiais, como o raio violeta, que transforma os

“marginais” em *gays*.

Já as mulheres nas histórias eram repudiadas pela liga dos heróis *gays*, sendo que muitas delas eram sapatões como a Sapatão Maravilha. Porém o autor do personagem Capitão Gay, o apresentador Jô Soares, acabou descobrindo sobre as histórias da HQ e reivindicou sua autoria, sendo Grafipar obrigada a suspender a revista, apesar do sucesso que dos desenhos e das histórias.

Foi publicado apenas um número em 1982.

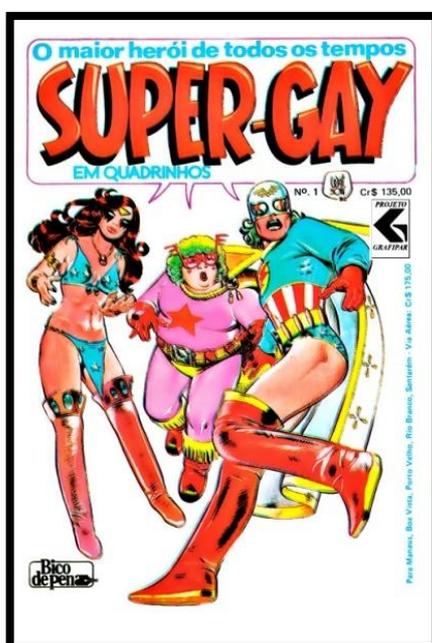


Figura 75 Super Gay  
Fonte: Coleção particular, 1982.

### 7.23) TARAS SEXUAIS

No ano 1981, ainda não havia a exposição de cenas explícitas; (viria somente com a liberação total pelos órgãos do governo às publicações pornográficas). A partir desse ano a Grafipar começa a perder e muito espaço com a liberação de revistas com conteúdo pornográfico. Em Taras Sexuais, a Grafipar decide de vez entrar na briga pela sua sobrevivência no mercado de quadrinhos. Os

temas dessa HQ tinham o propósito de chocar aos leitores: Coito anal, sexo vegetariano, inversão anatômica, necrofilia, transexualismo, pedofilia, incesto, etc. (GONÇALO JUNIOR, 2010). No total foram publicados 06 números em 1981.

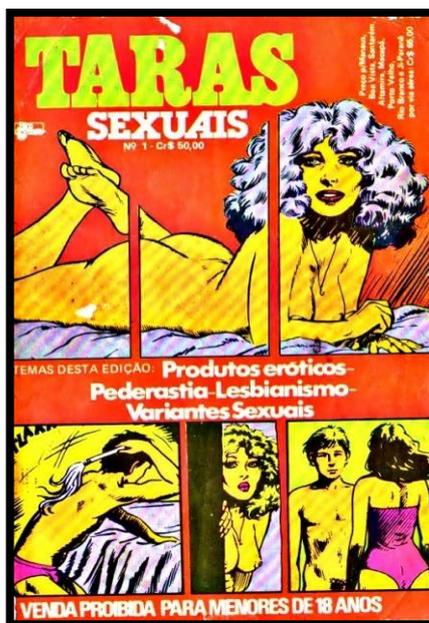


Figura 76 Taras  
Fonte: Coleção particular, 1981.

#### 7.24) VOLÚPIA

Volúpia foi uma das HQs da Grafipar produzida por um grupo de colaboradores de São Paulo, conhecido como Octopus. Esse grupo surgiu a partir de conversas entre a editora e os leitores de São Paulo, por meio de sugestões e críticas nas cartas enviadas à editora (GONÇALO JUNIOR, 2010).

O nome sugestivo do grupo veio pelo número de pessoas envolvidas com a revista - no total em oito pessoas com a colaboração de Seto em Curitiba. O tema da HQ abrangia o erotismo e histórias diversas. A HQ trazia em sua capa uma faixa verde-amarela com os dizeres: “Quadrinhos feitos na raça”, no intuito de fortalecer a trajetória da editora na produção 100% nacional dos quadrinhos brasileiros.

No total foram publicados 12 números até 1980.

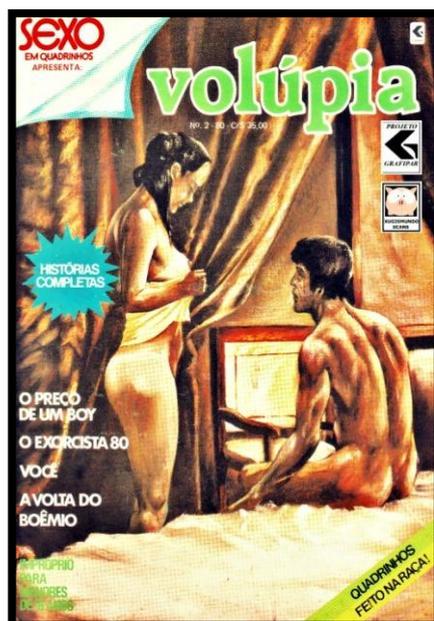


Figura 77: Volúpia  
Fonte: Coleção particular, 1980.

## 8 CONCLUSÃO

Os quadrinhos surgiram como uma forma de entretenimento barato, simples e satisfatória. Nasceu tímido, em tirinhas pequenas e sem muito investimento. Sua mensagem era fácil de adaptar a quaisquer espaços editoriais e chegava á grande multidão de forma rápida. E agradou tanto que virou a nona arte, logo após a fotografia e o cinema (pois o mesmo engloba característica dessas duas artes).

Porém, no começo não foi nada fácil. Eram tempos em que uma simples imagem mais apimentada era suficiente para levantar uma bandeira como: “Abaixo a devassidão”. Tempos sombrios que mutilavam a criatividade. Afirmavam que as HQs eram ruins e que sua leitura era inapropriada. Assim ela foi proibida e queimada em praças públicas.

Como tudo que é bom, os quadrinhos também absorveram o erotismo. Inicialmente de forma comportada, leve. No Brasil algumas editoras acabaram apostando no erótico. Vieram a Edrel, a Ideia editorial (dentre outras) e finalmente a Grafipar. A editora merece destaque por muitos motivos. Foi primeira editora fora de Rio e São Paulo que fez sucesso, direcionando o foco para a região Sul do País. Com ela veio uma legião de novos artistas, engajado na luta pela produção nacional. O lema era: “Fora os enlatados (as HQs importadas).” A Grafipar apostava em uma produção 100% nacional, valorizando assim os nossos artistas. Acreditava que era possível viver sim, e muito bem, com a produção das HQs.

Vieram então as muitas dificuldades: crises financeiras, inflação, o regime Militar e a censura.

Mesmo assim, a editora foi capaz de produzir quadrinhos de qualidade. Foram muitos quadrinhos lançados. Também participaram muitos profissionais que estão atuando até os dias de hoje. Ousou-se bastante e em cada revista crescia a legião de fãs e a editora ganhava espaço no mercado editorial. Muitos colaboradores vieram pra Curitiba formando a lendária “Vila dos quadrinistas”, durante a boa fase da editora. Enfim um dia a Grafipar encerrou suas portas.

O sonho dos quadrinhos nacionais continua. O pensar quadrinhos mudou-se radicalmente. Novas tecnologias são testadas. Internet, novos softwares; quadrinhos sofisticados; adaptações das HQs para o cinema. Assim eles se transformam.

No entanto, a sensação que se tem quando aprofundamos no mundo imaginário das HQs, na leitura lúdica e pessoal, essa, é a mesma. É atemporal.

Os quadrinhos eróticos também mudaram bastante e hoje quase tudo é permitido. Com isso, novas discussões sobre o erótico e o artístico. As HQs em geral acompanham essas mudanças de pensamento, de comportamento. A Grafipar fez parte dessa história e conseguiu inovar; em um jeito novo de se fazer HQs, à brasileira. Pensar na história dos quadrinhos eróticos é analisar aqueles que foram responsáveis e que contribuíram para o que conhecemos como quadrinho hoje.

Refletir acerca do quadrinho erótico é analisar os comportamentos da nossa sociedade; o erotismo intrínseco em uma cultura com “pressupostos” arraigados por características sexuais fortes, como uma “pseudo” identidade nacional.

Assim é muito importante que conheçamos todas essas vertentes. Fechar os olhos para esse diferencial dentro das HQs e fingir que eles não existem, ou apenas rotulá-los como subprodutos é uma atitude preconceituosa e ignorante.

A sociedade, seu comportamento e as relações mudam drasticamente, sendo os HQs apenas fruto desses novos posicionamentos.

Negar a importância dos quadrinhos eróticos é não reconhecer a diversidade e importância cultural que existe em suas páginas.

## 9 PROJETO GRÁFICO DO ALMANAQUE

O design é uma arte aplicada e dinâmica, sendo o seu diferencial de outras áreas, sua característica funcional, reunindo e concentrando técnicas diversas, como a comunicação, a arte, etc., dentro de um fim comum. Desta forma, seu conceito como uma atividade projetual será levado em consideração na confecção desse trabalho, na busca de um resultado que seja, tanto visualmente, quanto comunicativamente, eficiente e instigante a quaisquer leitores que lhe tenha em mãos.

Com isso o trabalho se desenvolve em duas partes, uma teórica (resultado da pesquisa e coleta de dados) e outra prática (resultado dessa pesquisa e do aprendizado com o Design Gráfico), com a finalidade do desenvolvimento de um projeto gráfico, com características distintas. Desta forma, o resultado foi a confecção de um almanaque, a partir das informações da pesquisa, porém confeccionado de forma dinâmica e criativa, fruto do resultado da própria experiência e conhecimento do curso de Design Gráfico.

O projeto gráfico do almanaque levou em conta algumas particularidades das HQs da Grafipar e teve como objetivo tornar a leitura simples e agradável, na tentativa de mesclar as imagens e os diversos temas. As informações foram ordenadas, totalizando em 08 capítulos.

Buscou-se um formato próprio, com o objetivo de melhor distribuir as imagens referentes às revistas analisadas. Muitos dos artistas da editora Grafipar ficaram bastante conhecidos pela riqueza e detalhes de seus traços. Com isso, foi pensado um formato maior (25 X 25 cm), no intuito de valorizar ao máximo esses detalhes. O resultado final possibilita a leitura no sentido horizontal, onde a diagramação dos elementos da página valoriza a apresentação das informações e do texto, e explora um espaço generoso para a apresentação das imagens e ilustrações.

Os quadrinhos da editora Grafipar possuíam o miolo em preto e branco, sendo usado como principal tinta a Nanquim, muitas vezes diretamente no papel. No início da década de 80 ainda não havia uma tecnologia digital á disposição dos quadrinistas. Os desenhos eram feitos um a um, usando-se algumas técnicas de

preenchimento, hachuras, sombras e contrastes, no intuito de um acabamento bem detalhado e primoroso. Logo, buscou-se explorar esse contraste monocromático na confecção do almanaque, como o fundo preto ou branco. Assim buscou-se explorar também o uso de áreas de respiro, tornando-se um conjunto estético mais agradável e equilibrado – imagens e textos.

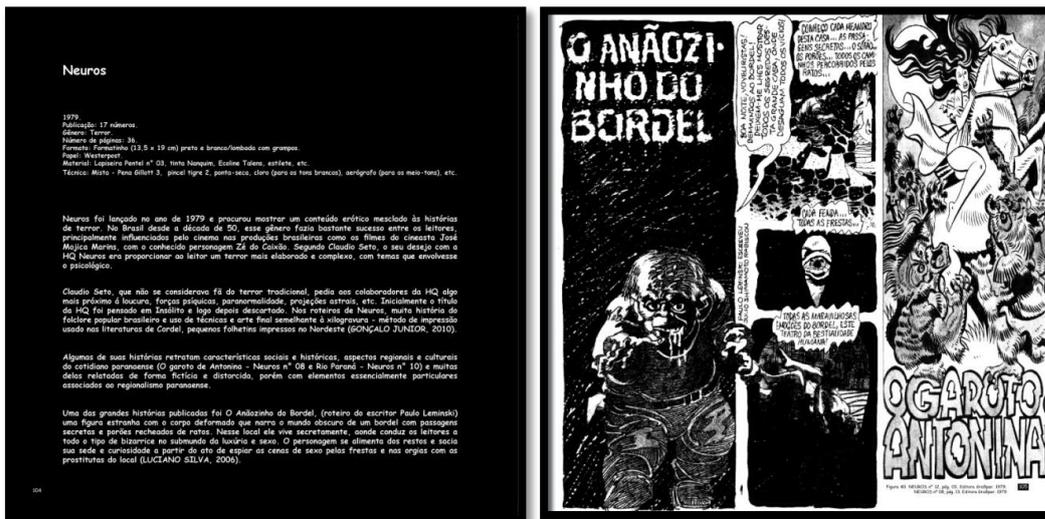


Figura 78: Páginas do almanaque – lado direito e esquerdo  
 Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos, 2012.



Figura 79: Página do almanaque - lado esquerdo  
 Fonte: Almanaque Grafipar, 2012.

O *grid* utilizado foi disponibilizado, em quase totalidade, com uma única coluna de mancha gráfica, com as medidas de 19,5 X 19,5 cm, ora mesclando com grid de duas colunas; com as margens externas menores - 2,5 X 2,5 cm-, e as margens internas maiores (levando em consideração a área destinada á encadernação e lombada quadrada), com 3,0 X 3,0 cm.

Com esse *grid*, buscou-se também o cuidado com o *leading*, que é o espaço entrelinhas. Para evitar que a composição tipográfica parecesse densa demais, tornando a leitura cansativa, foi pensado em um *leading* com espaços duplos.

Na verdade o *leading* é que separa os parágrafos dentro dos textos, não havendo recuos no início dos mesmos.

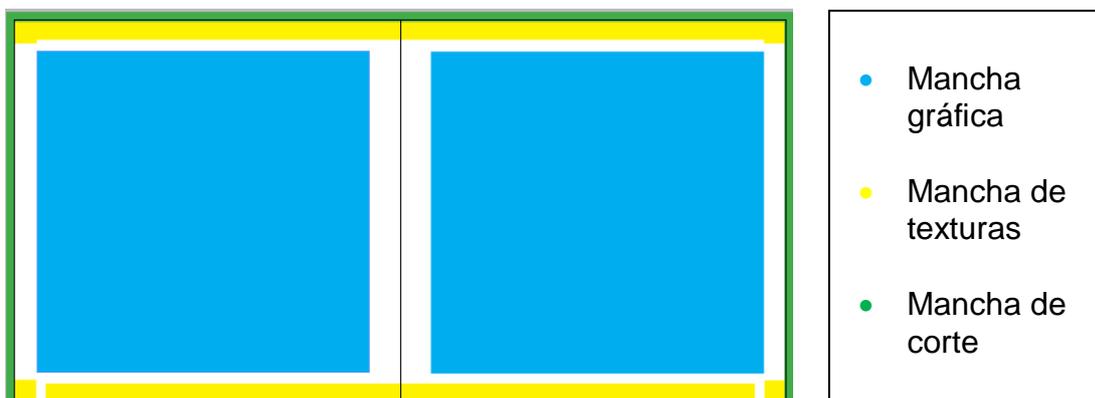


Figura 80: Projeto do Grid e legenda

Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012.

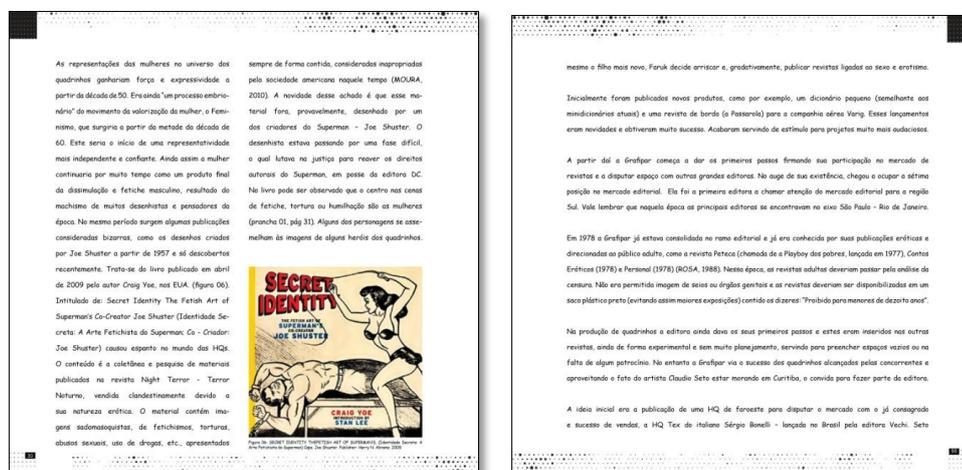


Figura 81: mancha gráfica

Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012.

Foram catalogadas 153 HQs, sendo que muitas delas, devido ao tempo, apresentaram imagens de baixa qualidade, manchadas e amareladas. Para solução deste problema foi utilizado o software *Photoscape*, no tratamento dessas imagens. Assim, foram selecionadas as páginas com melhor resultado, mas verificando-se também a relevância dessas histórias no contexto de toda a produção, de acordo com informações contidas nas fontes de pesquisa.

Das revistas catalogas então, foram disponibilizados os materiais contidos em 80 HQs (ver apêndice C. pág. 133).



**Figura 82: Imagem almanaque – uso do Photoscape.**

**Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012.**

Foram aplicados alguns elementos gráficos inerentes aos HQs, como os balões no indicativo das páginas e o uso de texturas e manchas formadas com esses elementos.



**Figura 83: Detalhes do almanaque - balões**  
**Fonte: Almanaque Grafipar - o sucesso dos quadrinhos eróticos. 2012.**

Levando em consideração que, o almanaque foi pensado em uma tiragem muito baixa, a impressão utilizada foi a laser sobre papel Opaline, este, pelo fato de apresentar excelente rigidez (carteado), alvura, lisura e espessura uniforme. Ele é um tipo de papel um pouco mais caro que os papeis comuns, mas proporciona um resultado excepcional e tem uma textura muito atraente, lisa, com excelentes resultados. Contudo, na hipótese de uma tiragem maior seria necessária uma reestruturação do projeto, a fim de condicioná-la a um tipo de impressão mais barato; papel e acabamentos mais simples.

A principal fonte escolhida foi *Comic Sans MS (Open Type)*, tamanho 11 em todo corpo do texto e *Anime Ace 2.0 BB (Open Type)*, usada nos números dos capítulos.

A fonte *Anime Ace* é bastante usada em animes, que são consideradas todas as animações produzidas no Japão. É bastante encontrada nos Mangás.

A *Comic Sans* ou *Comic Sans MS* foi criada em 1994, por Vicent Connare, funcionário da Microsoft Corporation, e é uma tipografia desenhada para imitar as letras de uma *comic* (assim é conhecido a HQ nos EUA). Ao contrário de outras famílias tipográficas com objetivos específicos (algumas focam na legibilidade, padronização, funcionalidade, etc.), a *Comic Sans* foi classificada como uma

tipografia bastante informal, tendo sido criada para imitar a escrita á mão em histórias em quadrinhos, assim, não indicada para documentos formais, segundo o seu próprio autor (WIKIPÉDIA, 2010). O “problema”, em relação à história dessa tipografia, é que ela foi bastante explorada em muitas marcas e anúncios de propaganda; aplicada de forma descompromissada e generalizada, principalmente na utilização de muitas temáticas mais sérias. Com isso houve um verdadeiro “repúdio” por muitos profissionais de designers gráficos á fonte e, segundo seu próprio criador, muito desses problemas se dá pelo seu uso inapropriado, sendo a *Comics Sans*, uma fonte pensada não para o uso geral, e sim, de cunho mais infantil (WIKIPÉDIA, 2010). Abaixo alguma marcas famosas que utilizam a *Comic Sans*.



**Figura 84: exemplos de sucesso da fonte *Comic Sans***  
 Fonte: internet – conversadepub, 2012.

O projeto gráfico levou em conta, no uso desta fonte, algumas questões relevantes à temática dos quadrinhos eróticos e, principalmente, outras questões culturais. Assim como a ocorreu com os quadrinhos eróticos e sua discriminação nas primeiras décadas do século XX, a fonte *Comic Sans*, tornou-se, por muitos profissionais, como uma fonte imprópria, em desuso e discriminada.

Dentro das HQs, verificamos muitos exemplos do uso de tipografias, de forma criativa, pouco usual, explorando muitas “possibilidades”, nas quais a tipografia torna-se parte integrante, autossuficiente, muito mais como imagem visual

que simples símbolo comunicativo. Dentro do contexto histórico-social a representatividade do que é ou pode ser definido como “erótico” se modificou de acordo com a época que foi inserida essas representações. Da mesma forma, uma tipografia torna-se relevante de acordo também com o contexto cultural e social.

Tomemos, como exemplo, as tipografias “decorativas” utilizadas na década de 60, com referências ao movimento psicodélico, em voga, que foi bastante difundida, apesar de ser considerada uma tipografia quase que ilegível. Assim uma tipografia tem sua importância própria e sua relevância, em épocas diferentes.

Nas HQs da editora Grafipar, como não havia ainda os recursos da computação gráfica como conhecemos hoje, a tipografia era bastante explorada, criativamente.

No intuito valorizar um dos objetivos da pesquisa, que é resgatar a importância da editora Grafipar dentro da história das HQs brasileiras, foi decidido o uso da *Comics Sans*, apesar de seu desuso, questionamentos e críticas; para que, seja também resgatada a sua importância própria e seu uso.

Procurou-se observar, o sentido da *Comic Sans*, em ser uma fonte descompromissada, em relação a uma estética, muitas vezes exigida por vários designers contemporâneos, “um tão quão funcional”, tomando como principal referência, uma das “verdadeiras finalidades dos quadrinhos”, que é uma leitura, no geral, muito mais prazerosa e descompromissada do que precisamente e obrigatoriamente analítica.

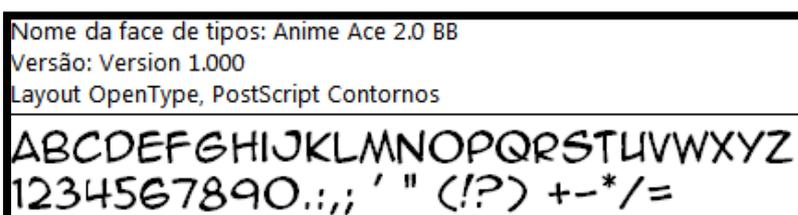
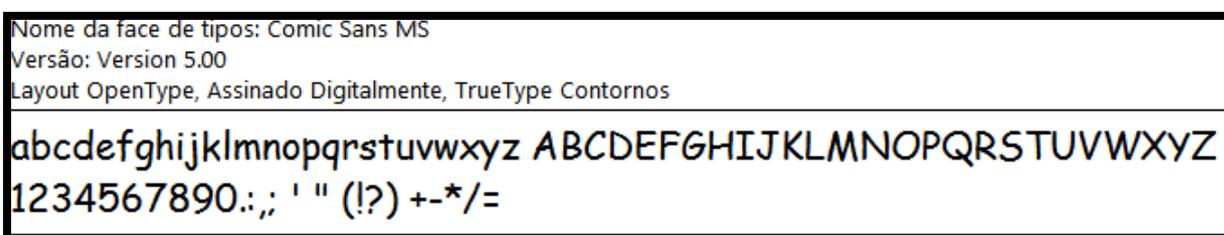


Figura 85: *Fonte Comic Sans e Anime Ace*  
 Fonte: particular, 2012.

As informações técnicas do almanaque são as seguintes:

- Tamanho: 25 x 25 cm - 158 páginas;
- Papel: Opaline fosco, gramatura 120 mg;
- Capa: 1 lâmina - 25 x 51 cm (aberta) - 4 x 4 cores – DuoDesign com laminação Brilho e aplicação de camada em verniz.
- Miolo: 50 lâminas 4 x 4 cores + 15 lâminas 4 x 1 cores + 14 lâminas 1 x 1 cor (PB Traço);
- Acabamento: Refile / Intercalação;
- Encadernação: Lombada quadrada.

O resultado final consistiu na confecção de um almanaque, visualmente simples, porém bem organizado e sintético, onde se objetivou disponibilizar as informações acerca do material da Grafipar e dos demais temas inerentes ao assunto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRIAN, **História da literatura erótica**. Alexandrian - tradução de Ana Maria Scherer e José de Mello - Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **As histórias em quadrinhos do gênero erótico**. in Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, vol. XXI nº 1, jan – jun, 1998.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **As histórias em quadrinhos de conteúdo erótico: afrodisíaco visual ou pornocomics?** - II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho - Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004.

BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GUEDES, Roberto. **A saga dos super-heróis brasileiros**. São Paulo. Opera Gráfica, 2005

HABERT, Angeluccia B. **Fotonovela e indústria cultural: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

JUNIOR, GONÇALO **A guerra dos Gibis: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos. 1933 – 64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JUNIOR, GONÇALO **A guerra dos Gibis 2: Maria Erótica e o clamor do sexo; Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar 1964/1985**. São Paulo: Peixe Grande – Editoractiva, 2010.

KAMEL, Cláudia; ROCQUE, Lucia. **Ruídos nas representações da mulher: preconceitos e estereótipos na literatura e em outros discursos**, Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz. s/data.

LANCELOT, Bartolomeu Martins. **Catálogo de heróis brasileiros**. Vol 1. Piauí. 2010.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Ed.rev. ampl. São Paulo. Brasiliense, 1996

MUCHÃO, Marco Antônio Pereira. **Histórias em quadrinhos e design gráfico. Um enfoque na relação cartum e pictograma e sequencias pictóricas de procedimentos e histórias em quadrinhos**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário Senac. São Paulo. 2005.

NAVARRO, Matheus. **Pornografia Impressa: uma análise dos catecismos de Carlos Zéfiro**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 4 - Edição 3 – Universidade federal Fluminense - Março-Maio de 2011. Rio de Janeiro, 2011.

PADILHA, José; ROBER, Machado. **Documentário: O Samurai de Curitiba**. Curitiba. Video-disco (20 min.). Acervo particular, 2011.

ROSA, Franco de; Grafipar, **A explosão do Quadrinho Erótico**. Revista Multicômix n° 01. Cedibra, 1988

SHIMAMOTO, Julio. **Volúpia: Os melhores quadrinhos eróticos**. Vinhedos: Opera Gráfica, 2000.

SILVA, Luciano Henrique Ferreira Da. **Hibridismo Cultural, Ciência e Tecnologia nas Histórias em Quadrinhos de Próton e Neuron: 1971-1981/Editora Grafipar**. Curitiba, 2006. 267 f. Tese (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SIQUEIRA, Denise da Costa; VIEIRA, Marcos Fábio. **De comportadas a sedutoras: representações da mulher nos quadrinhos**. Comunicação, Mídia e Consumo, vol. 5, n.º 13. Págs. 179 - 197. 2008.

SOUZA, de Castro; SANDOVAL, César Roberto; YAMASHITA, Michio; BARBIST, Roberto. **Manual do Super – Herói**. São Paulo: Idéia editorial, 1976.

VIANA, Nildo. **O Que os Quadrinhos dizem?** Sociologia, Ciência & Vida, v.17. Págs. 53 - 62. 2008.

Artigos Online:

ALMEIDA, Carol. **Sapatilhas de arame**. Revista Continuum. Itaú Cultural. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd\\_pagina=2720&cd\\_materia=1841](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2720&cd_materia=1841)> Acessado em: 04 de Janeiro de 2012.

\_\_\_\_\_: **9º Arte – Blog sobre quadrinhos**. Disponível em: <<http://nonartequadrinhos.blogspot.com/2009/04/lugar-de-erotismo-tambem-e-nashqs.html>> Acessado em 22 de Agosto de 2011.

BARALDI, Marcio. **Carlos Zéfiro: Guerrilheiro Erótico Invisível**. 2007. Disponível em: < <http://bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1170027265>> Acessado em: 19 de Setembro de 2011.

BARALDI, Marcio. **Entrevista: Franco de Rosa**. 2009. Disponível em: < <http://>

[www.bigorna.net/index.php?secao=entrevistas&id=1244758278](http://www.bigorna.net/index.php?secao=entrevistas&id=1244758278)> Acessado em 14 de Outubro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Barbarella**. Disponível em <<http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=3&id=5>> Acessado em 19 de Novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Betty Boop**. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Betty\\_Boop&oldid=31460225](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Betty_Boop&oldid=31460225)>. Acessado em 20 de Dezembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Biografia Ataíde Braz**. Disponível em: <<http://www.gibindex.com/conte nt/ata%C3%ADde-braz>> Acessado em: 27 de Outubro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Biografia Watson Portela**. Disponível em: <<http://www.maniade colecionador.com.br/watson%20portela.htm>> Acessado em: 24 de Outubro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Carlos Zéfiro - O Underground Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.tvsinopse.ghost.net/art/c/czefiro2.htm>> Acessado em 16 de Dezembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Carlos Zéfiro**. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation. 2009. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos\\_Z%C3%A9firo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Z%C3%A9firo)>. Acessado em 15 de Setembro de 2011.

COHEN, Jacq. **Fantagraphics Acquires Peellaert's The Adventures of Jodelle and Pravda**. Tradução. Disponível em <[http://www.fantagraphics.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=6089&Itemid=95](http://www.fantagraphics.com/index.php?option=com_content&task=view&id=6089&Itemid=95)> Acessado em 25 de Novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Comic Sans**. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comic\\_Sans&oldid=30560116](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comic_Sans&oldid=30560116)>. Acesso em: 22 de Janeiro de 2012.

COUSTAN, Dave. **Os segredos proibidos da Mulher Maravilha**. Texto traduzido por HowStuffWorks Brasil. Disponível em: <<http://lazer.hsw.uol.com.br/mulher-maravilha.htm>>. Acessado em 11 de Outubro de 2011.

CUNHA, Juliana. **O que é uma Pin-up?** De alfinete a internet elas nunca saem de moda. Revista Superinteressante, nº 277. Abril de 2011. Fonte: Acervo particular (Daniel Henrique).

DAMASCENO, Leandro. **NINX - Existe essa coisa de quadrinhos para meninas?** Disponível em: <<http://leandrodamasceno.wordpress.com/2009/03/23/minx-existe-essa-coisa-de-quadrinhos-para-meninas/>> Acessado em 21 de Janeiro de 2012.

DANTON, Gian. **Grafipar – a editora que saiu do eixo**. Omelete – resenhas e artigos. 2002. Disponível em:<[http://www.omelete.com.br/quadrinhos/artigos/base\\_para\\_artigos.asp?=403](http://www.omelete.com.br/quadrinhos/artigos/base_para_artigos.asp?=403)>. Acessado em 22 de Setembro de 2011.

DIAS, Rogério. **Biografia Rogério Dias**. 2008. Disponível em: <<http://www.rogerio>

dias.com/Portugues/biografia.html> Acessado em 16 de Outubro de 2011.

DIOLLI, All. **A Idéia Editorial e seus fumetti bizarros**. 2008. Disponível em: <<http://antesqueatracacoma.blogspot.com.br/2008/02/idia-editorial-e-seus-fumetti-bizarros.html>> Acessado em 28 de Agosto de 2011.

\_\_\_\_\_. **Druuna**. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Druuna&oldid=26383239>>. Acessado em 28 de Outubro de 2011.

FERREIRA, Sophia. **Biografia Rodval Matias**. 2009. Disponível em: <<http://www.rodvalmatias.com.br/>> Acessado em 15 de Outubro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Giovanna Casotto**. Disponível em <[http://www.universohq.com/quadrinhos/2006/review\\_giovanna.cfm](http://www.universohq.com/quadrinhos/2006/review_giovanna.cfm)> Acessado em 05 de Dezembro de 2011.

GONSALEZ, Rod. **Mulheres nos Quadrinhos**, 2006. Disponível em: <[http://www.mulheresquadrinhos.blogspot.com.br/2006\\_04\\_01\\_archive.html](http://www.mulheresquadrinhos.blogspot.com.br/2006_04_01_archive.html)> Acessado em 08 de Outubro de 2011.

GUEDES, Roberto. **Entrevista com Mozart Couto**. 2011. Disponível em: <<http://guedes-manifesto.blogspot.com.br/2011/02/entrevista-com-mozart-couto.html>> Acessado em: 12 de Outubro de 2011.

LEMOS, Aline de Castro. **Raio Negro: um super - herói brasileiro entre disputas de mercado e de identidade (1965-1966)**. Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós - graduação em História da UFMG, vol. 2, n.º 2, Agosto/Dezembro de 2010.

LUCCHETTI, Marco Aurélio. **Jane a primeira e única Pin-up dos quadrinhos ingleses**. Jornal do Cinema. Ano 4 - nº 12 - fevereiro/maio de 2012. Disponível em: <<http://www.cineclubecaui.org/jornal/NUMERO%2012/jane.html>> Acessado em Fevereiro de 2012.

\_\_\_\_\_. **Milo Manara**. Disponível em <<http://www.comicon.it/MiloManarasite/pt/>>. Acessado em 12 de Outubro de 2011.

MOURA, Pedro. **Secret Identity The Fetish Art of Superman's**. Disponível em: <<http://lerbd.blogspot.com/2010/01/secret-identity-joe-shuster-craig-yoe.html>> Acessado em 17 de Janeiro de 2012.

\_\_\_\_\_. **Mulher Maravilha**. William Moulton Marston. Disponível em: <<http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=3&id=46>> Acessado em 18 de Novembro de 2011.

MUNIZ, Maurício. **As mulheres e as histórias em Quadrinhos**. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/blog/post/2011/02/14/As-mulheres-e-as-historias-em-quadrinhos.aspx>> Acessado em 13 de Novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Nelson Padrella**. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nelson\\_Padrella&oldid=26962988](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nelson_Padrella&oldid=26962988)>. Acessado em: 02 de Novembro 2011.

NETO, Elidio dos Santos. **Minami Keizi, a Edrel e as HQs brasileiras: Memórias do desenhista, do roteirista e do editor**. NPHQ – Núcleo de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos (USP). XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006.

NEVES, José Carlos. **“Samurai das HQBs” Claudio Seto**. 2006. Disponível em: <<http://groups.yahoo.com/group/ImagoDays2/message/43148>> Acessado em: 19 de Outubro de 2011.

\_\_\_\_\_. **O passado de Betty Boop**. Disponível em <<http://tertulhas.blogspot.com.br/2008/10/o-passado-de-betty-boop.html>>. Acessado em 22 de Novembro de 2011.

PENTEADO, Maria Aparecida. **Desvendando o Universo das Histórias em Quadrinhos: Uma Proposta de Ação**. Secretaria do Estado da Educação. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/11674.pdf>> Acessado em 05 de Setembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Quem é Júlio Shimamoto**. Disponível em: <[http://www.oogro.com.br/2011/03/quem-e-julio-shimamoto\\_09.html](http://www.oogro.com.br/2011/03/quem-e-julio-shimamoto_09.html)> Acessado em 09 de Outubro de 2011.

READER'S DIGEST, **Revista em Quadrinhos, guia para a delinquência**. Revista Seleções da *Reader's Digest*, Compilação do livro: Sedução dos Inocentes. Dr. Fredric Wertham. M. D. 1955. Fonte: Universo HQ <[www.universohq.com](http://www.universohq.com)>.

\_\_\_\_\_. **Revistas publicadas por Grafipar**. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/editorialist.aspx?cod\\_edi=252](http://www.guiadosquadrinhos.com/editorialist.aspx?cod_edi=252)> Acessado em: 14 de Agosto de 2011.

ROSA, Franco de. **Os bons tempos da Grafipar**. CCQHumor. 2000. Disponível em: <<http://www.ccqhumor.com.br/artigos86a90/hq-bons%20franco.htm>> Acessado em 02 de Outubro de 2011.

ROSA, Franco de. **Grafipar, o sonho comunitário do quadrinho brasileiro**. Disponível em: <<http://www.bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1304899977>>. Acessado em 14 de Outubro de 2011.

SEABRA, Sebastião. **Biografia Sebastião Seabra**. 2005. Biografia cedida pelo artista. Disponível em: <<http://www.bigorna.net/index.php?secao=biografias&id=1128348228>> Acessado em: 18 de Outubro de 2011.

SIMONE, Gail. **Women in Refrigerators**. (Texto traduzido pelo Google). Disponível em: <<http://translate.google.com.br/translate?hl=ptPT&sl=en&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.unheardtaunts.com%2Fwir%2F&anno=2>>. Acessado em 15 de Março de 2012.

\_\_\_\_\_. **Sheena**. Disponível em <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod\\_per=4872](http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=4872)> Acessado em: 22 de Novembro de 2011.

SMITH, Sidney. **Os Gumps**, Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=The\\_Gumps&oldid=518596278](http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Gumps&oldid=518596278)> Acessado em 18 de Novembro de 2011.

SRBEK, Wellington. **Flavio Colin, um artista único e sua arte original**. 2007. Disponível em: < <http://bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1186720882> > Acessado em 08 de Outubro de 2011.

STELLA. **As mulheres de Pichard: Paulette a mais famosa** Disponível em <[http://quadrinhoseroticoseadultos.blogspot.com.br/2008/06/as-mulheres-de-pichard-pauletemais.html?zx=\]b98014e1fb692cce](http://quadrinhoseroticoseadultos.blogspot.com.br/2008/06/as-mulheres-de-pichard-pauletemais.html?zx=]b98014e1fb692cce)> Acessado em 05 de Novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Valentina**. Disponível em < [http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod\\_per=192](http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=192)> Acessado em 9 de Novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Vampirella**. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Vampirella&oldid=29650623>>. Acessado em 17 de Novembro de 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público**. ECA – Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. Disponível em: [www.eca.usp.br/gibiusp/VergueiroWaldomiro.pdf](http://www.eca.usp.br/gibiusp/VergueiroWaldomiro.pdf)> Acessado em 23 de Setembro de 2011.

VICENTINHO. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 6.060/2009**. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=175517>> Último acesso em 06 de Fevereiro de 2012.

ZAGO, Bruno; LOPES, Daniel; CALLARI, Alexandre. Vídeo Entrevista: **Quadrinhos eróticos**. Disponível em < <http://pipocaenanquim.com.br/2011/05/videocast-67-%e2%80%93-eroticos/>> Acessado em 14 de Novembro de 2011.

## APENDICE A - NOVO PROJETO DE LEI n.º 6.060-2009, A LEI DAS HQS.

Uma nova proposta de lei a respeito dos quadrinhos está provocando discussões e debates acerca do tema. Criada em 16 de Setembro de 2009, pelo Deputado Federal Vicentinho do PT de São Paulo, ela propõe uma espécie de cota mínima de 20% de quadrinhos brasileiros na produção e distribuição no mercado de HQs.

O tema é antigo, uma vez que já foi projeto de lei (PL 354/1979) do Deputado Federal Jorge Paulo do partido MDB de São Paulo, em 23 de Maio de 1975, o qual criava a obrigatoriedade de 50% da produção e comercialização de quadrinhos nacionais no mercado brasileiro. Conhecida como a lei dos 50%, criou-se na época uma onda de esperança entre vários profissionais; porém a proposta não foi apreciada, sendo arquivada no ano de 1987.

O autor do novo projeto aponta em seu texto, a importância dos quadrinhos brasileiros; a participação e o talento de alguns profissionais no mercado estrangeiro e demonstra como nossa produção é submissa ao estilo imposto pelo mercado americano, os *Comics*, como são conhecidos, e ao japonês, os Mangás. Segundo o Deputado Vicentinho essa cota seria suficiente para minimizar o impacto dos quadrinhos estrangeiros perante a comercialização dos HQs nacionais, sem ferir o direito à liberdade de expressão e informação e não proporcionando nenhum tipo de censura prévia.

Ele ressalta também a importância dos HQs dentro do mercado editorial que hoje é dominado pela produção estrangeira e o potencial que esse mercado pode oferecer, com o aumento significativo da produção nacional. Segundo o autor o objetivo da lei é contribuir para o fortalecimento da nossa identidade cultural, valorizando e fortalecendo nossa produção e profissionais e também incentivar o aumento das manifestações artísticas tipicamente brasileiras. É criar melhores condições para o quadrinho nacional.

A proposta está tramitando e foi apresentada à Comissão de Educação e Cultura em 27/12/2011 onde foi aprovada e foi repassada à Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania onde está em análise ainda em Fevereiro de 2012.

Abaixo os sete artigos que compõe a proposta de lei:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei estabelece incentivo para a produção e distribuição de histórias em quadrinhos de origem nacional no mercado editorial brasileiro.

Art. 2º As editoras deverão publicar um percentual mínimo de 20 por cento de histórias em quadrinhos de origem nacional, considerando-se o conjunto das publicações do gênero produzidas a cada ano, na forma da regulamentação.

§ 1º Considera-se história em quadrinhos de origem nacional aquela criada por artista brasileiro ou por estrangeiro radicado no Brasil e que tenha sido publicada por empresa sediada no Brasil.

§2º O percentual de títulos estipulado no "caput" deste artigo será atingido da seguinte forma: cinco (5) por cento no primeiro ano de vigência desta lei; dez (10) por cento no segundo ano; quinze (15) por cento no terceiro ano, atingindo-se a cota de 20 por cento no ano subsequente.

Art. 3º As empresas distribuidoras deverão ter um percentual mínimo de 20 por cento de obras brasileiras em quadrinhos entre seus títulos do gênero, obrigando-se a lançá-los comercialmente. §1º O percentual de títulos e lançamentos a que se refere este artigo será implementado na forma prevista no § 2º do artigo anterior.

Art. 4º Em se tratando de veículos impressos de circulação diária, semanal ou mensal, deverá ser observada a relação de uma tira nacional para cada tira estrangeira publicada.

Art. 5º O Poder Público, por meio do órgão competente, implementará medidas de apoio e incentivo à produção de histórias em quadrinhos nacionais, tais como, estimular a leitura em sala de aula, promover eventos e encontros de difusão do mercado editorial de histórias com quadros em sequência voltadas para o público infanto-juvenil e a inserção de disciplinas práticas, tais como roteiro e desenho, no currículo das escolas e universidades públicas.

Art. 6º Os bancos e as agências de fomento federais estabelecerão programas específicos para apoio e financiamento à produção de publicações em quadrinhos de origem nacional, por empresa brasileira, na forma da regulamentação.

§1º Na seleção dos projetos, será dada preferência àqueles de temática relacionada com a cultura brasileira. §2º Os projetos financiados com recursos públicos deverão destinar percentual de, no mínimo, 10% da tiragem das publicações em quadrinhos para distribuição em bibliotecas públicas, na forma da regulamentação.

Art. 7º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

(Artigo publicado pela Câmara dos Deputados. Artigos 1º ao 7º - PL 6.060/2009, pág. 02).

## APENDICE B - OS PRINCIPAIS COLABORADORES DA EDITORA GRAFIPAR

A Grafipar teve, entre funcionários fixos e colaboradores, aproximadamente 400 pessoas envolvidas. Todas elas, de alguma forma, contribuíram para o sonho de uma produção nacional de quadrinhos. A editora serviu então como o pontapé inicial pra que muito desses artistas, na maioria jovens inexperientes, pudessem ingressar na produção de quadrinhos e aprimorar seus conhecimentos e técnicas.

Havia um envolvimento muito grande entre esses profissionais, em um clima de cooperação onde trocavam experiências e aprendizados. Desta forma a editora ficou muito conhecida por essa união, onde muitos profissionais vieram para a cidade de Curitiba formando uma verdadeira equipe.

Assim a editora abriu as portas pra alguns colaboradores que estão presentes ainda hoje, no mercado editorial e na produção de HQs.

Neste capítulo será citado (em forma alfabética), alguns dos principais colaboradores da editora e procurou-se buscar o que cada um continua fazendo atualmente, dentro e fora do mercado editorial.

### ATAÍDE BRAZ

Ataíde Braz nasceu em Pernambuco, no ano de 1955, tendo se mudado para São Paulo com a ainda na adolescência. Mais tarde viveu em Curitiba, onde escreveu dezenas de roteiros para a Grafipar, editando algumas HQs, como Sertão e Pampas e Especial de Quadrinhos.

Com o fechamento da Grafipar, voltou para São Paulo. Participou da formação da Nova Sampa Editora, editando dezenas de gibis eróticos e lançando duas novas HQs: Sussurros Sinistros e Drácula. Drácula (originalmente uma minissérie) foi, posteriormente, encadernado em um livro de 250 páginas. Durante a década de 1990, Ataíde escreveu quadrinhos "*hard core*" para álbuns da Bélgica, França e Holanda, entre outros, através da agência belga Commu.

## CLAUDIO SETO

Claudio Seto pode ser considerado um dos primeiros artistas a publicar o estilo Mangá no Brasil. Seto trabalhou com artes plásticas, poesia, fotografia, charges, animação, bonsaísmo, jornalismo, professor e foi eleito vereador na cidade de Guaiçara - SP, onde nasceu.

Seto também foi pioneiro no estilo japonês conhecido como *Gekiga*, expressão que significa algo como "imagens dramáticas". No Japão, em oposição aos Mangás (traduzido como "imagens irresponsáveis") o *Gekiga* foi um estilo adotado por alguns cartunistas mais tradicionais que não queriam que suas publicações fossem reconhecidas também como Mangás, pois esse estilo, na década de 50, era direcionado ao público infantil e considerado como um produto sem muito compromisso com a arte do desenho japonês (WIKIPEDIA, 2011). Um de seus primeiros personagens no estilo Mangá, foi O Samurai; Ninja - o Samurai Mágico e Flavo, no tempo que trabalhou na editora Edre, em 1963.



**Figura 86: Detalhes HQ O Samurai**  
**Fonte: Internet – Blog dos Quadrinhos, 1980.**

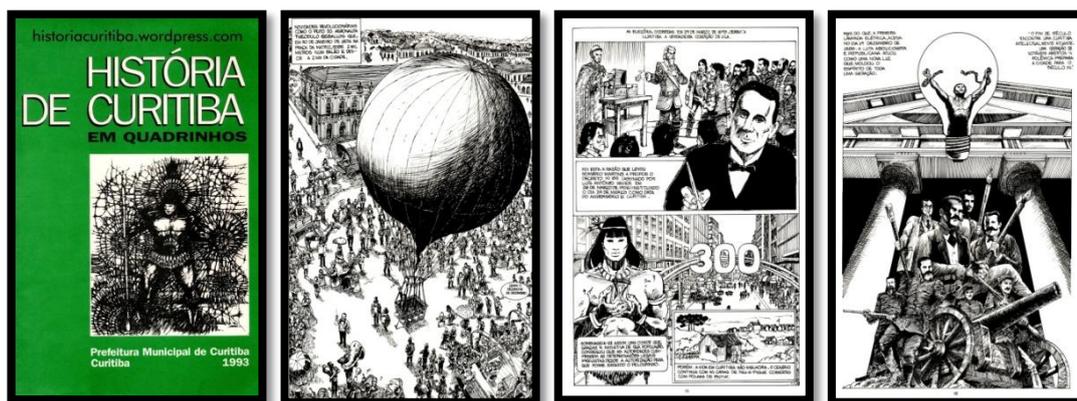
Após o fechamento da Edrel, Seto já morava em Curitiba e com o surgimento da Grafipar é convidado para orientar na produção dos quadrinhos e logo se torna o responsável por todo o grupo de quadrinistas. Na editora relança um de seus maiores sucessos, ainda na época da Edrel, Maria Erótica. Lançou também

várias histórias de Mangás e criou personagens como Super Pinóquio, inspirado no personagem japonês Astro Boy, e Kate Apache, uma heroína do velho oeste (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Seto possuía um estilo bastante arrojado na confecção de suas HQs. Ele trabalhava explorando os quadrinhos verticalmente ou horizontalmente ao máximo. Outra característica de seu estilo era o uso de recursos cinematográficos na busca de alcançar uma maior expressividade de seus personagens (NEVES, 2006).

Após o fechamento da Grafipar, Claudio Seto acaba se distanciando dos quadrinhos e ainda assim publica outros trabalhos como História de Curitiba em Quadrinhos, na comemoração dos 300 anos da cidade.

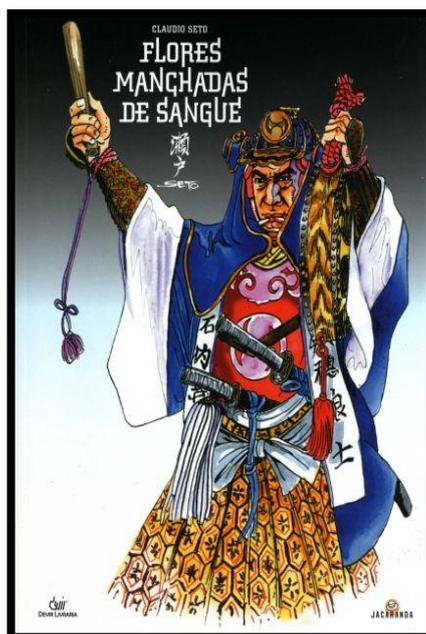
Em Curitiba foi responsável pelo festival sobre a cultura japonesa, o *Matsuri*.



Figuras 87, 88, 89 e 90: Detalhes livro História de Curitiba em Quadrinhos  
Fonte: Coleção particular, 1993.

Claudio Seto faleceu no dia 15 de novembro de 2008, aos 64 anos em Curitiba.

No ano de 2009 é lançado o álbum Flores Manchadas de sangue, pelas editoras Jacarandá e Devir. Trata-se de uma obra póstuma que traz cinco histórias criada e desenhada por Seto na revista Histórias de Samurais quando trabalhou na editora Edrel, em 1960.



**Figura 91: Álbum Flores Mançadas de Sangue**  
**Fonte: Blog dos Quadrinhos, 2009.**

## FLÁVIO COLIN

Flávio Barbosa Mavignier Colin, conhecido como Flávio Colin, nasceu no Rio de Janeiro e trabalhou em toda sua vida como ilustrador e criador de histórias em quadrinhos. Começou inicialmente na editora RGE, nos anos de 1956 a 1959.

Flávio Colin é considerado por muitos, como um dos melhores desenhistas brasileiros e também como o melhor desenhista de quadrinhos do Brasil. Possuidor de um traço moderno, á frente de sua época, Colin exibia linhas sintéticas que valorizava os contrastes de superfícies do preto e espaços em branco; sendo muitas vezes criticados pelo seu estilo inovador.

O artista tinha uma preocupação constante sobre aquilo que desenhava e roteirizava, sendo bastante meticuloso e ousado; estudava sempre novas possibilidades de se trabalhar os quadrinhos. Também buscava sempre uma forma de transparecer uma marca que fosse brasileira, dispensando referências estrangeiras como “solução” e “referência” de “boa produção” nas HQs. Flávio Colin produziu de tudo: eróticas, terror, guerra, policial, HQs ecológicas e com temas regionais.

Um de seus trabalhos mais conhecidos foi o álbum sobre a Guerra dos Farrapos e sua colaboração na revista Calafrio (sobre quadrinhos de terror), da editora D'art.

Flavio Colin faleceu no dia 13 de agosto de 2002, aos 72 anos, vítima de um enfarte (SRBEK, 2007).

## FRANCO DE ROSA

Franco de Rosa é um dos mais conhecidos profissionais dos quadrinhos no mercado brasileiro. Roteirista, quadrinista, escritor, jornalista e empresário, Franco de Rosa esteve presente ativamente na trajetória da HQ Nacional nas últimas quatro décadas, envolvido nos principais projetos, criando, editando, resgatando profissionais do ramo e incentivando novos artistas e novos trabalhos.

O artista publicou vários artigos em uma coluna de quadrinhos no jornal Folha da Tarde onde procurou resgatar a importância das pessoas que fizeram parte da história dos quadrinhos no Brasil, colaboradores como Miname Keizi, um dos fundadores da editora Edrel.

Franco de Rosa trabalhou em diversas editoras brasileiras, como a Ebal, Press, Grafipar, etc. e a partir dos anos 80, com sua vasta experiência no mercado editorial e como roteirista, tornou-se crítico especializado dos quadrinhos. Fundou, em 1997, a editora Mythos e mais tarde em 1999 a editora Opera Graphica, que funcionou até o ano de 2009 e é considerada por muitos como a grande editora do expoente nacional na produção de quadrinhos nos últimos anos (BARALDI, 2009).

## JULIO SHIMAMOTO

Artista Plástico, desenhista, quadrinista e diretor de arte, Julio Yoshinobu Shimamoto nasceu em São Paulo em 1939. Descendente da uma família de samurais aristocratas do Japão. Shima, como é conhecido, desenhou vários livros

didáticos, ilustrações para capas de revistas, HQs e criou também *storyboards* para comerciais e para o cinema. Ele é considerado por muitos como o maior quadrinista vivo do Brasil, com seus traços mesclando o claro e escuro e com bastante influência dos mangás.

Trabalhando com quadrinhos em diversos gêneros há mais de cinquenta anos; com um desenho bastante peculiar, passou por muitas editoras do país, como a La Selva, Outubro, Ebal, Noblet, Folha de São Paulo, Ática, Grafipar, Vecchi, Abril, Record, Bloch, Globo, Opera Graphica, etc.

Atualmente Shimamoto continua produzindo bastante e seus quadrinhos tem um teor extremamente experimental, como a técnica de aplicação de tinta sobre cerâmica que é desgastada, servindo de base para imagens que são feitas em negativo e escaneadas e xerocadas logo em seguida, onde são montadas através de colagens. Em 2011, deu início a uma curta metragem de animação sobre a história “O Ogro” o qual foi ilustrada por ele e publicada na revista Calafrio nº 27 em 1984 pela editora D’art (SHIMAMOTO, 2000).

## MOZART COUTO

Natural de Minas Gerais, Mozart Cunha do Couto, ou simplesmente Mozart Couto trabalhou como ilustrador, quadrinista e roteirista. É um artista bastante conhecido principalmente pelas belas ilustrações, seus traços limpos com contrastes claro-escuro e produções em lápis e nanquim.

Produziu diversos quadrinhos de diversos gêneros, (com destaque no terror e mangá) sendo alguns deles exportados para a Europa, em países como Bélgica, França, Alemanha, Dinamarca e Holanda.

No Brasil produziu para muitas editoras, como a editora Vecchi, D-Arte, Press Editorial, Editora Abril e Grafipar. No ano de 1993, o artista colaborou também para editoras americanas, como a *Marvel Comics*, *DC Comics*, *Dark House* e *Image*, onde desenhou personagens conhecidos, como Mulher Maravilha, Thor, Hulk, entre outros. Atualmente trabalha com ilustração utilizando e testando técnicas digitais e na produção de novas histórias em quadrinhos; em imagens para livros, CDs, livros

de RPG, entre outros. Ele possui no currículo de clientes, editoras como a Saraiva, Melhoramentos, Paulinas, Scipione, Record, FTD (GUEDES, 2011).

## NELSON PADRELA

Nelson Padrela, carioca, nascido em 1938 é autor de vários livros, pintor, escritor e participou ativamente do círculo cultural brasileiro. Foi artista plástico e artista gráfico escreveu também vários contos e roteiros para o cinema brasileiro.

Ganhador de vários prêmios, tendo participado da Bienal de São Paulo, onde expôs seus desenhos e pinturas.

Na editora Grafipar tornou-se um dos principais roteiristas das histórias em quadrinhos e o criador de histórias geniais e divertidas.

Padrella fez bastante sucesso na editora e muitos leitores viam em sua figura uma oportunidade para trabalhar dentro de outro viés da produção dos quadrinhos – o roteiro (WIKIPÉDIA, 2011).

## LUIZ RETTAMOZO

Luiz Rettamozo é um famoso artista plástico curitibano, pintor, poeta e autor de vários livros.

Na Grafipar, Luiz Rettamozo foi um dos primeiros colaboradores e foi através da adaptação feita por ele em formato de quadrinhos de uma revista americana que se iniciou a semente de um novo movimento quadrinista - quadrinhos, estes, publicados na revista Personal, nº 14 em 1978.

Acompanhado de outro artista plástico (Rogério Dias), era responsável pela arte e diagramação das revistas Peteca e Personal e foi ele o responsável pelo projeto inicial e edição do primeiro quadrinho erótico lançado pela Grafipar – a HQ Eros (GONÇALO JUNIOR, 2010).

Atualmente trabalha como Diretor de Arte e Diretor de Criação.

## RODVAL MATIAS

Rodval Matias nasceu em São Paulo e logo na infância veio morar no Paraná. Em busca do sonho da adolescência de ser quadrinista chegou a se mudar para São Paulo para tentar trabalho na editora Edrel. Acabou se decepcionando ao descobrir que a mesma havia fechado as portas. Ficou um tempo em São Paulo e por ironia do destino, foi convidado por Claudio Seto para colaborar com a editora e assim começa sua trajetória na Grafipar.

Considerado por muitos leitores como um dos grandes desenhistas da Grafipar, título esse que ele preferia dividir com Mozart Couto, era o principal criador das capas das HQs, onde utilizava a pintura sobre óleo para produzir as imagens. Rodval Matias já trabalhou como pintor, desenhista, gravador, escultor, publicitário, cartunista, ator, decorador e jornalista.

Atualmente Rodval Matias trabalha com ilustrações para livros e como artista gráfico e imagens publicitárias (FERREIRA, 2009).

## ROGÉRIO DIAS

Rogério Dias, que também era responsável pelas revistas Personal e Peteca, foi um dos responsáveis pela ideia de se criar uma cooperativa de quadrinistas em Curitiba, aproveitando o sucesso das revistas adultas da Grafipar.

Na editora, foi o diretor de Arte da revista Passarola – revista de bordo da companhia aérea Varig.

Pintor, desenhista, gravador, escultor, designer gráfico, cartunista, ator, decorador, ilustrador, iniciou sua carreira artística de forma autodidata, passando pela escultura, colagem, fotografia e experimentações em gravura.

Também trabalhou com publicidade, teatro, diretor de arte, cenógrafo e como ilustrador e cartunista em jornais de Curitiba. Em 1993 criou o painel 300 galhas, em comemoração aos 300 anos da cidade de Curitiba, onde é reconhecido como um dos mais autênticos artistas contemporâneos.

Atualmente vive com o trabalho de artista plástico (DIAS, 2008).

## SEBASTIAO SEABRA

Autodidata, Sebastião Rodrigues Seabra, o Seabra, desenhou quadrinhos diversos, ilustrou livros, charges, tiras e trabalhou com publicidade e também deu aulas de desenhos. Durante a sua participação pela editora Grafipar, era muito conhecido pela riqueza de detalhes dos corpos humanos em suas ilustrações. Segundo o autor, parte desse aprimoramento veio a partir de estudos e desenhos criados de livros de anatomia humana, uma de suas primeiras fontes de inspiração.

Seabra criou também diversos contos e HQs eróticas em diversas revistas. Também publicou varias apostilas sobre técnicas de como desenhar e recentemente (em 2011), criou um curso online de desenho de mangá.

Atualmente não dá mais aula e vive de desenho e eventuais trabalhos de arte, em geral sobre HQ, publicidade e ilustrações diversas. Trabalha como chargista no jornal Tribuna da Imprensa, em São Paulo (SEABRA, 2005).

## WATSON PORTELA

Com codinomes de “Barroso” e “Helga”, Watson Portela é autor de vários quadrinhos brasileiros. Natural de Pernambuco, trabalhou nas editoras RGE, Vecchi, Grafipar e Abril. Na Abril desenhou Os Trapalhões, personagens da Disney, He-Man e Jovem Radical.

Watson Portela era considerado, pelos leitores da Grafipar, como um dos melhores desenhistas da editora. Fez terror, erotismo, faroeste, humor e super-heróis e ficção, sendo conhecido nesse gênero como o “papa dos quadrinhos de ficção dos anos 80”, com sua principal publicação a revista da “Spekro” da extinta Editora Vecchi. Na época do auge da editora Grafipar, veio também morar em Curitiba. Seu trabalho mais conhecido são os álbuns “Paralelas” e “Vôo Livre”.

Segundo Watson, cansado dos calotes recebidos pelas editoras, ele deixou de publicar revistas em quadrinhos por alguns anos. Recentemente, em 2010, Watson preparou três novos trabalhos em quadrinhos: Ecos da vida, O Rei Orobó IV e Enigmas.

**APÊNDICE C - TABELA DE DADOS DOS QUADRINHOS DA GRAFIPAR, APRESENTADAS NO ALMANAQUE**

REVISTA	Nº (S)	ANO	HISTÓRIA (S)	AUTOR (ES)
AVENTURA EM QUADRINHOS KATY APACHE	08	1980	CAPA; O PASTOR	MOZART COUTO
AVENTURA EM QUADRINHOS TUPÃ	09	1980	A JORNADA DE UM GUERREIRO; UM ÍNDIO VIRÁ DE UMA ESTRELA	PAULO LEMINSKI; RODVAL MATIAS
CLÁSSICOS ERÓTICOS DE QUADRINHOS	01	1981	CAPA; MÁSCARA DE UM SAMURAI	CLAUDIO SETO
CLÁSSICOS ERÓTICOS DE QUADRINHOS	02	1981	DECAMERÃO	CARLOS MAGNO; RODVAL MATIAS
QUADRINHOS ERÓTICOS GIGANTES	01	1980	CAPA	—
COLEÇÃO ERÓTICA GIGANTES	01	1980	CAPA; CORONEL SANTINHO; A DEGOLA; ÊXTASE ASTRAL	JULIO SHIMAMOTO; CLAUDIO SETO
CONTOS DAS SAFADAS	21	1980	CAPA; REMÉDIO PRA COCEIRA DE MENINA; O CAVALEIRO ABERRANTE	NELSON PADRELLA; ATAÍDE BRAZ; ROBERTO KUSSUMOTO
EROS – QUADRINHOS ERÓTICOS	02	1978	CAPA; VER COM AS MÃOS	ROGÉRIO DIAS
EROS – QUADRINHOS ERÓTICOS	04	1978	PESADELO LUBRICO	LIESENFELD
EROS – QUADRINHOS ERÓTICOS	05	1978	NO SEIO DA FAMÍLIA	CARLOS MAGNO; JULIO SHIMAMOTO
EROS – QUADRINHOS ERÓTICOS	06	1978	PORTA ABERTA	VALDECI FERREIRA
ESPECIAL DE QUADRINHOS	01	1980	CAPA; BAGUAL	JOSÉ ANGELI; FLÁVIO COLIN
ESPECIAL DE QUADRINHOS	05	1980	VINGANÇA DOS TUPINAMBÁS; SOCORRO	CARLOS MAGNO; RODVAL MATIAS; WILD PORTELA
ESPECIAL DE QUADRINHOS	07	1980	COLUNA DO MEIO	WILD PORTELA; ROBERTO CÂMARA
ESPECIAL DE QUADRINHOS	09	1980	O ÚLTIMO VAGUEIRO; VINGANÇA MORTA	ROBERTO CÂMARA; WATSON PORTELA
FÊMEAS	04	1979	CAPA; TANIA TEMPESTADE; MADAME SATÃ-COMO CUIDAR DE UM MENINO	CARLOS MAGNO; WATSON PORTELA; BARROSO; BISTECO BORÓ; NELSON PADRELLA; ITAMAR GONÇALVES
FÊMEAS	16	1981	O PORTADOR DO MAL	MOZART COUTO
FÊMEAS	20	1981	HYANIA	MOZART COUTO
HYANIA – HERÓI ERÓTICO	01	1981	OS SEGUIDORES DE UAR	MOZART COUTO
ZEUX - HERÓI ERÓTICO	02	1981	O SONHO DA PRIMEIRA CASA	CABRAL; CLAUDIO SETO

DAGOR – HERÓI ERÓTICO	03	1981	O FRESCÃO	SEBASTIÃO SEABRA
HULKÃO – HERÓI ERÓTICO	05	1981	CAPA	_____
LAURA – HERÓI ERÓTICO	06	1981	MULHERES DE A À Z	ROBERTO KUSSUMOTO; KIMI SHIMIZU
MARIA ERÓTICA	01	1981	NO MATO SEM CACHORRO	CLAUDIO SETO; NELSON PADRELA
MARIA ERÓTICA	02	1981	SE DER, É ELA	CLAUDIO SETO; NELSON PADRELA
MARIA ERÓTICA	05	1981	JOÃO E MARIA	CLAUDIO SETO; NELSON PADRELA
MARIA ERÓTICA	08	1981	CAPA	
MARIA ERÓTICA	11	1981	O DRAMA DE UM VAMPIRO	CLAUDIO SETO; MOZART COUTO
MARIA ERÓTICA	18	1981	BETO ADORMECIDO	CLAUDIO SETO
NEUROS	01	1979	CAPA	
NEUROS	02	1979	MALDIÇÃO DESENCARNADA	JULIO SHIMAMOTO
NEUROS	04	1979	PSICOSE	CLAUDIO SETO
NEUROS	06	1979	SERTÃO INSÓLITO	CLAUDIO SETO
NEUROS	08	1979	O GAROTO DE ANTONINA	NELSON PADRELA; FLÁVIO COLIN
NEUROS	11	1979	NECRÓPOLIS	NORIYUKI; MOZART COUTO
NEUROS	12	1979	O ANÃOZINHO DO BORDEL	PAULO LEMINSKI; JULIO SHIMAMOTO
O INSACIÁVEL GARANHÃO	01	1982	CAPA; RATOS DE ESTRADA	CARLOS MAGNO; ITAMAR GONÇALVES
PERÍCIA	02	1979	O CONTO DO ACIDENTE	CARLOS MAGNO
PERÍCIA	03	1979	O TARADO	
PERÍCIA	05	1979	CAPA; ENGANO MORTAL	APOREYMA; JULIO SHIMAMOTO
PERÍCIA	12	1979	DE NOITE, NA ESTRADA; A PISTA	APOREYMA; LUIZ SANDENBERG
PERSONAL HUMOR	08	1982	CAPA; NÃO VELA!	NELSON PADRELA
PLAYGAY	01	1982	CAPA; O FANTASMA DE EDUARDO PYMM; MACHO; PLAYGAY	NELSON PADRELA; RODVAL MATIAS; VALDEMAR; MOZART COUTO
PRÓTON	01	1979	CAPA	
PRÓTON	02	1979	A DEGOLA	JOSÉ ANGELI; FLÁVIO COLIN
PRÓTON	04	1979	OPUS-I; SOLIDÃO	WATSON PORTELA; ATAÍDE BRAZ; ROBERTO KUSSUMOTO
PRÓTON	05	1979	OS CAÇADORES DE MULHERES; O OPERÁRIO	RODVAL MATIAS; NELSON PADRELA; ITAMAR GONÇALVES
PRÓTON	08	1979	NUVEM PÚRPURA MORA ME MEU CÉREBRO	VILACHÃ
QUADRINHOS ERÓTICOS	13	1979	RODO MULHER	CLAUDIO SETO; JOSÉ ATAÍDE
QUADRINHOS ERÓTICOS	31	1980	APENAS UM CORPO DE MULHER	NELSON PADRELA
QUADRINHOS ERÓTICOS	36	1980	O QUE FAZER COM ELA	GRUPO OCTOPUS
QUADRINHOS ERÓTICOS	69	1982	A DÍVIDA	MOZART COUTO; FRANCO DE ROSA
QUADRINHOS ERÓTICOS	81	1983	CAPA; MULHER OBJETO	CLAUDIO SETO; FRANCO DE ROSA; VALDEMAR

SERTÃO E PAMPAS	02	1980	CAPA	_____
SERTÃO E PAMPAS	05	1980	AÇU EM: GUERREIRAS NO GRANDE RIO	RODVAL MATIAS
SERTÃO E PAMPAS	06	1980	A ESCOLHA; OS OLHOS DO DIABO	MOZART COUTO; FRANCO DE ROSA; SEBASTIÃO SEABRA
SERTÃO E PAMPAS	08	1980	CAAPORA	MOZART COUTO
SEXO EM QUADRINHOS	01	1980	CAPA	RODVAL MATIAS
SEXO EM QUADRINHOS	02	1980	A BELA ADORMECIDA	CLAUDIO SETO; NELSON PADRELA
SEXO EM QUADRINHOS	07	1980	SADOMÃO: A DAMA DO CHICOTE	GRUPO OCTOPUS
SEXO EM QUADRINHOS	42	1982	FUSQUETINHA	LUZ ROCHA; WATSON PORTELA
SEXO E QUADRINHOS	43	1982	CARTAZ PERSONAGENS 1983	SEBASTIÃO SEABRA
SEXY COMICS	01	1981	CAPA; HORA DA SAUDADE	CARLOS MAGNO; FLAVIO COLIN
SEXY COMICS	02	1981	AS BOLINHAS	WATSON PORTELA ITAMAR GONÇALVES
SEXY COMICS	03	1981	A PAQUERA	FERNANDO IKOMA; GUSTAVO MACHADO
SEXY COMICS	05	1981	A COLIGAÇÃO	FRANCO DE ROSA; WATSON PORTELA
SEXY COMICS	06	1981	DE QUE COR?	SERGIO LIMA;
SEXY WEST	01	1981	CAVALOS SELVAGENS	RODVAL MATIAS; NELSON PADRELA FRANCO DE ROSA;
SEXY WEST	02	1981	O CARRASCO	ARTUR ROSA; WILSON VIERA
SEXY WEST	03	1981	CAPA	FRANCO DE ROSA; WATSON PORTELA
SEXY WEST	04	1981	O REBELDE	MOZART COUTO
SEXY WEST	05	1981	BAT BLUE	FRANCO DE ROSA; WATSON PORTELA
SUPER GAY	01	1982	PORQUE OS SILICONES DOBRAM; POWER GAY – O COLECIONADOR; GALERIA DE AMIGUINHOS COLORIDOS DO SUPER GAY	WATSON PORTELA
TARAS SEXUAIS	01	1981	OS SONHOS DE SSARA: O VENDEDOR DE BONECOS; A LÉSBICA	MOZART COUTO; ESTEVES
TARAS SEXUAIS	02	1981	FALO	RETTA RETAMOZO; NELSON PADRELA; BETO NOVELLI
VOLÚPIA	02	1980	CAPA	
VOLÚPIA	10	1981	O GARANHÃO EM: ENQUANTO A NUVEM PASSA; A VINGANÇA OU O HAKIRI; OHMICO	CARLOS MAGNO; ITAMAR GONÇAVES; JULIO SHIMAMOTO; GUSTAVO MACHADO
VOLÚPIA	11	1981	FUGA DE ÉDEN	OTÁVIO; CORTIANO
VOLÚPIA	12	1981	FARGO	FRANCO DE ROSA

APENDICE D – FOTOS DO ALMANAQUE

